

Escola Superior de Educação João de Deus

Mestrado em Educação Pré - Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do
Ensino Básico

Estágio Profissional I, II, III

Relatório de Estágio Profissional

Susana Serpins Domingues

Lisboa, setembro 2012



Escola Superior de Educação João de Deus

Parecer do(a) Orientador(a)

Nome do(a) orientador(a) MARIA PAULA T.F. COLARES REBEIRA DOS REIS,
tendo presente o Relatório da Prática de Ensino Supervisionada (Estágio Profissional) desenvolvido pelo(a)
licenciado(a) SUSANA SERPINS DOMINGUES

realizado no âmbito do Mestrado – 2º Ciclo de Estudos (Formação de Docentes) MESTRADO EM EDUCAÇÃO,
PNE-ESCOLAR E ENSINO DO 1.º CICLO DO ENSINO BÁSICO..... considero que se trata
de um trabalho que reúne as condições necessárias para ser defendido e apresentado.

Nestes termos, solicito ao Conselho Científico desta Escola a nomeação de um Júri para apreciação do respectivo
Relatório apresentado pelo(a) candidato(a).

Lisboa, 26 de SETEMBRO de 2012



Paula Colares Pereira dos Reis

Escola Superior de Educação João de Deus
Mestrado em Educação Pré - Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do
Ensino Básico

Estágio Profissional I, II, III

Relatório de Estágio Profissional

Susana Serpins Domingues

Relatório apresentado para obtenção do grau de Mestre em Educação Pré –
Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, sob a orientação da
Professora Doutora Paula Colares Pereira dos Reis

Lisboa, setembro 2012

Agradecimentos

O presente trabalho não teria sido possível sem a colaboração de todas as pessoas que me ajudaram durante estes longos quatro anos e meio. Por esse motivo, queria deste já manifestar os meus sinceros agradecimentos a todos aqueles que contribuíram para a sua concretização.

Em primeiro lugar, quero agradecer à minha orientadora, Professora Doutora Paula Colares Pereira dos Reis, pela excelente orientação. Por toda a dedicação e ajuda que me deu ao longo do curso e na realização deste relatório.

À minha coorientadora Mestre Cristina Viana, pela sua disponibilidade, paciência e o apoio que me deu.

Ao Professor Doutor. António Ponces de Carvalho, enquanto diretor da Escola Superior de Educação João de Deus, um grande obrigado pelas oportunidades, experiências e descobertas que me proporcionou durante a licenciatura, e pelas maravilhosas visitas de estudo que organizou, onde tamos em contacto com realidades diferentes das que estamos habituadas.

Obrigada a todos os professores e orientadores da Escola Superior de Educação pelos momentos e aulas que me proporcionaram durante o curso. Sem essa ajuda, nada seria possível, pois as suas experiências e vivências ajudaram - me muito na prática. E um obrigada especial também para todas as educadoras do jardim-escola e diretora, que me ajudarem sempre que lhes solicitei ajuda

Ao Professor Doutor José de Almeida, por todos os conhecimentos e saberes que me transmitiu durante as aulas que lecionou.

Obrigada também a todos os meninos e meninas do Jardim-Escola, pois foram fundamentais para o meu enriquecimento pessoal e profissional.

Agradeço a todas as colegas que me ajudaram durante o curso, pois foram elas que estiveram comigo grande parte do tempo e me ouviram sempre que estava feliz ou mesmo menos feliz.

Um obrigado especial a três colegas em particular, a Rita Ramalho, a Tânia Dantas e a Tânia Taveira pois, com a vossa ajuda e apoio, foi mais fácil enfrentar as etapas difíceis que tive pela frente.

É com todo o amor que agradeço aos meus pais, pois sem eles nada poderia ser possível. Obrigada por todo o apoio que me deram desde que decidi que queria tirar o curso de Educadora de Infância.

Quero também agradecer ao meu namorado o seu apoio fundamental. Porque me ajudou muito sempre que tive aulas para dar e trabalhos para fazer; pelos momentos em que me ouviu ou porque estava triste ou mesmo quando queria contar as coisas maravilhosas que tinham acontecido no estágio.

Obrigada a todos os familiares que me ajudaram na concretização deste relatório.

Agradeço também a todas as minhas amigas que me ajudaram sempre que precisei e a quem recorri quando necessitava de algo para as minhas aulas e não conseguia arranjar. Um grande obrigado pela vossa amizade.

Índice (Geral)

Índice de Figuras	15
Índice de Quadros	17xvii
Introdução	1
Identificação do local de estágio.....	2
Descrição da estrutura do relatório de estágio	4
Importância da elaboração do relatório de estágio profissional.....	4
Identificação do grupo de estágio	5
Metodologia utilizada	5
Pertinência do estágio	6
Cronograma do estágio;.....	7
Capítulo 1 – Relatos Diários	9
1.1-Rotina da Educação Pré-Escolar:	11
Acolhimento.....	11
Higiene.....	12
Recreio	12
Almoço.....	12
Sesta	13
1.2-Bibe Azul B - 1. ^a secção	14
1.2.1-Characterização do grupo e horário	14
1.2.2-Characterização do espaço.....	15
Figura 1 – Sala do bibe azul	16
1.2.3-Relatos Diários	16
1.3- Relatos Bibe Amarelo B – 2. ^a Secção:	29
1.3.2-Characterização do espaço:.....	30
Figura 2 – Sala do bibe amarelo.....	31
1.3.3-Relatos Diários:.....	31

1.4- Bibe Encarnado B -3.ª Secção:.....	46
1.4.1- Caracterização do grupo e horário:	46
1.4.2- Caracterização do espaço:	47
Figura 3 – Sala do bibe encarnado	48
1.4.3- Relatos Diários:.....	48
1.5- Bibe Amarelo B - 4.ª Secção:	61
1.5.1- Relatos:	61
1.6 - Rotina do 1.º Ciclo:	63
1.7 - Bibe Castanho A - 4.ª Secção:	64
1.7.1- Caracterização do grupo e horário:	64
1.7.2 - Caracterização do espaço	65
Figura 4 – Sala do bibe castanho.....	66
1.7.3 - Relatos Diários:.....	66
Figura 5 - Visita de Estudo à Kidzania.....	68
1.8- Bibe verde A - 5ª Secção:	80
1.8.1 - Caracterização da turma e horário:	81
Figura 6 – Bibe Verde A	81
1.8.2 - Caracterização do espaço:	82
1.8.3 - Relatos Diários:.....	82
Figura 7 – Proposta de trabalho do Itinerário.....	86
1.8 – Bibe Verde A - 6ª Secção:	94
1.8.1 - Caracterização da turma e horário:	94
Figura 8 - Bibe Verde A.....	95
1.8.2 - Caracterização do espaço:	96
1.8.3 - Relatos Diários:.....	96
1.9 – Bibe azul claro - 7ª Secção:	110
1.9.1 - Caracterização da turma e horário:	110
1.9.2 - Caracterização do espaço:	112
Figura 9 – sala do bibe azul claro.....	112

1.9.3 - Relatos Diários:.....	112
Figura 10 - Trabalho das Constelações	122
Capítulo 2 – Planificações.....	127
2.1 – Descrição do capítulo:.....	128
2.2 – Fundamentação teórica	128
Figura 11 - Exemplo de uma planificação do Modelo T.....	130
2.3- Planificações.....	131
2.3.1. Planificação do bibe encarnado no Domínio da Linguagem Oral e abordagem à Escrita.....	131
Figura 12. – Livro: A semente sem somo	132
2.3.2. Planificação da aula no bibe azul no Domínio do Conhecimento do Mundo.	135
2.3.3. Planificação do bibe encarnado no Domínio da Matemática	138
2.3.4 Planificação do bibe verde no Domínio da Matemática.....	140
2.3.5Planificação do bibe verde na Área do Estudo do Meio	141
Figura 13 – esquema com estados de agregação da matéria	143
Capítulo 3 – Dispositivos de avaliação	145
3.1. - Descrição do capítulo	146
3.2. – Fundamentação Teórica	146
3.3 Dispositivos de avaliação para a Educação pré-escolar:.....	150
3.4 Dispositivos de avaliação da Área de Expressão e Comunicação: Domínio da Matemática	150
3.4.1. Contextualização	150
3.4.2. Descrição de parâmetros, critérios e cotação	150
3.4.3. Grelha de Avaliação da Área de Expressão e Comunicação: Domínio da Matemática	152
3.4.4. Apresentação dos dados obtidos na avaliação na Área de Expressão e Comunicação: Domínio da Matemática	154
Figura 14 – Gráfico 1 referente às classificações obtidas na avaliação da Área das Expressões e Comunicação: Domínio da Matemática	155
3.4.5. Análise dos Resultados.....	155

3.5. Dispositivos de avaliação da Área de Expressão e Comunicação: Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita.....	156
3.5.1. Contextualização	156
3.5.2. Descrição de parâmetros, critérios e cotação	156
Figura 15 – Dispositivo de avaliação da Área de Expressão e Comunicação: Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita – Pré-Escolar.....	158
3.5.3. Grelha de avaliação da Área de Expressão e Comunicação: Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	159
3.5.4. Apresentação dos dados obtidos na avaliação da Área de Expressão e Comunicação: Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	160
3.5.5. Análise dos Resultados.....	161
3.6 Dispositivos de avaliação para o Ensino do 1.º Ciclo.....	161
3.7. Dispositivo de avaliação na Área de Estudo do Meio	161
3.7.1. Contextualização	161
Figura 16 – Dispositivo de avaliação da Área de Estudo do Meio – 1.º Ciclo.....	162
3.7.2. Descrição de parâmetros, critérios e cotação	163
3.7.3. Grelha de avaliação da Área do Estudo do Meio	163
3.7.4. Apresentação dos dados obtidos na avaliação da Área do Estudo do Meio.....	165
Figura 17 – Gráfico 2 referente às classificações obtidas na avaliação da Área de Estudo do Meio	166
3.7.5. Análise dos Resultados.....	166
3.8. Dispositivo de avaliação na Área da Matemática	167
3.8.1. Contextualização	167
3.8.2. Descrição de parâmetros, critérios e cotação	167
Figura 18 – Dispositivo de avaliação da Área de Expressão e Comunicação: Domínio da Matemática – 1.º Ciclo.....	168
3.8.3. Grelha de avaliação da Área da Matemática	169
3.8.4. Apresentação dos resultados obtidos na avaliação n Área das Expressões Domínio da Matemática	170
3.8.5. Análise dos Resultados.....	170
Reflexão Final	173

Neste capítulo vou dar a conhecer a minha opinião sobre este relatório de estágio profissional e sobre o ano e meio que tive de Prática Pedagógica. Vou também referir quais foram as minhas limitações e o que irei aprofundar futuramente..... 174

Considerações finais 174

Limitações..... 175

Novas pesquisas..... 175

Índice de Figuras

Figura 1 – Sala do bibe azul	16
Figura 2 – Sala do bibe amarelo.....	31
Figura 3 – Sala do bibe encarnado	48
Figura 4 – Sala do bibe castanho.....	66
Figura 5 - Visita de Estudo à Kidzania.....	68
Figura 6 – Bibe Verde A	81
Figura 7 – Proposta de trabalho do Itinerário.....	86
Figura 8 - Bibe Verde A.....	95
Figura 9 – sala do bibe azul claro.....	112
Figura 10 - Trabalho das Constelações	122
Figura 11 - Exemplo de uma planificação do Modelo T.....	130
Figura 12. – Livro: A semente sem somo	132
Figura 13 – esquema com estados de agregação da matéria	143
Figura 14 – Gráfico 1 referente às classificações obtidas na avaliação da Área das	
Figura 15 – Dispositivo de avaliação da Área de Expressão e Comunicação: Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita – Pré-Escolar.....	158
Figura 16 – Dispositivo de avaliação da Área de Estudo do Meio – 1.º Ciclo.....	162
Figura 17 – Gráfico 2 referente às classificações obtidas na avaliação da Área de Estudo do Meio	166
Figura 18 – Dispositivo de avaliação da Área de Expressão e Comunicação: Domínio da Matemática – 1.º Ciclo	168

Índice de Quadros

Quadro 1 – Cronograma do estágio	7
Quadro 2 – Rotinas diárias do Pré-Escolar	14
Quadro 3 - Análise descritiva do horário de estágio no bibe Azul	15
Quadro 4 - Análise descritiva do horário de estágio no bibe Amarelo	30
Quadro 5 - Práticas observadas no bibe Encarnado	47
Quadro 6 – Rotinas diárias do 1.º ciclo	63
Quadro 7 - Práticas observadas no bibe Castanho	65
Quadro 8: Áreas disciplinares observadas no bibe Verde	82
Quadro 9 - Práticas observadas no bibe Verde	95
Quadro 10 – Áreas curriculares observadas no bibe Azul Claro	111
Quadro 11 – Planificação do bibe Encarnado no Domínio da Linguagem Oral e abordagem à Escrita	133
Quadro 12 – Plano da aula dada no bibe Azul, no Domínio do Conhecimento do Mundo	136
Quadro 13 – Plano da aula no bibe Amarelo, no Domínio da Matemática	138
Quadro 14 – Plano de aula no bibe Castanho, no Domínio da Matemática	140
Quadro 15 – Plano de aula no bibe Verde, na área de Estudo do Meio	142
Quadro 16 – Escala de avaliação	149
Quadro 17 - Cotação do dispositivo de avaliação na Área da Expressão e Comunicação: Domínio da Matemática	151
Quadro 18 – Grelha de avaliação da Área das Expressões e Comunicação: Domínio da Matemática	153
Quadro 19 – Quadro de frequências da proposta de Domínio da Matemática	154
Quadro 20 - Cotação do dispositivo de avaliação na Área de Expressão e Comunicação: Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	157
Quadro 21 – Grelha de avaliação da Área das Expressões e Comunicação: Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	159
Quadro 22 – Quadro de frequências da proposta de Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	160
Quadro 23 – Parâmetros, critérios e cotação da avaliação na Área de Estudo do Meio	163
Quadro 24 – Grelha de avaliação da Área de Estudo do Meio	164
Quadro 25 – Quadro de frequências da proposta da Área de Estudo do Meio	165
Quadro 26 - Cotação do dispositivo de avaliação na Área da Matemática	167
Quadro 27 – Grelha de avaliação da Área das Expressões e Comunicação: Domínio da Matemática	169
Quadro 28 – Frequências da proposta na Área das Expressões Domínio da Matemática	170

Introdução

No âmbito das Unidades Curriculares de Estágio Profissional I, II e III, a elaboração do Relatório de Estágio Profissional é um dos pré-requisitos para a sua conclusão com vista à obtenção do grau de mestre em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

O Estágio Profissional teve início a 12 de outubro de 2010 e terminou a 10 de fevereiro de 2012. Foi organizado da seguinte forma: numa primeira etapa, no Jardim Escola João de Deus de Albarraque, de 12 de outubro a 25 de fevereiro de 2011, passando por todos os grupos etários do Pré-Escolar. Numa segunda etapa, o estágio realizou-se no Jardim Escola João de Deus da Estrela, com início a 14 de março de 2011, e terminou a 10 de fevereiro de 2012, passando por todos os grupos etários do 1.º Ciclo do Ensino Básico, sendo este sempre às segundas, terças e sextas feiras, das 9 horas às 13 horas.

Foi-me solicitado que fizesse um relato dos dias de estágio observados, com as respetivas inferências, bem como as fundamentações e planificações das atividades realizadas, os dispositivos de avaliação e uma reflexão final sobre o mesmo.

Identificação do local de estágio

Jardim-Escola João de Deus de Albarraque

O Jardim-Escola João de Deus, de Albarraque, situa-se na rua Alfredo da Silva nº35, na localidade de Albarraque, freguesia de Rio de Mouro, concelho de Sintra e distrito de Lisboa. A vila de Rio de Mouro encontra-se situada a 6 km da sede do concelho de Sintra e cerca de 15 km da cidade de Lisboa.

O Jardim-Escola está situado numa zona onde existem alguns transportes públicos, especificamente autocarros, sendo fácil o acesso para chegar ao IC19, bem como a estação dos comboios de Rio de Mouro (Sintra).

Em relação ao espaço físico, este jardim-escola tem uma área interior, onde podemos encontrar salas de aula, a sala da televisão/biblioteca, cozinha, cantina, ginásio, sala de música, secretária, gabinete de direção, papelaria, lavandaria, sala de arrumos, uma casa de banho para adultos, com duche, e duas para crianças uma para o bibe encarnado e azul, e outra para o bibe amarelo, que está dividida em três, uma parte apenas com lavabos e duas com sanitas, estando uma parte adaptada com uma sanita para deficientes, uma zona de vestir e uma banheira, enfermaria e uma sala para as mães.

O espaço exterior é organizado por dois recreios distintos, uma para as crianças do jardim-de-infância, outro para os alunos do ATL (Atividades de Tempos Livres). Contudo, era necessário um espaço maior para o número de crianças existentes no jardim-escola. Os dois recreios têm um espaço de divertimento com baloiços e um espaço de lazer. O recreio do ATL tem também um campo de futebol e, uma mini quinta com uma horta.

Este jardim-escola é frequentado por crianças com idades compreendidas entre os 3 meses e os 6 anos, e pelas crianças do ATL, que têm idades compreendidas entre os 6 e os 13 anos. As turmas são organizadas conforme as faixas etárias, existindo duas salas para cada idade. Cada cor do bibe corresponde a uma idade: o bibe azul turquesa – 1 ano; o bibe verde claro – 2 anos; o bibe amarelo – 3 anos; o bibe encarnado – 4 anos; o bibe azul – 5 anos. Cada turma tem, em média, 26 alunos.

No Jardim-escola as crianças têm atividades não-curriculares, como Ballet e Karaté, Informática, Música e Inglês.

Jardim-Escola João de Deus da Estrela

No segundo semestre do Mestrado, o estágio foi realizado no Jardim-Escola da Estrela.

Este fica situado na Avenida Álvares Cabral, n.º 69 A, em Lisboa, junto do jardim da Estrela. Fica ao lado da Escola Superior de Educação João de Deus. Ao seu redor encontram-se casas de habitação, lojas variadas e à sua frente está o Liceu Pedro Nunes.

É um jardim-escola muito acolhedor e apesar da sua estrutura já ter algum tempo, encontra-se em bom estado de conservação. Sendo constituído por duas valências, o pré-escolar e o 1.º ciclo, sendo que estes têm espaços de brincadeira separados. Cada turma e cada bibe tem a sua sala, à exceção do bibe encarnado que partilha o salão.

Em relação ao espaço físico, este jardim-escola é constituído por uma área interior, composta por salas de aula a sala da televisão, biblioteca, cozinha, cantina, ginásio, sala de música, sala para a informática. secretaria, gabinete de direção, papelaria, lavandaria, sala de arrumos, uma casa de banho para adultos, com duche, e várias casas de banho para as crianças, uma para o bibe encarnado e azul, e outra para o bibe amarelo, que está dividida em duas; uma parte com lavabos e a outra com sanitas, uma zona de vestir e enfermaria.

O espaço exterior é organizado em dois recreios distintos, um para as crianças da educação pré-escolar e outro para os alunos do 1.º ciclo. Os dois recreios têm um espaço de divertimento com baloiços e um espaço de lazer.

Este jardim-escola é frequentado por crianças com idades compreendidas entre os 3 anos e os 10 anos. As turmas são organizadas conforme as faixas etárias, existindo duas salas para cada idade. A cada cor do bibe corresponde uma idade: o bibe amarelo – 3 anos; o bibe encarnado – 4 anos; o bibe azul – 5 anos; o bibe castanho – 1.º ano; o bibe verde – 2.º ano; o bibe azul claro – 3.º ano e, por fim a bibe azul escuro – 4.º ano. Cada turma tem, em média, 27 alunos.

Descrição da estrutura do relatório de estágio

Este relatório está dividido em cinco partes: Introdução e 3 capítulos e reflexão final. Capítulo 1, Relatos Diários; Capítulo 2, Planificações; Capítulo 3, Dispositivos de Avaliação e Reflexão Final.

Na Introdução, apresentarei a identificação do local de estágio; descrição da estrutura do relatório de estágio; importância da elaboração do relatório de Estágio Profissional; identificação do grupo de estágio; metodologia utilizada; pertinência do estágio e, por último, o cronograma do mesmo.

No capítulo 1- Relatos Diários, encontramos oito secções, que correspondem aos três momentos de estágio na educação pré- escolar, Seminário de Contacto com a Realidade e quatro momentos no 1.º Ciclo. Em cada uma incluímos o período de estágio, a faixa etária, os relatos diários, que consistem nas observações nas aulas dadas pelas educadoras, colegas e por mim, bem como as inferências e fundamentações que considere pertinentes.

No capítulo 2 – Planificações, apresentarei duas Planificações realizadas na educação Pré-Escolar e duas Planificações realizadas no 1.º Ciclo.

No capítulo 3 – Dispositivos de Avaliação, apresentarei as grelhas de avaliação e respetiva análise e, por último, a reflexão final. No final, incluirei as Referências Bibliográficas.

Importância da elaboração do relatório de estágio profissional

A nível pessoal, a produção deste relatório é bastante importante por diversos motivos. Começando por aquele que me parece mais importante, este relatório servirá para satisfazer um requisito fundamental para a conclusão do Mestrado e consequente certificação para exercer a

profissão. Tem também uma enorme importância a sua realização porque tem acuidade científica.

É também muito importante na medida em que, para a sua elaboração, teremos de investigar e estudar conceitos, ideias e processos que estão associados ao nosso interesse académico e profissional. Todas as pesquisas e descobertas realizadas servirão para uma abordagem mais realista, promovendo a reflexão e ajudando-me a desenvolver uma visão diferente sobre o papel da minha formação.

Citando Alegria, Loureiro Marques e Martinho (2001):

Para o incremento da qualidade da formação de professores a atenção dada Prática Pedagógica (PP) assume um papel decisivo. É através desta que se concretizam atividades diferenciadas, tais como: a observação, a análise e a responsabilização por atividades docentes. Importa salientar a dimensão da prática, como uma realidade onde se valorizam conhecimentos, capacidades, atitudes, níveis de adequação de intenções, todos eles expressos num conjunto de relações interpessoais e institucionais que determinam o exercício competente da profissão (p.70)

Para o elaborar, irei pesquisar, comentar e analisar ideias apresentadas em livros, artigos, entre outros suportes de consulta, relacionados com o Estágio Profissional.

Identificação do grupo de estágio

Por uma questão de organização, os estagiários foram distribuídos por diferentes grupos, e por todas as salas do jardim-escola. No estágio realizado na educação no pré-escolar, fiquei sozinha e sempre que possível, juntava-me às minhas colegas e partilhávamos toda a informação e experiências. No 1.º ciclo, o meu grupo de estágio foi constituído por mais duas colegas: uma no 2.º semestre e outra no último semestre.

Metodologia utilizada

A metodologia utilizada neste trabalho, foi, preferencialmente a observação, pois foi através da mesma que elaborei os relatos diários para este relatório, e também a análise documental.

Segundo Quivy e Campenhoudt (2003):

a observação engloba o conjunto das operações através das quais o modelo de análise (constituído por hipóteses e por conceitos) é submetido ao teste dos factos e confrontado com dados observáveis. Ao longo desta fase são reunidas numerosas informações. A observação é, portanto uma etapa intermédia entre a construção dos conceitos e das hipóteses, por um lado, e o exame dos dados utilizados para as testar, por outro. (p.155)

Os autores atrás referidos afirmam que a observação pode ser direta ou indireta. A observação realizada na elaboração deste relatório foi directa, pois «o próprio investigador procede directamente à recolha das informações, sem se dirigir aos sujeitos interessados. Os sujeitos observados não intervêm na produção da informação procurada. Esta é manifesta e recolhida directamente neles pelo observador.» (p.164)

De acordo com Deshaies (1997)

a “ observação é directa quando se toma nota dos factos, dos gestos, dos acontecimentos, dos comportamentos, das opiniões, das acções, das realidades físicas, em suma, do que se passa ou existe num dado momento, numa dada situação” (p. 296).

Posso referir que concordo com estes autores, pois nunca faltei ao estágio, e estive sempre atenta a observar tudo o que fosse pertinente.

Pertinência do estágio

Quer na licenciatura, quer no mestrado, o estágio torna-se um dos componentes mais importantes e é insubstituível, pois é com a prática que aprendemos a construir a nossa identidade profissional e adquirimos, de uma forma mais consistente e real, os conhecimentos teóricos e práticos associados à docência. Uma das mais-valias da Escola Superior de Educação João de Deus é podermos ter muitas horas de Prática Pedagógica em realidades educativas diferentes, ficando melhores preparadas para o mercado de trabalho.

Cronograma do estágio;

Quadro 1 – Cronograma do estágio

Período de Estágio	Bibe:	Aulas Programadas	Aulas surpresas
12/10/2010 a 15/11/2010	Bibe Azul B	26/10/2010 9/11/20010	
16/11/2010 a 7/1/2011	Bibe Amarelo B	14/12/2010 17/12/2010	3/12/2009
10/1/2011 a 18/2/2011	Bibe Encarnado B	31/01/2011 7/02/2011	18/01/2009
28/2/2011 a 4/3/2011	Bibe Amarelo B		
14/3/2011 a 13/5/2011	Bibe Castanho A	1/4/2011 6/5/2011	
16/5/2011 a 8/7/2011	Bibe Verde A	27/5/2011 30/5/2011 21/6/2011	
27/9/2011 a 18/11/2011	Bibe Verde A	4/11/2011 15/11/2011	25/10/2012
21/11/2011 a 27/1/2012	Bibe Azul Claro A	16/1/2012 27/1/2012	23/1/2012

Conforme se pode ver no quadro 1, o meu estágio realizou-se em todos os bibe do Pré-Escolar e em quatro bibe do Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, sendo que um é repetido. Na 2ª coluna apresentamos a ordem dos respetivos momentos. Por fim, na 3ª e 4ª coluna, as

aulas programadas para as educadoras, bem como as aulas surpresas pedidas por elas e por parte das professoras da equipa de supervisão

Capítulo 1 – Relatos Diários

Este primeiro capítulo encontra-se dividido em oito secções, que correspondem aos três momentos de estágio na educação Pré- Escolar, ao Seminário de Contacto com a Realidade Educativa e aos quatro momentos do 1.º Ciclo. Como já referi anteriormente, cada uma delas consiste na caracterização de cada grupo de crianças, o horário semanal, a rotina do grupo e os relatos diários com as respetivas inferências e fundamentações teóricas.

1.1-Rotina da Educação Pré-Escolar:

A rotina diária é muito importante para o quotidiano de todas as crianças que frequentam o Jardim-Escola, sendo esta adaptada às suas necessidades das crianças.

A rotina não deve ser rígida e estática. Segundo Spodek e Saracho (1994), “a flexibilidade é necessária em qualquer rotina”, esta deve adaptar-se às necessidades das crianças, ou dos educadores/professores, quando necessário. A rotina, quando é bem estabelecida, gera organização e segurança. (p.136),

Salientamos as seguintes: Acolhimento, Higiene, Recreio, Almoço e Sesta que apresso de seguida

Acolhimento

As crianças cantam em roda, de forma espontânea e natural, com as educadoras e os estagiários, durante 20 minutos e terminam quando cantam o hino João de Deus.

Estes momentos são um excelente meio de socialização e convívio entre educadores/alunos e alunos/educadores.

Segundo Zabalza (1998), os momentos de roda são “excelentes momentos para proporcionar à criança oportunidades de realizar experiências-chave (descrevem comportamentos que as crianças realizam naturalmente) de desenvolvimento sócio-emocional, representação, música, movimento, etc(...). Ao realizar experiências-chave no domínio sócio-emocional, a criança está a exercitar atitudes como a confiança, a autonomia, a iniciativa a empatia e a auto-estima” (p.194).

Hohmann e Weikart (2004), referem que, num tempo em grande grupo, “as crianças têm oportunidade de ter iniciativa e aprender as suas ideias, assim sendo, nestes momentos as

crianças têm inúmeras oportunidades de serem simultaneamente participantes e líderes do grupo” (p.407).

No que respeita a aprendizagem de novas canções, Cordeiro (2007) afirma que “permite às crianças estimular a memorização, adquirir mais vocabulário, (...), interiorizar regras, expressar o sentido rítmico, explorar o corpo e complementar a noção de espaço e tempo” (p.373).

Higiene

Os momentos de higiene são de extrema importância no crescimento da criança. São hábitos que devem ser inculcados desde cedo e supervisionados por um adulto, para que sejam feitas as correções necessárias.

Cordeiro (2007) refere que o momento de higiene é “deveras importante” e que “o momento de higiene depende muito, de criança para criança, e de idade para idade o entanto, há um elo comum, o desenvolvimento da autonomia. Nestes momentos, as crianças sentem o gosto de serem crescidos e sentem responsabilidade ao cuidar do próprio corpo” (p. 373).

Para este pediatra e autor, “paralelamente a uma aprendizagem das regras de lavagem, por forma a que estejam instintivas” deve ser mostrado à criança que não se trata de um “frete” a fazer aos pais, ou um bilhete para ir para a mesa, mas sim uma rotina diária que deverá perdurar ao longo da sua vida”(p. 106).

Recreio

Este momento ocorre ou no exterior ou no interior, devido às condições climáticas, três vezes por dia, de manhã, ao almoço e à tarde.

É um momento muito importante onde as crianças brincam livremente, mas de forma, organizada e orientada. São sempre observadas pelas educadoras, que as supervisionam.

Almoço

As refeições são bastante importantes e devem ser compridas todas. As refeições são também uma excelente forma de fomentar a autonomia das crianças, pois elas devem ir percebendo que conseguem comer sozinhos. A utilização dos talheres, por exemplo, é não só

uma excelente forma de trabalhar a coordenação motora (pois, para crianças pequenas, não é fácil a utilização de garfo e faca em simultâneo), como é também uma grande responsabilidade, sendo que estas devem perceber que não podem brincar com os mesmos para não se magoarem.

Segundo Cordeiro (2007), do ponto de vista de socialização, o almoço e o lanche servem “para criar uma maior autonomia, passar implícitas noções de higiene e de saber estar à mesa, respeito pelo ritmo do grupo, mesmo que com variações pessoais, e noções de alimentação e nutrição” (p. 373).

O almoço (e mais tarde o lanche) servem para alimentar, mas, do ponto de vista da socialização, também para criar uma maior autonomia (...) passar implícitas noções de higiene e de saber estar à mesa, respeito pelo ritmo do grupo (...) e noções de alimentação e nutrição (...)” (p. 373)

Sesta

Chegou a hora de carregar baterias e nada melhor que uma boa sesta, num ambiente calmo e sossegado.

Segundo Cordeiro (2008) “a sesta é um direito da criança, nesta idade. Deve ser feita num ambiente calmo”. (p.373) Assim sendo, Quina afirma que (1991) “é importante que o lugar onde a criança dorme seja quanto possível sossegado e escurecido”(p.42)

Antes de se deitarem, e sempre que conseguem fazê-lo sozinhos as crianças, descalçam-se, tiram os bibes e deitam-se desenvolvendo a autonomia das mesmas. Cordeiro (2008) reforça que deve ser “estimulada a autonomia (as crianças devem tirar elas próprias os sapatos, deitar-se e tapar-se sozinhas, mesmo que as educadoras dêem o toque final)”.(p. 373 – 374)

A educadora escurece um pouco a luz da sala e coloca música ambiente.

Quadro 2 – Rotinas diárias do Pré-Escolar

Idades	Rotinas				
	Acolhimento	Recreio	Almoço	Sesta	Higiene
Bibe amarelo	X	x	X	x	X
Bibe encarnado	X	x	X		X
Bibe azul	X	x	X		X

No quadro 2 podemos verificar quais as rotinas que realizam em cada bibe.

1.2-Bibe Azul B - 1.ª secção

Período de estágio de 12/10/2010 a 12/11/2010

Faixa etária: 5 anos

1.2.1-Characterização do grupo e horário

O projeto curricular de Turma (PCT) foi-nos gentilmente cedido pela educadora do grupo, pois é nele que se encontra a caracterização da turma do Bibe Azul B, que, por se tratar de dados oficiais das crianças não deve ser exposto. Visto que o PCT de turma é feito no início do ano letivo, é importante referir que, desde então, o mesmo já sofreu alterações e vai sofrendo até ao final do ano letivo.

A turma do Bibe Azul B é composta por 23 alunos, 11 dos quais do sexo masculino e os restantes do sexo feminino. Todas as crianças têm idades compreendidas entre os 5 e os 6 anos de idade.

A turma é muito alegre, bem-disposta e com bastantes capacidades para aprender.

Horário do Bibe Azul B

O horário semanal faz parte integrante do PCT. Este, inclui as várias atividades que deverão ser realizadas ao longo da semana com as crianças. Sendo este alterado, sempre que necessário. No quadro 3, apresentamos o mesmo.

Quadro 3 - Análise descritiva do horário de estágio no bibe Azul

Horas	segunda-feira	terça-feira	quarta-feira
9h	Roda e canções		
9:30h	Iniciação à leitura e escrita	9:30h	Iniciação à matemática
		10h	Iniciação à escrita matemática
10:30h	Atividades de ar livre		
11:00h	Educação pelo movimento	Estimulação à leitura e escrita	Iniciação à matemática
11:45h	Iniciação à matemática		Iniciação à escrita matemática
12:30h	Jogos livres e orientados	Cantinho da leitura	Jogos livres e orientados

1.2.2- Caracterização do espaço

O bibe azul divide a sala com a outra turma. A principal diferença deste bibe é que ambos funcionam ao mesmo tempo dentro da sala.

Cada educadora organiza o seu espaço de sala de aula, (figura 1) sendo que existem espaços comuns às duas turmas: (a casinha das bonecas), assim como a entrada para as duas

salas, onde as crianças permanecem logo de manhã com uma educadora enquanto a outra educadora não chega, estando as duas turmas juntas.

A educadora dispunha de espaços diferenciados por cada área curricular onde expunha os trabalhos realizados pelos alunos, para que os encarregados de educação os pudessem ver.



Figura 1 – Sala do bibe azul

1.2.3-Relatos Diários

terça-feira, dia 12 de outubro de 2010

Neste dia, e como habitualmente, as crianças começaram por ir em grupo à Cartilha Maternal, enquanto a restante turma estava no lugar a realizar os trabalhos que tinham nos cadernos de escrita. A educadora, antes de chamar o primeiro grupo, pediu a quatro crianças que fizessem a distribuição do material: dois entregavam os copos com os lápis e os outros dois os cadernos.

Circulei pela sala e, sempre que me solicitaram, ajudei as crianças a ler as palavras que tinham de escrever no caderno e até mesmo algumas a escrever no quadro, quando tinham mais dificuldade.

Após o recreio, as crianças foram à casa de banho e depois para a sala, onde a educadora trabalhou com o material Calculadores Multibásicos. Começou por relembrar as regras do Jogo das Bases. Começou a jogar com as crianças, colocando perguntas dirigidas do tipo: “temos 2 peças amarelas mais 3 peças amarelas, com quantas peças amarelas ficamos?” “Se estamos a jogar na base 4, podemos ter 5 peças amarelas?”

Inferências e fundamentação teórica

Não posso deixar de referir que a educadora tem uma forma muito dinâmica de dar as matérias, consegue sempre criar uma história que cativa a atenção das crianças e as faz compreender melhor o que está a ser feito.

É importante referir que o facto de as crianças poderem manipular vários materiais é muito importante para desenvolverem os seus conhecimentos. O jogo das bases é bom para a criança ir desenvolvendo mentalmente o raciocínio, até se chegar à base 10

Segundo Palhares *et al* (2004), “a base de um sistema de numeração é o número de unidades de uma certa ordem com as quais se forma uma unidade de ordem imediatamente superior” (p. 171)

Aharoni (2008) “afirma que é importante a criança perceber dois princípios básicos: o significado das operações e o modo de as calcular. O significado de uma operação baseia-se na sua ligação à realidade. O cálculo significa descobrir a representação decimal do resultado”(p. 49).

A educadora recorreu sempre a situações problemáticas com interesse para as crianças.

sexta-feira, dia 15 de outubro de 2010

Hoje, a educadora pediu, como é habitual, a algumas crianças para distribuírem o material. De seguida, começou a chamar os grupos para irem à Cartilha, enquanto os colegas estavam no lugar a realizar trabalhos de escrita.

Na segunda parte da manhã, a professora deu o 3.º e 4.º Dons de Froebel. As crianças construíram a mesa e as cadeiras, o poço, a mobília da sala, a do quarto, o cadeirão do avô, entre outras.

Todas estas construções foram feitas enquanto a educadora ia contando a história e, no decorrer da mesma, iam fazendo as construções. Criou também situações problemáticas, onde desenvolveram o cálculo mental e o raciocínio.

Inferências e fundamentação teórica

Através da manipulação dos Dons de Froebel as crianças desenvolvem várias capacidades e, através do diálogo respondem a diversas perguntas, como por exemplo.” O 3.º Dom é constituído por que peças? Quantas faces têm? E quantos vértices?”

Os Dons de Froebel estão arrumados dentro de um cubo de madeira, o 3.º Dom é constituído por 8 cubos, e o 4.º por 8 paralelepípedos.

É pertinente e, segundo Caldeira (2009), referir que a utilização destes Dons pode desenvolver nas crianças a comunicação, a concentração, a imaginação, a lateralização, o cálculo mental, a motricidade, o raciocínio lógico, a paciência, a destreza, a determinação e a atenção.

Moreira e Oliveira (2003), afirmam no que respeita a este material:

“(…) com as atividades realizadas, que envolvem construções específicas, pretende-se que as crianças explorem as propriedades de objetos a três e a duas dimensões, bem como a linha e o ponto, fazendo assim uma progressão na sua aprendizagem matemática” (p. 33).

As crianças demonstraram interesse e entusiasmo nesta aula.

segunda-feira, dia 18 de outubro de 2010

Neste dia, a educadora começou novamente por pedir às crianças que distribuíssem o material. Depois escolhia os grupos para irem à Cartilha, enquanto eu ia escrevendo no quadro as letras para eles copiarem e depois, poderem passar para o papel.

Depois das crianças virem do recreio, a professora pediu a duas crianças que fossem distribuir o material, pois hoje ia trabalhar com o material Cuisenaire. Começou por explorar o material, colocando perguntas do tipo: “qual é a cor da peça que vale 2 unidades? Quantas unidades vale a peça amarela? Como é que começamos a fazer a escada por ordem crescente?”

A educadora explorou também noções espaciais como a direita, a esquerda, a diagonal, entre outras. Por último, pediu às crianças que realizassem a escada por ordem crescente, acabando a aula quando lhes pediu para arrumarem o material na caixa.

Inferências e fundamentação teórica

O objetivo da educadora foi o de estimular as crianças a desenvolverem muitas capacidades e destrezas, sobre as quais edificarão mais tarde, o seu conhecimento matemático.

Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (OCEPE), Ministério da Educação (M.E., 1997) existem “materiais utilizados na educação pré-escolar que permitem desenvolver noções matemáticas, uns mais relacionados com a concretização de quantidades e de operações, como por exemplo, o material Cuisenaire (...)” (p.76).

Citando Serrazina (1991) “ investigações têm constatado que os estudantes que utilizam materiais manipulativos na construção de conceitos têm melhores resultados que os que não o fizeram, pois os alunos são indivíduos ativos que constroem, modificam e integram ideias a interacionar com o mundo físico, os materiais e os seus colegas” (p.56).C

De acordo com Palhares e Gomes (2002):

a utilização do material Cuisenaire estende-se a vários conteúdos entre os quais se destacam: fazer e desfazer construções, fazer construções a partir de representações no plano, cobrir superfícies desenhadas no papel quadriculado, (...) estudar as propriedades das operações, efetuar a decomposição de números, efetuar a ordenação de números e comparar “pares de” e resolver problemas (p.171).

Como podemos constatar, a educadora conseguiu trabalhar, de uma forma lúdica e estimulante alguns destes conceitos.

terça-feira, dia 19 de outubro de 2010

A educadora começou por chamar três crianças para distribuírem o material, pois a aula iria ser feita com o material Calculadores Multibásicos. Como é frequente, começou por relembrar as regras do Jogo das Bases e colocou várias perguntas sobre as bases. Posteriormente, realizaram alguns trabalhos de iniciação à escrita matemática.

Na segunda parte da manhã, a educadora pediu-me que distribuísse os cadernos de escrita enquanto ia chamando os grupos à Cartilha. Fiquei sentada ao pé de um menino, que tinha alguma dificuldade no reconhecimento das vogais, a ajudá-lo.

Perto das 12 h 30 m as crianças foram para o recreio brincar, até à hora do almoço.

Inferências e fundamentação teórica

É de salientar que mais uma vez os materiais são muito importantes para desenvolver o cálculo mental.

Para Ahoroni (2008)

o papel do professor entre a criança e a matemática, deve ser o de permitir que experimente diretamente os princípios matemáticos compreendendo as etapas que formam os conceitos para que se construa o “estabelecimento de conceitos a partir da sua fundação”, para além do uso de uma “linguagem explícita e correcta. (p.95)

Segundo Palhares (2004) “a adição é uma operação binária porque a cada par de números inteiros a e b , faz corresponder a um terceiro número inteiro $a+b$, que se designa por soma” (p.180).

Para Bezerra (1992), o material didático é “todo e qualquer acessório usado pelo professor para realizar a aprendizagem. São pois, materiais didáticos: o quadro negro, o giz, o apagador, os livros, instrumentos, os aparelhos e todo o meio audiovisual usado pelo professor ou pelo aluno, durante a aprendizagem” (p.8).

Outro aspeto que considero importante destacar é o momento do recreio.

De acordo com Cordeiro (2007):

o recreio é um espaço da maior importância. O recreio representa uma oportunidade diária para as crianças se envolverem em atividades lúdicas vigorosas e barulhentas, num contexto mais expansivo, no qual desenvolvem

a sua motricidade larga ao correrem, saltarem e fazerem vários jogos. (p.377).

Este autor defende que “ seja no interior ou no exterior havendo um momento anterior “acadêmico”, impõem-se de seguida um de brincadeira pura (p.372).

Quando o tempo não permite que as crianças vão para o exterior, a educadora tenta sempre compensá-las com jogos de movimento, por forma a poderem libertar energias.

sexta-feira, dia 22 de outubro de 2010

Como era habitual a educadora chamou três crianças para ajudarem na distribuição dos cadernos de escrita; enquanto isso começou por chamar alguns grupos de crianças para irem à Cartilha.

Mais tarde, começou por distribuir as Calculadoras Papi, para trabalharem a adição. Relembrou as regras, não podemos ter mais de duas marcas em cada cor, caso isso aconteça temos de tirar uma marca e passar para a cor seguinte.

Inferências e fundamentação teórica

O material anteriormente referido, consiste numa série de placas, divididas em quatro partes iguais; no que diz respeito à cor, são diferentes (branco, azul, rosa e verde). Este serve para orientar a aprendizagem das operações.

Para Caldeira (2009) é necessário considerar, reconhecer, o significado das operações e diferentes situações concretas; reconhecer os algoritmos mais usuais e eficientes das operações; compreender tanto as propriedades das operações como as suas relações. (p. 347)

Foi a primeira vez que vi as crianças do bibe azul a trabalharem com este material e fiquei admirada com a facilidade com que o manuseavam.

segunda-feira, dia 25 de outubro de 2010

Iniciei a aula contando uma história sobre os dentes, com o auxílio de dois fantoches, elaborados por mim, em feltro.

No conhecimento do mundo falei sobre os dentes. Colocando questões por exemplo quantos dentes tinham em criança e com quantos ficávamos em adulto. Levei um crânio (coleção do esqueleto humano) para demonstrar como se lavava os dentes.

De seguida e a pedido da educadora dei uma lição de Cartilha a um grupo de alunos.

Inferências e fundamentação teórica

Pelo facto de ter levado os fantoches, captou a atenção das crianças e estas estiveram sempre atentas.

É importante falarmos e salientarmos a *Cartilha Maternal*, dado que esta é, sem dúvida alguma, uma excelente forma de aprendizagem da linguagem. Segundo Mata (2008, citada por Ruivo 2009), esta aprendizagem tem um importante papel ao “promover um envolvimento precoce das crianças com a escrita” (p. 46).

Gostei muito de dar esta primeira aula no bibe azul, pois as crianças participaram bastante e eu consegui cumprir todos os objetivos a que me propus.

terça-feira, dia 26 de outubro de 2010

Como é hábito, e faz parte das rotinas do bibe azul, a manhã começou com a ida dos grupos à Cartilha, para mais uma lição do dia. Enquanto uns alunos estão com a educadora a ter a lição, os outros encontram-se nos seus lugares a trabalhar nos cadernos de escrita previamente distribuídos.

Mais tarde a educadora cooperante pediu que dois meninos distribuíssem o material Tangram. A educadora trabalhou as quantidades, as formas geométricas e, por fim construíram o gato e resolveram duas situações problemáticas.

Inferências e fundamentação teórica

As crianças já dominam bem o material Tangram.

Com este material a educadora pretendia desenvolver algumas capacidades e destrezas, como por exemplo a concentração e a capacidade que os alunos têm de transformar.

Segundo Caldeira (2009) o Tangram “ajuda a desenvolver as inteligências lógico-matemáticas, espacial e intrapessoal” (p. 398).

Santos (2008) afirma que o:

tangram, como jogo ou como arte, possui um forte apelo lúdico e oferece àquele que brinca um envolvente desafio. Cada vez mais presente nas aulas de matemática, as formas geométricas que o compõe, permitem que os professores vejam neste material a possibilidade de inúmeras explorações. (p. 391).

Não posso deixar de referir que fiquei admirada com a facilidade e a rapidez com que eles também manuseavam este material.

sexta-feira, dia 29 de outubro de 2010

O dia começou da mesma forma. A educadora desafiou-me para estar perto dela enquanto ensinava a Cartilha, por forma a poder estar mais atenta à dinâmica que, desenvolvia,, junto do grupo de crianças.

Após o intervalo, as crianças trabalharam com o material Calculadores Multibásicos na base 6. A educadora fez a revisão das regras e eles muito rapidamente chegaram à resposta correta; por fim realizou mais alguns exercícios sempre na base 6, pedindo - lhes que fizessem a leitura do resultado por cores.

Inferências e fundamentação teórica

Quando a educadora me chamou para junto dela, fiquei muito sensibilizada com a sua preocupação em me envolver na sua prática educativa.

Considero também pertinente a preocupação da educadora em diversificar os materiais estruturados que utiliza nas aulas de domínio da matemática.

Segundo Palhares (2004) “ um algoritmo é um processo sistemático e mecanizado que permite obter um resultado procurado a partir dos dados iniciais” (p.181).

Constatai também que se podem trabalhar as operações com os diferentes materiais e, desta forma, os alunos vão consolidando os conceitos.

terça-feira, dia 2 de novembro de 2010

Até ao intervalo os alunos realizaram a rotina já descrita. Neste dia, fiquei a pedido da educadora a ajudar as crianças nos exercícios de escrita que realizavam no quadro.

Após uns momentos merecidos de descanso, regressaram à sala para mais uma aula na área de domínio da matemática com o material Geoplano, distribuído por dois alunos.

Posteriormente pediu-lhes que construíssem um quadrado com o elástico amarelo, seguidamente que fizessem um triângulo em azul e foi a partir dessas construções que começou a trabalhar as formas geométricas e o conceito de grande e pequeno. A educadora aproveita os conhecimentos já adquiridos e aumenta o grau de dificuldade à medida que avança.

Inferências e fundamentação teórica

Matos e Serrazina (1988) no livro “O geoplano na sala de aula” afirmam que “ a formação dos conceitos pertence à essência da aprendizagem da Matemática e ela tem de ser fundamentalmente baseada na experiência”(p.2)

Segundo Alsina (2004), “é importante fomentar a expressão oral e/ou gráfica acerca das ações realizadas pelas crianças e sobre as relações descobertas” (p.70).

Através da manipulação do material e do diálogo que a educadora promove com as crianças os conceitos vão sendo melhor interiorizados e a criança aprende a expressar-se também melhor.

Esta educadora consegue estabelecer uma excelente relação pedagógica com a turma o que permite uma melhor aprendizagem a todos os níveis.

sexta-feira, dia 5 de novembro de 2010

Depois de terem estado na Cartilha, a educadora pediu que realizassem um desenho sobre o dia e a noite. A folha estava dividida ao meio e eles de um lado iriam realizar o dia e do outro a noite.

Após o intervalo a educadora distribuiu algumas palhinhas pelos alunos e trabalhou com eles o conceito de quantidade, maior, menor, soma. Pois a educadora com os ferrinhos tocava várias vezes e os meninos de representar o número de vezes através das palhinhas. Posteriormente a educadora repetiu as pancadas com os ferrinhos, fazendo assim dois conjuntos com quantidades diferentes pedindo-lhes depois que somassem os dois conjuntos.

Inferências e fundamentação teórica

A educadora utilizou as palhinhas como suporte de contagem para ajudar, assim, as crianças a somarem os conjuntos de palhinhas e poderem trabalhar qual o conjunto maior e menor podendo serem eles depois a ordenar,, primeiro o menor e, posteriormente,, o maior.

Moreira e Oliveira, (2003) afirmam que classificar e ordenar, constituem um dos “ processos matemáticos que as crianças realizam. O educador deve explorar, atribuindo-lhe intenção matemática, isto é, deve explicar e relacionar as atividades da classificação e ordenação com os temas matemáticos a tratar” (p.67).

Acima de tudo, a educadora consegue sempre diversificar as atividades, pois trabalha com as crianças os mesmos conceitos, mas explorados de maneira diferente.

segunda-feira, dia 8 de novembro de 2010

Gostaria de destacar, neste dia, a presença de um escritor, António Torrado, que esteve na escola a contar histórias às crianças dos bibes amarelo, encarnado e azul.

Inferências e fundamentação teórica

Os momentos de convívio entre todos são muito importantes para ajudar à socialização das crianças. É fantástico ver a forma ordeira e cuidada quando as crianças se juntam para eventos deste género. Quando lhes dizemos que vamos contar histórias ficam logo em silêncio e preparadas para nos escutar.

Da mesma forma, Spodek e Saracho (1998) afirmam que “ouvir histórias ajuda as crianças a desenvolver padrões sofisticados de linguagem motivando-as a experimentar nem sua própria linguagem oral e escrita” (p.245).

Foi gratificante para mim ter estado tão próxima de um autor tão conceituado e poder assistir a uma excelente estimulação à leitura. Aprendi bastante neste dia.

terça-feira, dia 9 de novembro de 2010

Comecei por sentar os alunos em U para a estimulação à leitura. Na mesma, usei uma lenga-lenga sobre as profissões elaborada com letras móveis, onde pedi a colaboração de algumas crianças para ler. Um leram palavras, outras associaram imagens. Uma palavra tinha algumas letras trocadas e eu pedi a ajuda para colocarem as letras por ordem. No fim, li a palavra “terra” e mostrei-a a todo o grupo.

Na Cartilha terminei a lição do Pedro com um grupo de crianças e dei pela primeira vez a lição do /r/.

No conhecimento do mundo, abordei os estados de agregação da matéria. Todas as crianças tiveram oportunidade de mexer no gelo e poderem constatar que, em contacto com o calor da mão, esta começa a derreter. Na chaleira poderam observar que, quando a água estava a ferver, saía vapor, ou seja, a água estava a evaporar.

Em virtude de ainda dispor de alguns minutos, sugeri-lhes que elaborassem um desenho sobre o que tínhamos estado a fazer. A maior parte dos alunos desenhou em pormenor a experiência.

Inferências e fundamentação teórica

Em relação à parte da lenga-lenga, constatei que a mesma não devia ter sido escrita com letras móveis, pois originou bastante confusão pelo facto de haver muitas letras iguais. Numa próxima aula que queira repetir esta lenga-lenga, usarei etiquetas com cada palavra.

Na aula de conhecimento do mundo senti-me muito bem com a estratégia que escolhi pelo facto de todos os alunos terem o material necessário para poderem observar todos os passos dos estados da matéria e conseguirem realizar a tarefa seguinte sem qualquer dificuldade.

De acordo com Melo (1996, citado por Aranhã 1998) em que diz que “«só se aprende a fazer, fazendo» e a criança só conseguirá aprender fazendo e não apenas armazenando informações ou preenchendo folhas de exercícios como modo de prestar contas aos pais e à direção de um colégio” (p.16).

Torna-se evidente que eles devem mexer e observar para aprenderem melhor.

sexta-feira, dia 12 de novembro de 2010

Comecei por ajudar uma menina a escrever no quadro a data e as letras que já deram na Cartilha. Como é hábito enquanto os alunos estão na Cartilha, com a, educadora, fui ajudando a ler as palavras, e a ensinar – lhes as letras já que tinham aprendido na Cartilha.

Hoje o material utilizado para dar matemática foi a plasticina. Confesso que estava curiosa, pois nunca tinha visto uma aula com este material, mas pode-se trabalhar muitos conceitos. A educadora trabalhou com eles os conjuntos, a adição, a metade, a memória fazendo associações com bonecos que tinham sido utilizados para representar quantidades, fazendo também exercícios com a cor das plasticinas e como mudanças no espaço da sala e nas crianças, trabalhou também o conceito de menor e maior, representações de algarismos. Por fim a educadora pediu às crianças que a fossem arrumar.

Inferências e fundamentação teórica,

Apesar de a educadora ter trabalhado com um material diferente, a aula foi bastante dinâmica, pois as crianças divertiram-se imenso enquanto estavam a aprender e a trabalhar novos conceitos.

Segundo Caldeira (2009), os materiais alternativos por vezes podem ser encontrados na natureza, com os mesmos, “é possível fazer um trabalho criativo e, ao mesmo tempo, educativo. Basta exercitar a criatividade e permitir que a criança também o faça”.

É importante que as crianças tenham a noção de que as coisas têm de ser arrumadas. Assim, Reis (2008) refere que se “pode dizer que a família e a Escola são os primeiros ambientes sociais, proporcionando à criança estímulos, ambientais e modelos vitais que servirão de referência para as suas condutas” (p.117).

Se as crianças forem habituadas a arrumar os materiais ou os seus brinquedos interiorizarão melhor estes hábitos.

segunda-feira, dia 15 de novembro. de 2010

Como faz parte da rotina, os alunos tiveram o seu momento de Cartilha.

Posteriormente, e visto ainda não ter falado assisti a aula de educação pelo movimento onde a professora realizou com as crianças exercícios para desenvolver as capacidades físicas e motoras.

Inferências e fundamentação teórica

Sendo esta área curricular muito importante, também é necessário referir que é através dos exercícios que o nosso corpo se desenvolve.

Segundo Jesus (2002);

para uma melhor aprendizagem da motricidade dos indivíduos, e no que diz respeito aos fatores de movimento intrínsecos ao sujeito, interessa-nos o estudo sobre diferentes aspetos que se ligam com o Domínio Motor. É o Domínio Motor e os aspetos que o mesmo implica que condicionam,

decisivamente, a qualidade e quantidade do movimento que o sujeito pode realizar. (p. 17)

E assim terminou o primeiro momento de estágio.

1.3- Relatos Bibe Amarelo B – 2.^a Secção:

Período de estágio de 16/11/2010 a 7/1/2011

Faixa etária: 3 anos

1.3.1- Caracterização do grupo e horário:

O projeto curricular de Turma (PCT) foi-nos gentilmente cedido pela educadora do grupo, pois é com ela que se encontra a caracterização da turma do Bibe Amarelo B, que por se tratar de dados oficiais das crianças não deve ser exposto. Visto que, o projeto curricular de turma é feito no início do ano letivo. É importante referir que desde então, o mesmo já sofreu alterações e vai sofrendo até ao final do ano letivo.

A turma do Bibe Amarelo B é composta por 25 alunos, 12 dos quais do sexo masculino e os restantes do sexo feminino. Esta sala engloba alunos que têm idades compreendidas entre os 2 e os 3 anos.

Este grupo de crianças está bem integrado na dinâmica do Jardim-Escola e demonstra motivação e interesse pelas diversas aprendizagens.

Horário do Bibe Amarelo B

O horário semanal faz parte integrante do PCT. Este, inclui as várias atividades que deverão ser realizadas ao longo da semana com as crianças. Sendo este alterado sempre que necessário. No quadro 4, apresentamos o mesmo.

Quadro 4 - Análise descritiva do horário de estágio no bibe amarelo

Horas	segunda-feira	terça-feira	quarta-feira	quinta-feira	sexta-feira
9h	Roda e Canções				
9:45	Iniciação à matemática	Conhecimento do mundo	Iniciação à matemática	Abordagem interdisciplinar	Iniciação à matemática
10:30h	Recreio				
11:10h	Conhecimento do mundo	Iniciação à matemática	Conhecimento do mundo	Movimento	Conhecimento do mundo
11:45h	Estimulação à leitura	Expressão plástica	Estimulação à leitura		Estimulação à leitura
12:30h	Higiene e Almoço				
13:00h	Sesta				

1.3.2- Caracterização do espaço:

É uma sala bastante arejada, tem bastante luz e um ambiente acolhedor, que estimula a aprendizagem dos alunos (figura 2). Sendo que os dois grupos de alunos estão na mesma sala. Há uma sala mais pequena para a qual uma educadora vai com o seu grupo, enquanto a outra educadora está na sala “principal” com o outro grupo de alunos e assim vão-se revezando.

Esta sala tem um cantinho de leitura, um cestinho com livros para os alunos verem, mesas redondas, mesas retangulares, um quadro preto de ardósia, e um *placard* onde são expostos os trabalhos que os alunos fazem.

Segundo as OCEPE (M.E., 1997), “os espaços de educação pré-escolar podem ser diversos, mas o tipo de equipamento, os materiais existentes e a forma como estão dispostos condicionam, em grande medida, o que as crianças podem fazer e aprender” (p.37).



Figura 2 – Sala do bibe amarelo

1.3.3-Relatos Diários:

terça-feira, dia 16 de novembro de 2010

A educadora começou por rever a matéria dada sobre o planeta Terra. Foi dirigindo as perguntas e orientando o raciocínio das crianças, para que conseguissem abordar tudo o que já tinham falado. À medida que iam respondendo, iam ao mesmo tempo colocando os planetas no sistema solar. Por fim foram repetindo a ordem dos planetas do que estava mais próximo do Sol para o que estava mais longe do Sol.

A educadora começou por falar do conceito opaco e transparente, para elas identificarem a caixa onde estavam as peças do lego. Depois, começou por fazer algumas torres com tamanhos diferentes, em que tinham de dizer qual era a maior e qual era a menor. Depois pediu-lhes aos meninos para colocarem as torres atrás do colega ou à frente, pedindo também o conceito debaixo de. Entre colegas comparou também o seu tamanho,, fazendo referência às torres que também existiam umas maiores outras menores e que até podiam ser do mesmo tamanho, ou seja, iguais.

Por fim fizeram alguns exercícios de sequências. Em alguns casos os alunos tinham de colocar a peça ao lado e copiar as sequências, noutros casos tinham de continuar a sequência até a educadora dizer que já podiam parar.

Inferências e fundamentação teórica

Visto este ser um material que muitas vezes é utilizado mais para a parte lúdica, leva a que o grupo de alunos fique mais atento ao que a educadora vai realizar.

Segundo Caldeira (2009), “o adulto serve-se dos materiais, como instrumento, para motivar as atividades que se pretendem ricas e estimulantes, num processo de manipulação – acção e posteriormente da representação – conceptualização” (p.221).

Assim sendo, este material é igualmente importante para trabalhar conceitos como classificação e noção de conjuntos.

sexta-feira, dia 19 de novembro de 2010

A educadora iniciou a aula, distribuindo o material Blocos Lógicos. Começou por explorar o nome da caixa, deixou que os alunos explorassem bem o material e só depois é que trabalhou os quatro atributos: tamanho, cor, forma e espessura e, por fim, realizou um jogo de memorização e de sequências.

Inferências e fundamentação teórica

É muito importante trabalhar com materiais didáticos, assim sendo a educadora recorreu ao material para trabalhar vários conceitos.

Pontes e Serrazina (2000, referido em Caldeira 2009) afirmam que:

o professor deve tirar partido de diversos materiais, atendendo em primeiro lugar a que sejam manipulados pelo aluno; em segundo lugar que o aluno saiba realmente qual a tarefa para a qual é suposto usar o material. Segundo estes, é ineficaz ser o professor a usar o material, com o aluno a ver, ou ter o aluno a mexer no material sem saber o que esta a fazer.(p.18)

Penso que esta educadora revelou saber o que fazia.

segunda-feira, dia 22 de novembro de 2010

A educadora começou por mostrar a caixa do material Cuisenaire, que iriam trabalhar pela primeira vez, abordando conhecimentos como se é opaca ou transparente, perguntou se eles achavam que tinha muitas peças ou poucas peças, depois trabalharam as diferenças das peças, tamanho e cor. Cada criança escolheu uma peça e depois foram feitas comparações, como por exemplo, entre a peça branca e encarnada qual era a mais pequena, dizendo-lhe que as duas eram pequenas mas que a mais pequena era a branca, compararam também as peças verdes, os alunos viram que as duas eram verdes mas que tinham tonalidades diferentes e que eram também diferentes no tamanho.

Para finalizar, a educadora explicou que todas as peças tinham tamanhos diferentes e se as colocasse – mos por ordem da pequena para a maior ou o contrário, que poderíamos fazer uma escada, e que na próxima aula iriam fazer uma escada.

A educadora, leu a história “ Tenho um Hipopótamo na cama” e abordou com eles o facto de a criança fazer xixi na cama, porque ela usa a frase de ter um hipopótamo na cama, depois tinha uma baleia e por fim uma sereia, porque tinha vergonha de dizer que tinha feito xixi.

Inferências e fundamentação teórica

O material Cuisenaire pode ser utilizado para trabalhar diversos conteúdos mas não nos podemos esquecer que este deve ser dado as crianças, para estas o manusearem.

Segundo Caldeira (2009, citando Serrazina 1990) afirma que:

investigações têm constatado que os estudantes que utilizam materiais manipulativos na construção de conceitos têm melhores resultados, que os que não o fizeram, pois os alunos são indivíduos activos que constroem, modificam e integram ideias a interaccionar com o mundo físico, os materiais e os seus colegas (p.127).

Mais uma vez constatei que a utilização dos materiais estruturados é uma estratégia a que se recorre com muita frequência

terça-feira, dia 23 de novembro de 2010

A educadora mostrou algumas fotos de salinas e foi falando com os meninos, os vários processos que o sal sofre até chegar a nossa casa. Pediu também as crianças que dissessem alguns alimentos em que as mães usavam o sal. Eles responderam carne, arroz, legumes, entre outros. Viram também que existe sal fino e sal grosso.

A educadora fez o Quim Visual, com os Blocos Lógicos para desenvolver a memória, abordou também as diferenças do material, tamanho das peças, espessura, cor e forma geométricas e só depois fez alguns exercícios com os alunos. Por fim, deixou –os explorar o material livremente.

Visto que só tínhamos 10 crianças e na outra turma também eram poucos as educadoras juntaram as duas turmas e fizeram a atividade em conjunto. A atividade era uma proposta de trabalho com números do 0 ao 2 e do outro lado 3 conjuntos, um vazio, outro de 1 elemento e outro de 2 elementos. Os alunos tinham de ligar os algarismos ao respectivo conjunto, depois com cola branca nos algarismos colocavam sal fino para preencher o algarismo e, por último pintaram os elementos do conjunto.

Inferências e fundamentação teórica

Através do material manipulável, Blocos Lógicos, a educadora ensinou alguns conteúdos programáticos e posteriormente, permitiu que todas as crianças tivessem a oportunidades de explorar o material livremente.

Caldeira (2009), afirma que:

num primeiro contato com os Blocos Lógicos a criança usa-os como jogos de construção, tomando como referência a experiência que tem da realidade. Ao proceder assim a criança enriquece o campo da sua percepção estruturando o espaço na horizontal e na vertical, descobrindo certas leis do equilíbrio. É necessário apresentar as situações das actividades e as regras dos jogos de forma clara e apropriada à idade e capacidade das crianças. (p.364)

Este material permite à criança organizar o seu pensamento, interiorizando noções elementares e proporcionando o desenvolvimento do raciocínio lógico através de atividades de comparação, correspondência e classificação. (Alsina, 2004, p. 13)

A clareza e confiança que a educadora manifesta nas suas aulas permite trabalhar imensos conceitos com facilidade.

sexta-feira, dia 26 de novembro de 2010

Elaboração de um desenho livre, com cola branca e por fim polvilharam com areia.

Neste dia a educadora começou por apresentar o algarismo 3, mostrando aos alunos para que eles o pudessem visualizar bem. Posteriormente, a educadora mostrou-lhes o algarismo 1 e 2 para ver se aqueles estavam bem sabidos e perguntou novamente qual era o algarismo que tinham aprendido nesse dia.

Mais tarde a educadora falou com a turma sobre os minerais focando-se apenas na areia, mostro algumas imagens para estes identificarem e por fim falou com eles sobre o vidro, mostrando um filme onde se podia observar como mesmo é elaborado.

Acabando a manhã com a elaboração de um desenho livre, com cola e, por fim, polvilhado com areia.

Inferências e fundamentação teórica

É importante que a criança tenha contacto com estas realidades pois ela conhece o vidro mas não sabe que passa por muitas transformações até chegar à nossa casa, por exemplo a garrafa bonita, os copos que a mãe tem todos estes materiais precisam de muito trabalho para ficarem assim.

Segundo as OCEPE (M.E., 1997)

a área do conhecimento do mundo enraíza-se na curiosidade natural da criança e no seu desejo de saber e compreender porquê. Curiosidade que é fomentada e alargada na educação pré-escolar através de oportunidades de contactar com novas situações que são simultaneamente ocasiões de descoberta e de exploração do mundo. (p.81)

As crianças ouviram com muita atenção estas informações.

segunda-feira, dia 29 de novembro de 2010

A educadora começou a manhã por apresentar a peça branca e a encarnada, do material Cuisenaire explicando quais eram os seus valores e qual a função da peça branca, visto ser tão importante neste material. Depois dos conceitos trabalhados deixou-os explorar o material.

Mais tarde a educadora leu a “História do gato”. Quando a história terminou questionou os alunos, se tinham gostado, se já a conheciam, se tinham gatos em casa, ou se não tinham mas gostavam deles.

Inferências e fundamentação teórica

Os educadores, ao contarem história às crianças, de um modo calmo e com inflexões de voz, criam um ambiente atrativo e estimulante.

Borràs (2002), realça a importância da intervenção do educador na estimulação à leitura:

nenhum destes suportes substitui a função do educador, que deve intervir no conto, tanto para aclarar ideias como para comentá-las ou ampliá-las. Os contos também servem para estimular a participação verbal activa das crianças, estabelecendo um diálogo com elas para que possam expressar as suas opiniões, críticas, pareceres, em suma, para que possa haver uma verdadeira interacção verbal com o aluno. (p.401)

As crianças desta sala adoram ouvir histórias. Confesso que também eu gosto.

terça-feira, dia 30 de novembro de 2010

A educadora trabalhou os conjuntos, com elementos, com dois e com três, os alunos fizeram associações, dos números aos elementos e, por fim identificaram os cardinais dos conjuntos.

Realização de alguns materiais de natal, como por exemplo as bolas de natal para enfeitar a árvore de natal, com as fotos dos meninos e fazer alguns embrulhos de natal com as coisas que os meninos levaram para a escola, para serem oferecidos nas Ludotecas.

Inferências e fundamentação teórica

A educadora, antes de pedir os conjuntos, estabeleceu alguns critérios, pois só assim conseguiria realizar a tarefa pretendida.

Segundo Caldeira (2009), a criança ao trabalhar conjuntos, está a desenvolver capacidades e destrezas, como por exemplo a coordenação motora, o raciocínio lógico, a atenção, a concentração, o cálculo mental, a comparação de cardinais (p. 383).

Com as situações que a educadora proporcionou as crianças conseguiram desenvolver estas capacidades e destrezas.

sexta-feira, dia 3 de dezembro de 2010

Foi-me pedido que lesse a História “Mas que Barulheira”. Comecei por lê-la história e por ser uma história pequena e com muito gestos, fomos todos fazendo os gestos da mãe galinha e dos seus filhos. Quando a terminei chamei alguns alunos para fazerem alguma situações da história, como por exemplo a mãe galinha a deitar os filhos na cama, entre outras. Por fim acabámos a atividade todos em roda a imitar as galinhas e os pintos e a cantar uma música sobre as mesmas.

Inferências e fundamentação teórica

A aula decorreu bem, mas se hoje tivesse de ler novamente aquela história mudaria algumas coisas, como por exemplo o facto de termos repetido algumas partes da história, seria mais interessante se fizéssemos um pequeno teatro, pois daria mais ênfase à história.

Segundo Magalhães (2008),

junto desta faixa etária, (3 a 6 anos de idade), é determinante uma propedêutica do acto de ler. Esta deve visar, em primeiro lugar e expressamente, a aquisição de algumas das competências fundamentais ao acto de ler, especificamente as já aludidas: o desenvolvimento das competências linguísticas; o progressivo domínio espaço-temporal; o treino da capacidade de concentração; a exercitação da memória. (p.61)

Na minha opinião, acho que é bom fazermos interdisciplinaridade e, neste caso, a estimulação à leitura com a expressão dramática deveria resultar bem.

Segundo Reis (2003), “a expressão dramática a nível do ensino pré-primário desenvolve-se sob a forma de jogo simbólico que a criança, usando de preferência o material que dispõe, cria situações que ela própria imagina, recreando factos ou imagens que lhe são caras”(p.103).

Foi engraçado ver as expressões faciais das crianças quando imitaram o que lhes era solicitado.

segunda-feira, dia 6 de dezembro de 2010

Este dia foi dedicado às aulas programadas de duas colegas e, mais tarde, à respetiva reunião onde se falou de como tinham corrido as aulas e o que poderia ser melhorado para uma próxima vez.

A primeira colega abordou o arco-íris, fazendo relação entre as cores do mesmo com os sentimentos, apelando assim às emoções. Na área do Domínio da Matemática a colega trabalhou o 3.º dom.

A outra colega trabalhou o tema: O carvão e a sua exploração. Usou para o efeito uma maquete de uma mina, para explorar o tema. Já na área da Matemática, utilizou o Cuisenaire. As duas realizaram atividades para o grupo, enquanto apresentaram uma lição de Cartilha a um pequeno grupo de alunos.

Inferências e fundamentações teóricas

Gostei imenso da segunda aula pois a maquete estava bem pensada e o facto de ter os bonecos do lego como trabalhadores cativou as crianças, já que são objetos conhecidos para eles o que despertou ainda mais a sua curiosidade em saber mais.

Segundo as OCEPE (M.E., 1997), “a curiosidade natural das crianças e o seu desejo de saber é manifestação da busca de compreender e dar sentido ao mundo que é própria do ser humano e que origina as formas mais elaboradas do pensamento, o desenvolvimento das ciências, das técnicas e, também, das artes”(p.81).

Fico espantada ao verificar que as crianças querem saber sempre mais em cada dia que passa.

terça-feira, dia 7 de dezembro de 2010

O dia começou com uma aula lúdica de Matemática, onde a educadora fez um jogo com os Blocos Lógicos, que consistia em adivinhar as peças sem que estas fossem vistas. Após algumas repetições do jogo, a educadora passou para uma sequência com o mesmo material, esta sequência foi dirigida para o grande grupo, sendo que os alunos iam individualmente tentar fazer a sequência.

Inferências e fundamentações teóricas

Neste caso, a educadora começou por trabalhar o mais básico pois eram os conhecimentos que os alunos já tinham adquirido. De acordo com Moreira e Oliveira (2003) “(...) o educador na preparação das actividades diárias do jardim de infância, deve partir do que a criança já conhece e ampliar esse conhecimento.” (p. 20)

Através de um material que os alunos já conhecem muito bem, a educadora trabalhou com eles uma outra forma de desenvolver os seus conhecimentos, não só perguntando o tamanho, a espessura, a cor e a forma geométrica da peça, mas desenvolvendo também a memória que é muito importante nesta idade.

Simons (2007) afirma que o “conhecimento lógico matemático é construído através da acção, a partir de relações que a própria criança cria entre os objetos; a partir dessas relações, vai criando outras e, assim sucessivamente” (p.47). Como podemos verificar nesta citação, a aula contribui para um maior conhecimento lógico matemático.

sexta-feira, dia 10 de dezembro de 2010

Com a festa de Natal a aproximar-se era necessário apostar nos ensaios para que tudo, mais tarde pudesse correr como o esperado. Este dia foi dedicado quase por inteiro aos ensaios para a festa.

Elaborei também alguns materiais decorativos e guarda-roupa para a festa de natal dos alunos.

Inferências e fundamentação teórica

Reis (2008) defende que são necessários estes momentos para aproximar a família da escola. Para além desse aspeto, a autora reforça que as crianças se tornam mais confiantes e ficam felizes por poder agradecer aos seus familiares.

Gostei de colaborar para a festa de natal e perceber o trabalho que a mesma dá. Também me apercebi que há uma maior proximidade entre os professores em virtude de trabalharem em equipa.

Tive muita pena de não poder estar presente no dia 12 em virtude de estar a trabalhar.

segunda-feira, dia 13 de dezembro de 2010

Visto a festa de natal ter corrido muito bem as educadoras decidiram deixar os seus alunos a brincar durante o dia como recompensa de todo o esforço e dedicação na festa.

Inferências e fundamentação teórica

O ato de brincar pode ser utilizado como recompensa, Cousinet (citado por Santos, 1991) afirma que a ideia de que “o jogo é uma actividade agradável que se opõe ao trabalho”, o mesmo autor cita Spencer que defende “o jogo é a actividade destinada a utilizar o resto da energia dispensada a executar o trabalho” (p. 19-20)

O jogo ou a brincadeira deve ser encarado pelos educadores como uma forma lúdica e não como um método para ocupar as crianças. Apesar de ter um carácter educativo, deve ser livre. Brougère (1995) afirma que “o jogo pressupõe o reencontro entre uma situação lúdica e uma atitude lúdica, um jogo e um jogador.” (p. 257)

Penso que a decisão das educadoras foi bastante acertada. As crianças trabalharam muito para esta festa e foram de facto fantásticas.

terça-feira, dia 14 de dezembro de 2010

Este dia ficou reservado para a minha 1.^a aula programada neste bibe. Comecei por fazer uma experiência com os alunos sobre o vulcão, na qual tive a ajuda deles para preparar as coisas para a experiência.

De seguida passámos para a área de expressão plástica, em que tinham de preencher a lava do vulcão com musgami (amarelo, laranja e encarnado) e o resto pintar com as respetivas cores.

Após o intervalo, as crianças foram para a sala mais pequena. Ai contei-lhes a “história do quadrado”. Seguidamente passámos à exploração das figuras geométricas (triângulo, retângulo, círculo e quadrado) fazendo assim a interdisciplinaridade entre a estimulação à leitura e a matemática.

Inferências e fundamentação teórica

Optei por realizar a proposta de trabalho de expressão plástica, por achar que estava relacionada com o tema pois acho que esta deve ser feita se tiver algum sentido.

Segundo Sousa (2003):

(...) Estimular a criatividade será também provar à criança que se confia nela, nas suas possibilidades de realização, levando-a a descobrir que criação é mais importante que a simples execução reprodutiva. Ela própria reparará que afinal a técnica é apenas meio para dar forma á sua imaginação criativa. (p. 196)

Segundo Sousa (2003), “ (...) a expressão plástica oferece à criança a criação plástica como modo de estimular a imaginação e desenvolver o seu raciocínio” (p. 170)

É necessário que a criança tenha interesse pela leitura e pelo contacto com os livros. Para isso é necessário estimulá-la nesta área, como Sim-Sim (2006) afirma “É do contacto entre os dois, leitor e texto, que nasce o sabor da leitura” (p. 8).

No final da aula a educadora conversou comigo sobre o meu desempenho que de seguida passo a apresentar:

No geral a aula decorreu bem; devo manter mais a disciplina; na parte da expressão plástica tive muito boa postura e fui mais ativa.

Na área de estimulação à leitura os alunos estavam muito atentos à história; devia ter passado as imagens no final para eles verem melhor.

No domínio da matemática devia ter feito mais inflexões de voz e ser mais expressiva.

Na próxima aula que será já na próxima sexta-feira vou ter estes aspetos em consideração.

sexta-feira, dia 17 de dezembro de 2010

Esta foi a minha segunda aula neste bibe e o meu último dia de estágio, no mesmo. Falei com eles sobre o natal, a importância do presépio, vimos as várias figuras do mesmo aprenderam o que levou cada rei mago para oferecer ao menino Jesus, levei também para lhes dar alguns doces típicos do natal, como por exemplo o bolo-rei e as broas de mel.

Na estimulação à leitura contei a história “ O Primeiro Natal: Jesus Nasceu”, em que as crianças estivera muito atentas pois o livro tinha um cenário do presépio. Por fim conclui a minha manhã realizando uma botinha de natal com os meninos, na qual enfeitamos com algodão.

Inferências e fundamentação teórica

É importante estimular os alunos para a leitura, é sem dúvida uma mais-valia para as crianças. Lima (2001) defende que “devemos promover atividades e experiências que estimulem naturalmente a necessidade da criança de aprender a ler” (p. 65).

Quando terminei a aula já era hora do almoço das crianças e não foi possível conversar com a educadora sobre o meu desempenho. No geral, considero que esta aula decorreu melhor do que a anterior, pois era do interesse da turma e na minha opinião já não cometi os erros da aula anterior.

segunda-feira, dia 3 de janeiro de 2011

As crianças começaram por ficar todas juntas para falarem do Natal e dos presentes que receberam.

Seguidamente, cada Educadora levou o seu grupo para respetiva sala. A educadora trabalhou com o material Cuisenaire onde estiveram a rever a peça branca e a encarnada e aprenderam qual é a peça que vale três unidades, que é a verde clara e qual a peça que vale 4 unidades, que é a peça rosa. Depois leram a escada por cores e por unidades, das peças pequena para a peça maior e vice-versa.

Posteriormente ao intervalo fomos para a outra sala e a educadora pediu-me que fosse buscar o fantocheiro e de seguida, disse-me para escolher uma história que quisesse contar aos alunos.

Inferências e fundamentação teórica

Optei por criar uma personagem muito conhecida nesta história mas com uma diferença: é que esta era boa.

Segundo Magalhães (2008) “as crianças mais pequenas são facilmente despertas para a audição (...). Ao nível das percepções, elas conseguem captar e mimetizar alguns conhecimentos narrados.” (p. 59).

A reflexão que faço desta aula vai no sentido de ter sido bom usar o lobo que era amigo. Assim eles estiveram sempre comigo e participaram sempre em tudo que solicitei.

Observação da Educadora: gostou muito do facto de existir um lobo bom na história, o lobo não é sempre mau, podia ter falado mais sobre ele. Na história devia ter mudado a voz quando era o lobo mau.

No final dei-lhes os fantoches para mexerem e isso foi importante. Seguidamente uma menina foi contar a história da Branca de Neve, um menino foi ajudá-la e eu fiquei com eles para lhes ir dando os fantoches e os ajudar ao longo da história.

terça-feira, dia 4 de janeiro de 2011

A educadora começou a manhã com as revisões do corpo humano, onde abordou as diferenças entre menino e menina. Quais os órgãos que temos, exemplo coração, estômago e pulmões. As crianças identificaram num menino e numa menina os membros, entre os quais a cabeça, o cabelo, o braço, a mão, a perna, os dedos e por fim colocaram o tronco, os membros a cabeça e cabelo. Identificando cada parte do corpo e onde se localizava.

A seguir ao recreio tiveram aula no domínio da matemática. Fizeram conjuntos, onde associaram os algarismos aos elementos dos mesmos, trabalharam conceitos como noção espacial e fizeram algumas contagens. Exemplo conjunto com dois morangos: as crianças contam e colocam o cardinal 2. Depois outra criança vai buscar cinco bananas e coloca à frente de um colega, por fim essa criança conta os elementos e vai buscar o algarismo que representa aqueles elementos.

Para finalizar a manhã, a educadora foi fazer com eles o decalque do pé com tinta e o desenho do próprio pé com lápis de cera.

Inferências e fundamentação teórica

Ao comparar os conjuntos, as crianças tiveram a oportunidade de desenvolver a noção de quantidade, como referem Moreira e Oliveira (2003) “As crianças têm noção de quantidade, reconhecendo facilmente quando há muitos ou poucos objectos numa colecção.” (p. 119),

Caldeira (2009) salienta que “Devemos encorajar, as crianças a pensarem sobre quantidade e é na fase entre os 4 e os 6 anos de idade, que elas demonstram interesse em contar objectos e comparar quantidades.” (p. 67)

Gostei imenso da atividade que a educadora realizou para a área das expressões plásticas, e mais uma vez acabou por explorar também o conhecimento do mundo.

sexta-feira, dia 7 de janeiro de 2011

A educadora começou pelo domínio da matemática, onde trabalhou os atributos do material blocos lógicos: a forma, a cor, a espessura e o tamanho.

Depois assisti à aula surpresa de uma colega em que contou a história do “Ratinho Torto”.

Depois do intervalo fomos para a sala da televisão, onde vimos um *powerpoint* sobre o corpo humano e os 5 sentidos (revisão).

A educadora foi falando com as crianças sobre o que eles iam dizendo vendo. Deu para perceber que eles todos sabiam muito bem que o corpo do menino e da menina eram diferentes, mas que todos temos 2 pernas, 2 braços, 2 orelhas, 2 olhos, 1 nariz, cabelo.

Inferências e fundamentação teórica

A colega contou a história e de seguida recontou-a, não sendo muito dinâmica e acabando por ser cansativo para as crianças. Que perderam o interesse pela atividade.

Na minha opinião ela começou bem, explicando que o ratinho torto não era como as outras pessoas, pois ele não andava para a frente mas sim para trás e alguns alunos exemplificaram. No entanto, ela deveria ter proposto isso para todas as situações. visto que aquele rato era torto, por fazer tudo ao contrário, o que se prestava para ela exemplificar com o restante grupo e assim não ficavam sentados só a ouvir novamente a história.

Segundo a Diretora da escola e a Educadora da sala, após observarem a aula, referiram que ela não geriu bem o tempo e que não soube explorar a participação da turma a história falou

em menino em vez de rato. Quando estava a explicar que o rato se deitava ao contrário, o menino que foi representar não conseguiu fazer, posto isto, o dever da colega era depois explicar aos meninos que ali era a cabeceira da cama e que se o rato dormia ao contrário, dormia com os pés para a cabeceira. Logo, ele não dormia com a cabeça para a cabeceira, mas sim com os pés para a cabeceira e isto teria sido vantajoso.

Contudo há 2 ou 3 meninos que se destacam mais e devemos ter cuidado pois facilmente se sobrepõem aos restantes não lhes dando oportunidade para se expressarem.

Este foi o último dia deste momento o que me deixou com grande pena e por isso vou querer voltar no Seminário de Contacto com a Realidade Educativa.

Gostei muito de realizar o estágio nesta turma e conhecer a educadora que estava no seu primeiro ano de trabalho, sendo esta muito prestável e preocupada com as estagiárias. Há medida que o tempo foi passando, apercebi-me do crescimento profissional da educadora.

1.4- Bibe Encarnado B -3.ª Seção:

Período de estágio de 10/1/2011 a 25/2/2011

Faixa etária: 4 anos

1.4.1- Caracterização do grupo e horário:

O projeto curricular de Turma (PCT) foi-nos gentilmente cedido pela educadora do grupo, pois é com ela que se encontra a caracterização da turma do Bibe Encarnado B, que, por se tratar de dados oficiais das crianças, não deve ser exposto. Visto que, o projeto curricular de turma, é feito no início do ano letivo é importante referir que desde então, o mesmo já sofreu alterações e vai sofrendo até ao final do ano letivo.

A turma do Bibe Encarnado B é composta por 26 alunos, 15 dos quais do sexo masculino e 11 do sexo feminino. Esta sala engloba alunos que têm idades compreendidas entre os 4 e os 5 anos.

Este grupo de crianças está bem integrado na dinâmica do Jardim-Escola e demonstra motivação e interesse pelas atividades propostas quer dentro da sala de aulas quer nas atividades do exterior.

Horário do Bibe Encarnado B

O horário semanal faz parte integrante do PCT. Este, inclui as várias atividades que deverão ser realizadas ao longo da semana com as crianças. Sendo este alterado sempre que necessário.

No quadro 5 podemos encontrar as principais atividades que presenciei neste bibe.

Quadro 5 - Práticas observadas no bibe encarnado

Horas	segunda-feira	terça-feira	sexta-feira
9h	Roda e canções		
9:30h	Iniciação à matemática	Conhecimento do mundo	Iniciação à matemática
10:30h	Atividades de ar livre		
11:00h	Conhecimento do mundo	Iniciação à matemática	Educação pelo movimento
11:30h		Inglês	
12:30h	Jogos de roda/ Estimulação à leitura	Cidadania	Jogos de roda

1.4.2- Caracterização do espaço:

A sala do bibe encarnado está dividida em duas partes como todas as outras, tem umas janelas grande que servem também de saída para o recreio no exterior (figura 3).

Segundo Zabalza (2001, p.133), “a sala não deve ser um espaço fechado dentro de quatro paredes, devia sim ter grandes janelas que abrissem para o exterior.”

A sala está também dividida por zonas, tem um espaço com almofadas que serve para a hora do conto e tem um espaço reservado às brincadeiras ao qual podemos chamar casinha. O mesmo autor refere ainda:

que uma distribuição da sala por zonas ou por núcleos de interesses é muito sugestiva para as crianças, permite um espectro de acções muito mais diferenciadas e reflecte um modelo educativo mais centrado na riqueza dos estímulos e na autonomia da criança. (p.134)



Figura 3 – Sala do bibe encarnado

1.4.3-Relatos Diários:

segunda-feira, dia 10 de janeiro 2011

Comecei por me apresentar. Seguidamente a educadora deu matemática com um material alternativo. Fazendo um jogo onde trabalhou a noção espacial, quantidade e operações aritméticas, os meninos tinham apenas uma peça de lego grande cada um e algumas peças pequenas, e foi com essas peças que eles foram trabalhando.

Como por exemplo:

Quantas peças tem o João se eu lhe der 4?

De que cor é esta peça? Vermelha

Quantas unidades vale essa peça no cuisenaire?

Na estimulação à leitura leu-lhes uma história em *powerpoint*, sobre uma sementinha. A história falava de um senhor que plantou uma sementinha e depois ficou à

espera para a ver crescer, mas quando ela cresceu o pássaro apanhou a flor.

Para concluir a educadora solicitou ao seu grupo de crianças que semeassem um feijão, para o poderem ver crescer.

Inferências e fundamentação teórica

Apesar da história ter sido lida em *powerpoint*, não nos podemos esquecer que a função do educador é muito importante e que este deve incentivar a criança a ler.

Borràs (2002), realça a importância da intervenção do educador:

nenhum destes suportes substitui a função do educador, que deve intervir no conto, tanto para aclarar ideias como para comentá-las ou ampliá-las. Os contos também servem para estimular a participação verbal activa das crianças, estabelecendo um diálogo com elas para que possam expressar as suas opiniões, críticas, pareceres, em suma, para que possa haver uma verdadeira interacção verbal com o aluno. (p.401)

Na minha opinião o facto de fazermos estas experiências é muito positivo, pois a criança tem assim um maior contacto com a realidade. Estas experiências servem também para a criança ter a noção de que a planta precisa de tempo para crescer e de cuidados tal como ela própria também precisa de ter o cuidado dos pais para ir crescendo.

terça-feira, dia 11 de janeiro de 2011

Iniciaram o dia com o material Cuisenaire. Com o mesmo à sua frente, iam fazendo o que a educadora perguntava, a cor das peças, os valores entre outras questões. Posteriormente, a educadora pediu que fizessem a escada por ordem decrescente até à peça castanha.

Trabalhou com eles o cálculo mental. Por exemplo: “se tivessem dois bonecos e ela lhes desse oito com quanto ficavam? Qual a cor da peça que representa esse valor?”

A aula do conhecimento do mundo foi dada ao ar livre, no recreio. A educadora começou por mostrar as árvores, as plantas e, por fim, fomos à quinta, onde a educadora pegou numa planta e mostrou que esta tinha raiz, caule, folhas e que algumas têm também flores.

Para consolidar, a educadora levou a turma para a sala da televisão e fez com eles o jogo da barquinha em que o tema era os frutos, por exemplo “aqui vai uma barquinha carregadinha de bananas”.

De seguida os alunos tiveram a aula de inglês, onde fizeram revisões da aula anterior que foi sobre os animais e dos números até 10 e, por fim, em roda cada menino ia dizendo um número para sabermos quantas pessoas estavam na sala de aula.

Inferências e fundamentação teórica

A educadora aproveitou o facto de a turma ter feito a escada, para colocar algumas questões pois estas iriam facilitar no raciocínio da criança.

Segundo Caldeira (2009, p.132) “as crianças ao ordenarem as peças por tamanhos e ao enumerarem as cores e valores numa escala ascendente ou descendente, podem consolidar as propriedades do número e até introduzir diversos conceitos.”

Foi muito bom terem a aula ao ar livre pois assim a turma pode ter um contacto com a natureza e observar diretamente a mesma. A educadora explicou os conceitos de forma clara e também foi muito expressiva.

sexta-feira, dia 14 de janeiro de 2011

A educadora começou por contar a história “123” que falava sobre os algarismos, por fim trabalharam a mesma. A educadora colocou algumas questões às crianças relacionadas com os algarismos.

Contaram também quantas flores tinham cada um no comportamento. Questionou os alunos para saber quais é que tinham mais flores e quais é que tinham menos flores. Perguntou-lhes também quantos tinham 4 flores e quantas faltavam para chegar a 5. E se aquelas crianças tivessem 3 e quisessem ter 5 quantas lhe faltavam.

Por fim a educadora pediu-me que visse quais eram os meninos que sabiam identificar os algarismos, enquanto os outros estavam a moldar plasticina.

Na aula de expressão motora ajudei a educadora a vestir os bibes e calçar os sapatos dos alunos.

Inferências e fundamentação teórica

É importantíssimo o contacto que as crianças devem ter com a leitura e aproveitar o mesmo para fazer interdisciplinaridade com as outras áreas curriculares.

Da mesma forma, Spodek e Saracho (1998) afirmam que “ouvir histórias ajuda as crianças a desenvolver padrões sofisticados de linguagem motivando-as a experimentar nem sua própria linguagem oral e escrita” (p.245).

Foi muito pertinente ter ajudado a educadora a elaborar a grelha de avaliação sobre a identificação dos algarismos, não só para ficar a saber elaborá-la, como desenvolvimento das crianças dar a conhecer.

segunda-feira, dia 17 de janeiro de 2011

Reunião na Escola Superior de Educação João de Deus no museu com as professoras da equipa de supervisão e os colegas de mestrado para a entrega das avaliações correspondentes ao último momento de Estágio Profissional.

terça-feira, dia 18 de janeiro de 2011

Neste dia uma professora da equipa de supervisão solicitou-me que desse a aula surpresa com o 3º Dom de Froebel e que trabalhasse o cálculo mental, o raciocínio e contagens. Realizei apenas duas construções: o muro alto e baixo.

Mais tarde fomos para a reunião com as professoras da equipa de supervisão, a educadora da sala e as colegas de estágio.

Inferências e fundamentação teórica

Na minha opinião devia ter começado do mais simples para o mais complexo e ter mudado de estratégia durante a aula.

Os alunos realizaram duas construções com este material (muro alto, muro baixo). Caldeira (2009), defende que devemos selecionar “três ou quatro construções, das onze predefinidas e com elas elaborar uma pequena história que permita ao aluno fazer raciocínios matemáticos” (p.255-256).

A turma realizou as construções com muita facilidade pois estas eram muito simples. Numa próxima aula optaria por lhe pedir construções mais difíceis.

A avaliação que fiz da minha aula correspondia à opinião da professora que assistiu.

sexta-feira, dia 21 de janeiro de 2011

A educadora distribuiu o material 4.º Dom de Froebel. E começou por contar uma história de uns meninos que estavam a brincar com os amigos ao mesmo tempo que ia pedido que elaborassem as construções do banco do jardim, da cadeira e da cama.

Após o intervalo foram para a aula de educação física.

Inferências e fundamentação teórica

Como vem sendo hábito esta educadora inicia sempre a manhã com uma aula no domínio da matemática, explorando os diferentes materiais manipulativos.

Como estagiária é bom poder ter estes contactos e estas experiências. Pude também constatar que as crianças gostam muito de aulas com materiais ficam mais motivada e exploram outras realidades.

O uso de materiais é fundamental, como refere o M.E. (citado por Caldeira 2009), “ na aprendizagem da matemática, como em qualquer outra área, as crianças estão normalmente dependentes do ambiente e dos materiais à sua disposição. Neles, a criança deverá encontrar necessidade de exploração, experimentação e manipulação” (p.17).

Gostaria de referir que, ao contrário do que eu estava à espera, as crianças não manifestavam tanta alegria nas aulas de educação física. Como ia assistir, pude verificar que os exercícios eram sempre os mesmos, tornando-se monótonas e pouco desafiantes.

terça-feira, dia 24 de janeiro de 2011

Com as duas turmas juntas na sala a educadora contou a história da Árvore Elvira.

Com o material Cuisenaire a educadora trabalhou contagens, a escada por ordem crescente, tiraram bolas com algarismos que estavam num saco e representaram a quantidade desse algarismo com as peças.

A educadora leu e contou a história *Da ovelhinha que veio para jantar* e no final pediu-lhes que fizessem um desenho sobre a mesma.

Inferências e fundamentação teórica

As turmas estão juntas no início da manhã, até às 9h 30m., por uma questão de organização dos horários dos profissionais do jardim-escola. No entanto e na maior parte das vezes, as educadoras costumam estar as duas na roda e só depois e que cada uma delas vem para a sala com a sua turma.

Quer através da leitura, quer através do desenho as crianças vão ficando sensibilizadas para a vontade de aprender a ler e a escrever. Quando a educadora apontou para o título do livro foi mostrando como se lê e onde estão as palavras. Estas descobertas vão ser fundamentais para criarmos bons leitores

Sim-Sim (2006) refere que:

aprender a ler é uma tarefa para a vida e ensinar a ler deve ser uma das prioridades não só dos professores da língua materna, mas de todos docentes, na medida em que qualquer que seja a disciplina, a leitura vai sempre estar presente. (p. 99).

Concordo plenamente com esta autor

terça-feira, dia 25 de janeiro de 2011

A educadora começou por fazer um jogo com eles sentados no chão em semicírculo. Explicou-lhe que de um lado ficavam os frutos e do outro os legumes. A educadora ia mostrando um a um e tentava perceber e aproveitar quais os conhecimentos que as crianças tinham e depois pedia a um menino que o fosse colocar no respetivo lugar de forma acertada.

A seguir ao recreio as crianças tiveram a aula de inglês.

Inferências e fundamentação teórica

O inglês é uma língua muito importante e cada vez mais precisa. Segundo as OCEPE (M.E., 1997), “a multiplicidade de códigos pode ainda referir-se à existência de diferentes línguas, não se excluindo a sensibilização a uma língua estrangeira na educação pré-escolar, sobretudo se esta tem sentido para a criança (...)”(p.73).

Neste jardim-escola as crianças do bibe encarnado e do bibe azul já fazem a aprendizagem de uma língua estrangeira.

sexta-feira, dia 28 de janeiro de 2011

A educadora pediu-me que contasse uma história sobre os três porquinhos com fantoches. Na história que contei introduzi uma nova personagem que era um lobo bom, pois este era amigo dos três porquinhos e ajudou-os a fugir do lobo mau.

Inferências e fundamentação teórica

Sendo a educadora muito dinâmica disse-me logo que podia ter pedido às crianças que representassem a história e trabalhassem ao mesmo tempo o cálculo mental.

Quando a educadora me pediu para ir buscar o fantocheiro, não percebi logo que era para dar uma aula. Só depois de chegar à sala é que fiquei a saber que a iria dar. Previamente, a educadora colocou no fantocheiro alguns fantoches que eu teria que utilizar. Recorri à história dos três porquinhos e acrescentei mais uma personagem. As crianças gostaram muito e eu senti-me muito à vontade.

Segundo as OCEPE (M.E., 1997) afirma que “o domínio da expressão (...) será ainda trabalhado através da utilização de fantoches, de vários tipos e formas, que facilitam a expressão e a comunicação através de “um Outro”, servindo também de suporte para a criação de pequenos diálogos, histórias, etc”. (p.60)

Mais uma vez recorri a esta estratégia pelo facto desta ser muito fácil de utilizar e claro por ser pertinente.

segunda-feira, dia 31 de janeiro de 2011

Hoje era um dia muito importante para mim pois iria dar a primeira aula programada neste bibe, sobre os morangos. Comecei por contar uma história através do *powerpoint* com o título de “semente sem sono” (que se encontra no capítulo das planificações).

Posteriormente, deixei que os alunos explorassem o morangueiro, vissem onde estava a flor e que no meio já tinha o fruto a nascer. Seguidamente observaram um morango inteiro e outro cortado ao meio e compararam as diferenças.

Por último, e já na sala de aula, no domínio da matemática trabalhámos com o 4º Dom de Froebel, onde realizámos a construção da ponte e trabalhámos o cálculo mental.

Inferência e fundamentação teórica

Sendo a minha primeira aula estava muito preocupada com a reação que eles tivessem. Por isso cheguei cedo para preparar o espaço e levar o material para a sala da televisão.

A maioria das crianças sabiam o que era um morango, mas nunca tinham visto um morangueiro. Ficaram muito curiosos e colocaram muitas perguntas. Gostei muito de poder ajudá-los a satisfazer a sua curiosidade.

Comparativamente ao contacto que a criança tem com os Dons de Froebel, estabeleci regras de como manusear este material, assim como declara Caldeira (2009), relativamente ao uso do mesmo “um factor importante a considerar é a forma como o material deve ser utilizado”(p.248). Tem ainda como principais interesses pedagógicos, segundo

O mesmo autor (2009) refere o “desenvolvimento da criatividade, lateralização, motricidade fina; (...) iniciação de noções básicas para o desenvolvimento da matemática: quantidade, situações problemáticas, formas geométricas” (p.255).

Gostei muito de dar esta aula apesar de ter manifestado algum nervosismo no início da mesma. Tenho de ser mais dinâmica e expressiva.

terça-feira, dia 1 de fevereiro de 2011

Fiz com as crianças um ditado gráfico sobre o que tínhamos trabalhado em matemática no dia anterior, comecei por pedir que fizessem uma ponte ao centro da folha pois eles iriam ficar do lado direito e a caixa de morango ficava do lado esquerdo. Na ponte iriam desenhar do lado direito uma carrinha, aproveitei também para trabalhar com eles conceitos como lateralidade e quantidade.

Posteriormente foram para a aula de inglês.

Inferências e fundamentação teórica

Gostei imenso de fazer este ditado gráfico. Pude constatar que apesar das indicações serem iguais para a turma todos eles produziram trabalhos diferentes, em virtude de terem entendido de forma diferente. No recorrer da atividade apercebi-me logo que iria ser assim.

sexta-feira, dia 4 de fevereiro de 2011

A educadora trabalhou com o material 3º e 4º Dons de Froebel. Realizaram a seguinte construção a mobília do quarto. Trabalhando conceitos como contagem, raciocínio e cálculo mental e situações problemáticas no concreto e no real, todos estes exercícios foram trabalhados através de uma história contada pela mesma.

Como é habitual tiveram aula de educação física.

Inferências e fundamentação teórica

Foi bom poder ver mais uma aula com este material pois a educadora consegue sempre surpreender-me com a maneira como aborda os temas e os conceitos que pretende transmitir.

Caldeira (2009), refere que “numa fase mais desenvolvida da aprendizagem poder-se-á trabalhar as situações problemáticas, tanto no concreto como no abstracto, usando a oralidade ou a escrita matemática” (p.256).

As situações foram trabalhadas das duas formas.

segunda-feira, dia 7 de fevereiro de 2011

Comecei por contar a história do ciclo do azeite. Falei da oliveira, da azeitona e por fim do azeite.

Dei a provar o azeite no pão e a azeitona, trabalhando assim com eles os vários sentidos pois explorei os mesmos perguntando o que tinham sentido quando comeram o pão com o azeite e a azeitona e quais os seus cheiros.

Por último realizei com a turma um itinerário em que o agricultor queria chegar as suas árvores.

Inferência e fundamentação teórica

No itinerário aprendi que com crianças desta idade não devemos usar peças muito pequenas, pois o truque é usar peças maiores para termos um menor número de peças. Não devemos também usar peças brancas, que foi o meu caso, depois quando tiraram a peça para pintar esqueceram-se daquele espaço.

Segundo Caldeira (2009) “o sentido espacial é um conhecimento intuitivo do meio que nos cerca e dos objetos que nele existem. A compreensão espacial é necessária para interpretar, compreender e apreciar o nosso mundo, que é intrinsecamente geométrico” (p.173).

Ao longo da aula as crianças tiveram muito atentas e interessadas.

terça-feira, dia 8 de fevereiro de 2011

A colega A deu uma aula sobre a prevenção rodoviária, começou por trabalhar os sinais de trânsito, como o peão deve andar na estrada.

Leu algumas palavras que depois eram, associadas a imagens, que na minha opinião devia ter imagens a mais para que os meninos tivessem de pensar.

A colega B deu o mel e as abelhas. Na minha opinião não devia ter distribuído o mel aos meninos enquanto falava com eles pois eles não estavam com atenção.

Na matemática fez a construção do poço para trabalhar o cálculo mental e o raciocínio. Finalizou a sua aula com a leitura de uma lenga-lenga.

sexta-feira, dia 11 de fevereiro de 2011

A educadora da outra sala contou a história da árvore cerejeira às duas turmas.

Como a educadora estava doente a colega da outra turma e eu contamos a história dos beijinhos e depois trabalhamos com o material Cuisenaire qual o valor das peças e qual a sua cor.

Inferências e fundamentação teórica

Após várias leituras de alguns autores conhecidos, ler histórias deverá ser uma prática assídua no jardim-de-infância, pois é através delas que se desenvolve o gosto pela leitura, a concentração e a imaginação e o desejo de aprender a ler.

Nas OCEPE (M.E., 1997) aparece referido que “as histórias lidas ou contadas, pelo educador, recontadas e inventadas pelas crianças de memória ou a partir de imagens, são um meio de abordar o texto narrativo que, para além de outras formas de exploração, noutros domínios de expressão, suscitam o desejo de aprender a ler”. (p.72)

Foi bom termos ficado responsáveis pelo grupo apesar de ter sido pouco tempo. São momentos como estes que me fazem ter a certeza que escolhi a profissão certa.

segunda-feira, dia 14 de fevereiro de 2011

A educadora começou por trabalhar com o material Cuisenaire. Mais tarde leu a história do gigante e os morangos, fazendo assim perguntas sobre as árvores e as plantas. A partir da história a educadora aproveitou para explorar os conhecimentos já adquiridos pela turma.

Inferências e fundamentação teórica

De acordo com Oliveira (2008) “sempre que possível, o professor deve realizar a história com outras disciplinas. Assim, se uma história fala sobre vegetais, poderá fazer-se a ponte para as ciências, para as noções de alimentação e nutrição.” (p.46).

É bom relacionar as histórias com as ciências, visto que por vezes as ciências ficam mais esquecidas podemos assim aproveitar para trabalhar as duas áreas e fazer interdisciplinaridade.

terça-feira, dia 15 de fevereiro de 2011

A educadora levou o seu grupo para a cozinha, pois ia falar do coqueiro e tinha cocos para mostrar. Começou por abrir o coco e dar a provar a água de coco e só depois é que os alunos provaram o coco. Depois de explorados os sentidos do tato e do paladar as crianças foram para o recreio.

Mais tarde a professora trabalhou com eles os quatro atributos dos blocos lógicos, jogando o jogo das diferenças. Por exemplo, procurem uma peça que seja diferente da minha na cor e no tamanho.

Inferências e fundamentação teórica

A educadora nesta aula aproveitou para não só dar a conhecer um fruto à turma mas também para explorar os sentidos das crianças (a visão, o paladar, o tato e olfato).

Hohmann, Banet e Weikart (2004) afirmam que “tocar e cheirar um alimento (...) e comê-lo (...) é uma atividade adequada e estimulante para um grupo de crianças da pré-escolar” (p.177)

sexta-feira, dia 18 de fevereiro de 2011

Como a educadora não estava presente a diretora do jardim-escola esteve com a turma a fazer a construção da camioneta. Trabalhou o cálculo mental e colocou algumas perguntas para envolver a construção numa história.

Inferências e fundamentação teórica

Foi a primeira vez que vi uma aula lecionada pela diretora e gostei imenso. Esta foi sempre muito meiga com a turma e via-se que existia uma boa relação entre a diretora e a turma.

Posso também referir que pela forma como lecionou que tinha muita experiência de ensino. Terminou assim mais um momento de estágio.

1.5- Bibe Amarelo B - 4.^a Secção:

Seminário de Contacto com a Realidade Educativa, dia 28 de fevereiro a 4 de março:

Período de estágio de 28/2/2011 a 4/3/2011

Faixa etária: 3 anos

1.5.1- Relatos:

Nesta semana de estágio o horário foi das 9 horas às 17h horas todos os dias. Como já referi anteriormente

segunda-feira:

Na aula do Domínio da Matemática a educadora trabalhou com as crianças uma tabela de dupla entrada com os Blocos Lógicos.

Na parte da tarde puderam assistir à aula de música, lecionada por uma professora do jardim-escola, foi um momento de aprendizagem mas ao mesmo tempo muito divertido.

terça-feira:

O dia começou com a aula do domínio da matemática, em que a educadora recorreu ao material Cuisenaire. Trabalhou a escada por ordem crescente e decrescente. Com auxílio de uma história pediu aos alunos para realizarem a escada até à peça amarela, de seguida foi pedindo aos alunos para subirem e descerem as peças como se tratassem de degraus. Para ajudar tinha um menino e uma menina e era com eles que eles iam subindo e descendo os degraus.

quarta-feira

Na área do domínio da matemática a educadora trabalhou com as crianças o material 3º Dom de Fröebel. Este material não é utilizado no bibe amarelo. Sendo que era a primeira vez que iam ter contacto com o material, recorreu a uma história para explicar as regras de manuseamento do mesmo. De seguida criou uma nova história para começar a realizar as construções sendo o muro alto a primeira a ser construída e por fim as duas colunas.

Depois da hora do almoço, e visto que algumas crianças já não dormem a sesta a pedido dos pais, estas estiveram com a educadora da sala uma aula de expressão motora, realizaram vários exercícios onde exploraram os movimentos do corpo

quinta-feira

Durante a manhã a educadora levou os seus alunos até à sala de apoio do bibe amarelo. Sentou-os dispostos em U. Começou por perguntar um a um o que para eles significava o Carnaval. Com esta atividade a educadora recebeu inúmeras respostas divertidas.

Como o Carnaval se aproximava, a educadora, na parte da tarde, elaborou com a turma uma atividade de expressão plástica que consistia na elaboração de uma máscara de carnaval com o formato das mãos dos alunos. Depois das crianças escolherem as cores ajudei-as a fazer a máscara e por fim a cortá-las

sexta-feira

Este foi um dia muito especial no jardim-escola, pois comemorou-se o Carnaval. Existia boa disposição por todo o lado.

Houve muita brincadeira e muita alegria durante o dia todo entre os alunos e entre todas as educadoras. Depois da hora do almoço foram todos até à sala de aula onde cantaram algumas músicas e onde brincaram à vontade. Já no final do dia pintaram alguns desenhos com o tema de Carnaval.

Inferências e fundamentação teórica

Não posso deixar de referir que estar o dia inteiro no jardim-escola é completamente diferente, porque só assim é que temos noção das rotinas e de como é todo o dia daquela turma.

Foi muito importante poder assistir à aula de música que por norma é sempre da parte da tarde. A turma estava muito entusiasmada na aula e no fim percebi o porquê pois a professora de música é muito bem-disposta e as aulas são muito dinâmicas e motivadoras.

De acordo com as OCEPE (M.E. 1997):

a expressão musical assenta num trabalho de exploração de sons e ritmos, que a criança a produzir e explora espontaneamente e que vai aprendendo a identificar e a produzir, com base num trabalho sobre os diversos aspetos que caracterizam os sons: intensidade (forte e fracos), altura (grave e agudos), timbre (modo de produção), duração (sons longos e curtos), chegando depois à audição interior, ou seja, a capacidade de reproduzir mentalmente fragmentos sonoros. (p.63/64)

Gostei muito de voltar a esta sala e de ter estado de forma mais intensiva com este grupo. Também fiquei admirada com o que eles já conseguiam fazer desde a altura em que lá estive.

1.6 - Rotina do 1.º Ciclo:

Como já referi no início deste relatório, o estágio foi realizado no JE da Estrela.

Sendo as rotinas iguais para o 1.º ciclo, irei apenas apresentar o quadro 6, as rotinas diárias da mesma.

Quadro 6 – Rotinas diárias do 1.º ciclo

Idades	Rotinas			
	Acolhimento	Recreio	Almoço	Higiene
Bibe castanho	X	x	x	X
Bibe verde	X	x	x	X
Bibe Azul claro	X	x	x	X

Como se pode verificar as rotinas são iguais em todas as faixas etárias do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

1.7 - Bibe Castanho A - 4.ª Secção:

Período de estágio de 14/3/2011 a 13/5/2011

Faixa etária: 6 anos

1.7.1- Caracterização do grupo e horário:

O projeto curricular de Turma (PCT) foi-nos gentilmente cedido pela educadora do grupo, que por se tratar de dados oficiais das crianças não deve ser exposto. Visto que, PCT, é elaborado no início do ano letivo é importante referir que desde então, o mesmo já sofreu alterações e vai sofrendo até ao final do ano letivo.

A turma do 1º ano A é constituída por 29 alunos, sendo que 16 elementos são do sexo feminino e 13 elementos do masculino.

Culturalmente, a turma caracteriza-se por demonstrar um grande interesse no ambiente que a rodeia, sendo participativa e interessada.

Ao nível da Língua Portuguesa apresentam dificuldades na produção de textos.

No quadro7 são apresentadas as práticas observadas no bibe castanho durante o período de estágio.

O horário semanal faz parte integrante do PCT. Este, inclui as várias atividades que deverão ser realizadas ao longo da semana com as crianças. Sendo este alterado sempre que necessário.

Quadro 7 - Práticas observadas no bibe Castanho

Horas	segunda-feira	terça-feira	sexta-feira
9h - 9:50h 10h - 10:50h	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática
11h - 11:30h	Recreio		
11:30 - 12:00h 12h - 13:00h	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa

1.7.2 - Caracterização do espaço

A sala encontra-se perto do salão do Jardim-Escola e perto do refeitório. Esta sala ainda tem algumas características de uma sala antiga, como por exemplo algumas carteiras antigas, de madeira, e algumas pinturas, também antigas, no teto. Não é um espaço muito amplo, no entanto possui muita luz natural (figura 4).

A sala tem um quadro grande de ardósia preto e dois mais pequenos, também de ardósia, verdes. Segundo Zabalza (1998, p.53), uma sala de aula deve ser “um cenário muito estimulante, capaz de estimular, capaz de facilitar e sugerir múltiplas possibilidades de ação.”



Figura 4 – Sala do bibe castanho

1.7.3 - Relatos Diários:

segunda-feira, dia 14 de março de 2011

Dia dos pais, a professora trabalhou com os alunos o material 5,º Dom de Froebel. Fez com eles a construção da camioneta e do cadeirão, e tinha um pictograma para trabalhar com eles. O pictograma era sobre uma fábrica de cadeirões onde os alunos tinham que ver quantos cadeirões eram fabricados por dia. Usou a construção da camioneta para colocar perguntas relacionadas com o tema, como por exemplo quantas viagens fazia a camioneta para levar os cadeirões.

Por fim realizaram um ditado de palavras.

Inferências e fundamentação teórica

Este dia ficou marcado pela presença dos pais, que na verdade achei muito importante pois nunca tinha estado com os mesmos. É bom a escola promover estas atividades para desenvolver a relação entre escola família.

Segundo Reis (2008) na “relação família escola cada parte deve saber o que lhe cabe e quais as expectativas que têm e não se intrometer nos aspectos que não lhe dizem respeito”(p.59).

É extraordinário ver como os alunos querem mostrar aos pais que sabem muito e que há uma grande cumplicidade entre os mesmos e como os pais também sabiam como os pais também sabiam qual era o seu papel naquela manhã.

No final da manhã a professora referiu que alguns dos pais ficaram admirados com a quantidade de coisas que os alunos já sabiam e faziam.

terça-feira, dia 15 de março de 2011

A professora foi chamada para uma reunião com a diretora, e pediu-nos a mim e à minha colega de estágio para lermos o texto *o pirilampo* e a seguir fazermos o jogo de soletrar letras de uma palavra, para que eles conseguissem rapidamente adivinhar qual era a palavra.

Mais tarde, quando a professora chegou à sala pediu aos alunos que fossem buscar o Cuisenaire. Colocou questões sobre o mesmo como por exemplo para ter 100 unidades preciso de quantas peças encarnadas? Como souberam logo a resposta a professora perguntou -lhes e cor de rosas. Aqui os alunos tiveram, mais dificuldade e a professora ajudou-os com os quatro meios do 5.º Dom de Froebel se representassem o todo com 100 unidades quanto é que valeria cada meio e eles disseram 25 e a professora concluiu que se dividirem o 100 pelas 4 peças dá 25 assim como se tiverem 25 peças cor de rosa vão ter 100.

Inferências e fundamentação teórica

Apesar das dificuldades que esta turma apresenta a professora trabalhou bastante o cálculo mental. Pude assim observar que, caso a turma não tivesse trabalhado tanto este conteúdo a resposta não teria sido tão boa como foi. Por vezes

Nas OCEPE (M.E., 1997) podemos verificar que

o processo de resolução de problemas não se trata de apoiar as soluções correctas, mas de estimular as razões da solução, de forma a fomentar o desenvolvimento do raciocínio e do espírito crítico. O confronto das

diferentes respostas e formas de solução permite que cada criança vá construindo noções mais precisas e elaboradas da realidade. (p.78)

O mesmo é referido também no programa curricular do 1.º Ciclo.

sexta-feira, dia 18 de março de 2011

Neste dia a turma foi a uma visita de estudo á Kidzania e eu tive a possibilidade de ir também. Quando lá chegámos os alunos ficaram sozinhos e nós fomos para uma sala onde pudemos ver televisão, estar no computador ou trabalhar. Mais tarde tive a oportunidade de poder dar uma volta para conhecer as diversas profissões e pude ver que as crianças ficaram fascinadas com o pequeno mundo, pois é muito bom para as preparar para a realidade. Elas têm de trabalhar para receber dinheiro para poderem comer ou comprar coisas, ajuda-as a terem responsabilidades e a saber gerir o seu próprio dinheiro.



Figura 5 - Visita de Estudo à Kidzania

Inferências e fundamentação teórica

Almeida (1998) refere que as visitas de estudo são essenciais para a formação dos jovens.

Foi muito bom poder ir com a turma à visita de estudo. Foi um dia diferente para as crianças que estavam radiantes com aquele pequeno mundo, e até nós, os adultos ficámos encantados com a quantidade de coisas que se podem fazer. Era bom que lá pudessem voltar novamente quer com a escola quer com a família.

terça-feira, dia 22 de março de 2011

As crianças começaram por realizar o teste de matemática e, posteriormente, realizaram uma ficha formativa que servia de estudo para o teste de língua portuguesa.

Inferências e fundamentação teórica

Hoje não foi possível ter uma participação ativa no estágio. Visto ser dia de ter a turma estive a por em pratica os seus conhecimentos.

Segundo Martiniano Pérez (2012)

a avaliação como processo somativo de valorização centra-se no produto que deve ser avaliado enquanto mensurável e qualificável. Na prática, avaliar e medir o mesmo. O critério de avaliação baseia-se nos objetivos operativos definidos como comportamentos observáveis, mensuráveis e quantificáveis. E, portanto, a avaliação vai centrar-se nos conteúdos. As técnicas de avaliação são quantitativas. (p.33)

É norma nos J-E da Associação João de Deus que os alunos realizem todos os meses os testes das 3áreas curriculares.

sexta-feira, dia 25 de março de 2011

Assisti às aulas de algumas colegas. Posteriormente, fomos para a reunião com as professoras da equipa de supervisão pedagógica.

Inferências e fundamentação teórica

É sempre bom assistir às aulas das colegas porque os erros delas por vezes são os nossos erros. Nestas aulas conseguimos ter sempre uma perceção diferente, ou seja, a colega que está ali também não está muito à vontade e por vezes acaba por cometer erros sem dar por isso, o mesmo nos acontece a nós e também não damos conta.

É importante irmos às reuniões para ouvirmos opiniões diferentes das nossas e refletirmos entre pares e com professores com mais experiências. Nas reuniões ficamos a saber o que foi positivo, negativo e como poderíamos ter feito.

De acordo com Peterson (2003)

a prática pedagógica é, por conseguinte, um meio eficaz que conduz o aluno ao saber. Ao saber ser do futuro profissional. Ela aproxima o aluno da realidade e permite-lhe aprender fazendo. Pode-se concluir, sem sombra de dúvidas, que os requisitos de um bom educador, tais como o domínio da disciplina que leciona ou especialidade, o domínio metodológico ou, melhor, a competência pedagógica, a motivação para ensinar e o horizonte cultural, se adquirem, em parte, através de práticas pedagógicas. (p.67)

É muito gratificante para nós, estagiários, termos esta possibilidade de praticar e de refletis sobre a mesma.

segunda-feira, dia 28 de março de 2011

Na aula de matemática, a minha colega de estágio deu o material Cuisenaire. Trabalhamos a escada por ordem decrescente, crescente e o perímetro.

Iniciou a aula colocando algumas questões sobre o material, posteriormente foi pedindo aos alunos que dissessem o valor das peças por ordem decrescente e por ordem crescente. Mais tarde, a minha colega começou por pedir-lhes que calculassem o perímetro da peça verde clara, entre outras peças.

Inferências e fundamentação teórica

Como já vinha sendo hábito a minha colega sempre que dava um material explorava o mesmo o que na minha opinião é importante porque ficamos logo a saber se eles dominam aquele material ou não e se é necessário da nossa parte explorá-lo melhor.

Segundo Caldeira (2009) “as crianças ao ordenarem as peças por tamanhos e ao enumerarem as cores e valores numa escala ascendente ou descendente, podem consolidar as propriedades dos números e até introduzir diversos conceitos”. (p.132)

terça-feira, dia 29 de março de 2011

No dia seguinte a minha colega deu a aula de português, com o tema família de palavras, e na área de estudo do meio onde falou sobre a rã e as suas características.

A colega começou por ler o texto e realizar a proposta de trabalho que tinha sobre a família de palavras. No estudo do meio levou uma rã para os meninos poderem observar da qual explorou as várias características.

Inferências e fundamentação teórica

Mais uma vez, a colega mostrou a boa relação que tem com os alunos e esteve sempre pronta a ajudá-los sempre que precisaram.

Foi muito bom ver a reação deles quando observaram a rã, para a maioria da turma era a primeira vez que viam um ao vivo. É bom os alunos poderem observar novas experiências e terem contacto com a realidade, ou seja, com o reino animal e não conhecerem só o cão, o gato, a vaca, a ovelha entre outros, mas sim conhecerem também os anfíbios e os reptéis que são igualmente importantes.

Como é referido na Organização Curricular e Programas Ensino Básico - 1.º Ciclo (M.E., 2006)

será através de situação diversificadas de aprendizagem que incluam o contacto direto com o meio envolvente, da realização de pequenas investigações e experiências reais na escola e na comunidade, bem como através do aproveitamento da informação vinda de meios mais longínquos, que os alunos irão aprendendo e integrando, progressivamente, o significado dos conceitos. (p.102)

É importante que as crianças tenham contacto com situações reais do quotidiano.

sexta-feira, dia 1 de abril de 2011

Hoje foi a minha primeira manhã nesta turma. Esta turma é muito meiga e trabalhadora, mas alguns alunos têm dificuldades. Comecei pelo português, onde trabalhei os tipos de frases e

observei que existiam algumas dúvidas pois por vezes nas frases interrogativas e exclamativas que conseguimos identificar com os sinais de pontuação, eles trocavam-nas.

Na área da matemática, trabalhámos o dinheiro – euros. Levei alguns objetos para que a turma pude-se fazer contas e trocos com o dinheiro que tinham.

Por último, vimos o peixe e quais as suas características. Os alunos observaram um peixe vivo. Podia ter sido bom levar também um peixe morto para que o pudessem observar por dentro.

Inferências e fundamentação teórica

Para mim foi bom dar as três áreas, mas a área de matemática ficou marcada pela motivação da turma, visto ser uma aula diferente. Pois iríamos falar do euro e como tal levei moedas e notas que comecei por distribuir. Mais tarde tiveram a oportunidade de ir às compras e poderem usar o dinheiro que tinham para comprar coisas. Foi nessa altura que houve a troca de dinheiro porque tinham de pagar e fazer o troco.

Acho muito importante eles terem contacto com o dinheiro e poderem explorá-lo ao máximo pois vai prepará-los para o futuro.

segunda-feira, dia 4 de abril de 2011

Hoje foi a minha aula surpresa com o material calculadores Multibásicos. Tinha de fazer com os alunos leitura de números. A professora, posteriormente, deu aula com o mesmo material.

Inferências e fundamentação teórica

Segundo a professora a aula foi bem planeada, mas já não se dita as peças por cor mas sim 423 unidades.

A grande dificuldade nesta aula foi o facto de ainda estar muito ligada ao bibe azul. A aula decorreu bem mas as crianças já sabiam mais, pois eles já tinham aprendido a colocar as peças na placa sem ser por cores, ou seja, realizando logo a leitura do número.

Reconheço que foi uma falha minha não ter perguntado primeiro à professora como se fazia.

terça-feira, dia 5 de abril de 2011

A minha colega de estágio, deu uma aula de treino, visto que no dia 8 ia ter a sua aula programada.

sexta-feira, dia 8 de abril de 2011

Hoje era o dia da aula programada da minha colega. Ela começou por dar a área de matemática, posteriormente o português, finalizando com o estudo do meio.

Na matemática começou por explicar as regras do material, 3.º e 4.º Dons de Froebel. As crianças abriram a caixa, seguidamente contou uma história, na qual integrou as questões que foi colocando, pediu que os alunos construíssem a camioneta.

No português leu o livro “O rabo do esquilo” de Lara Xavier, seguidamente trabalhou com as crianças os artigos definidos determinados. Continuou com a leitura do texto onde os alunos repetiam o refrão e faziam os gestos da mesma Para acabar distribuiu uns esquilos com determinantes artigos definidos, os meninos tinham de levantar o braço sempre que ela dissesse o seu determinante artigo definido.

Inferências e fundamentação teórica

Durante a aula de matemática a colega mostrou que tinha uma boa relação com a turma e esteve sempre muito atenta e com um bom-tom de voz. Iniciou a aula com as regras do material, explicou a construção que iriam realizar, a camioneta. Durante a sua aula circulou sempre pela sala, ajudou as crianças na realização da construção. Por vezes não teve cuidado com a construção frásica como por exemplo “se eu te colocaria” em vez de “se eu te colocasse”

O cálculo mental foi sempre apropriado a idade e associou sempre o resultado das perguntas a outras questões, como por exemplo tinham um quarteirão de esquilos fugiram cinco

quantos ficaram? A criança respondeu vinte e logo de seguida a colega perguntou a outra criança quantas dezenas eram. Integrou sempre as questões na história e por fim explicou como iriam arrumar o material na caixa. Chamou um menino à atenção porque não estava a arrumar bem o material.

Iniciou o português às 9h 50 m, distribuiu o texto e pediu para que o acompanhassem, pois ela poderia pedir-lhes para que continuassem a ler. Enquanto leu circulou pela sala, manteve um bom-tom de voz e teve atenção à entoação do texto. Por fim explicou o significado das palavras difíceis do texto, escrevendo as mesmas no quadro. Perguntou algumas regras da Cartilha, explicou aos alunos quais os gestos que teriam de fazer enquanto estes iam dizendo o refrão do texto que ela lia. Para não repetir a história ela disse apenas algumas frases com determinantes artigos definidos, nesta aula ultrapassou 4 minutos do tempo.

É importante lermos para a turma pois só assim é que podemos estimular os alunos pelo gosto da leitura.

Segundo Sim-Sim et al. (1997)

por leitura entende-se o processo interactivo entre o leitor e o texto, através do qual o primeiro reconstrói o significado do segundo. A extracção do significado e a consequente apropriação da informação veiculada pela escrita são os objectivos fundamentais da leitura, dependendo o nível de compreensão atingido do conhecimento prévio que o leitor tem sobre o assunto e do tipo de texto em presença. (p.72)

Começou o estudo do meio às 10h 14 m, novamente com uma boa passagem da aula, e voltou à história que estava a contar para iniciar a aula. Surgiu a resposta que os esquilos voavam e ela explicou que não, pois isso são os esquilos voadores e não aquele que ela levou; foi escrevendo no quadro as características dos animais, enquanto as crianças escreviam no seu cartão “tem de ter atenção às letras maiúsculas”, por fim deixou-as verem o esquilo de perto. Nesta aula apesar de ter começado 4 minutos depois consegui acabar a aula dentro do tempo estipulado.

Consegui mudar de área sem dificuldades sendo fiel ao tema geral.

segunda-feira, dia 11 de abril de 2011

As crianças realizaram contas, leram textos do livro e pintaram alguns desenhos. De seguida foram para o recreio e estiveram lá até pouco antes do almoço. Lavaram as mãos e esperaram um pouco a ver televisão até à hora do mesmo.

Inferências e fundamentação teórica

Sendo que esta semana coincidia com as férias da Páscoa as crianças tiveram uma rotina um pouco diferente do habitual.

O primeiro dia de férias foi aproveitado para ajudar algumas crianças com dificuldades. Mais tarde tiveram oportunidade de brincarem livremente no recreio.

terça-feira, dia 12 de abril de 2011

A colega que estava a fazer estágio no outro bibe contou a história do sapo apaixonado em *powerpoint*. Falou com eles sobre a história, e por fim elaborou o coelho em origami para colarem numa folha branca e fazerem o desenho.

Inferências e fundamentação teórica

Como referi anteriormente as rotinas nestes dias não são iguais, sendo que hoje foi uma manhã em que a turma esteve bastante motivada a realizar outras atividades.

Martiniano Pérez (2012) afirma que:

a motivação possui uma dupla dimensão individual e social. Primeiro que tudo, deve ser intrínseca, orientada para a melhoria do eu individual e grupal e, também, para a noção de sucesso (êxito) social e individual. A motivação intrínseca à tarefa bem feita ajuda a centrar os objetivos e o clima grupal e institucional. Assim, pode-se afirmar que a aprendizagem cooperativa é mais motivante do que a competitiva. (p.66)

Gostei também de ajudar as crianças que tinham mais dificuldades de aprendizagem. Considero que foi um trabalho produtivo

sexta-feira, dia 15 de abril de 2011

De manhã as crianças confeccionaram bolachas de chocolate com algumas estagiárias e posteriormente brincaram no recreio.

Inferências e fundamentação teórica

Hoje o dia foi dedicado à culinária, algumas turmas juntaram-se no refeitório e foi lá que realizaram as receitas.

Contudo, mais tarde realizaram alguns jogos tradicionais ao ar livre, e puderam brincar com os seus brinquedos.

De acordo com Elkonin (1998)

O jogo de grupo pode ser utilizado para favorecer o desenvolvimento cognitivo, social e moral. Os jogos prestam-se particularmente bem ao desenvolvimento da cooperação no jogo, a criança coopera voluntariamente (de uma maneira autónoma) com as outras, praticando as regras. Os jogos deste género exigem muita descentração e coordenação inter-individual e as crianças são motivadas a utilizar a sua inteligência para jogar bem. (p.417)

Nestes dias de férias as crianças podem trazer para a escola alguns jogos e brinquedos. Considero que este procedimento é correto e fá-los também ser mais responsáveis pelas suas coisas.

segunda-feira, dia 2 de maio de 2011

Na aula de matemática a professora começou por distribuir o material Calculadores Multibásicos. Explorou o mesmo, fazendo uma revisão das regras de utilização perguntando a cor das peças nas diferentes ordens. Por fim realizou diversos exercícios. Após terminar os exercícios, recolheu e arrumou todo o material

Inferências e fundamentação teórica

Na área de Matemática, a professora utilizou o material manipulável, Calculadores Multibásicos, trabalhando a leitura de números por ordem e por classe. Esta aula foi muito variada a nível de estratégias e de recursos. De acordo com o Departamento da Educação Básica (2004).

as aprendizagens diversificadas apontam para a vantagem, largamente conhecida, da utilização de recursos variados que permitam uma pluralidade de enfoques dos conteúdos abordados. Variar os materiais, as técnicas e processos de desenvolvimento de um conteúdo, são condições que se associam a igual necessidade de diversificar as modalidades do trabalho escolar e as formas de comunicação e de troca dos conhecimentos adquiridos. (p.24)

A professora revelou ter domínio dos conteúdos e confiança na forma como os trabalhava.

terça-feira, dia 3 de maio de 2011

A minha colega de estágio deu a aula de matemática com o material Calculadores Multibásicos. Falou sobre as carruagens dos milhares e das unidades. Colocou perguntas pertinentes como por exemplo qual o algarismo de ordem seis; qual é o algarismo das unidades de unidades, entre outras.

Inferências

A colega utilizou o material manipulativo Calculadores Multibásicos, para trabalhar as classes e ordens. Questionou os alunos de forma pertinente e os exercícios foram variados.

Estabeleceu uma boa relação com a turma, sendo sempre muito prestável e atenciosa com os alunos.

sexta-feira, dia 6 de maio de 2011

Este dia ficou marcado pela minha segunda manhã de aulas programadas. Comecei pela aula de português, com o seguinte tema “classificação de palavras”: aguda, grave ou esdrúxula. Utilizei material de apoio, como por exemplo palavras móveis e uma tabela que ajudou imenso a consolidar o tema.

Seguidamente passei para a aula de matemática em que trabalhei com o material Tangram. Comecei por explorar o material e as suas formas geométricas depois passei à história na qual estavam incluídas as situações problemáticas.

Após o intervalo realizámos uma proposta de trabalho de matemática.

Inferências e fundamentação teórica

Gostei muito de trabalhar com o material Tangram. Pois foi a minha primeira aula com o mesmo.

Depois de explorar o material dei início à história que tinha sido criada por mim, na qual estavam inseridas as situações problemáticas que iríamos trabalhar. Durante a história fizemos também duas construções: o foguetão e o astronauta.

Como já referi anteriormente é mesmo importante contar histórias para envolvermos as crianças com mais facilidade. Desta forma também trabalhamos a linguagem e a comunicação.

segunda-feira, dia 9 de maio de 2011

Só hoje é que vou dar a minha aula de estudo do meio, visto que na sexta-feira tivemos um problema informático.

Comecei por mostrar o filme sobre o sistema solar. Seguidamente explorei um pouco do mesmo, passando assim a mostrar as imagens dos planetas e a falar um pouco sobre os mesmos.

Depois de esclarecer as dúvidas das crianças pedi que realizassem uma maquete do sistema solar, com uma placa de esferovite palitos e plasticina que distribuí pelos grupos. O objetivo era todos os grupos conseguirem realizar a maquete o mais parecido possível.

Inferências e fundamentação teórica

A aula de estudo do meio decorreu, muito bem pois a turma esteve sempre atenta ao filme e quando questionei as crianças estas responderam sempre com sucesso. A turma mostrou muita curiosidade pelo tema.

Contudo nesta parte a turma falou mais, visto ser um trabalho em grupo, é normal que se fale. Fiquei muito contente por saber que os alunos tinham gostado da aula, pois durante o intervalo tive uma menina que me fez um desenho e disse “obrigada pela aula que nos deste”.

Na área da expressão plástica houve alguma conversa entre eles. Aqui fui um pouco permissiva. Fiquei muito contente por saber que os alunos tinham gostado da aula, pois durante o intervalo tive uma menina que me fez um desenho e disse “Obrigado pela aula que nos deste”.

Nas OCEPE (M.E.,1997) podemos encontrar argumentos que vão ao encontro do que eu também acredito ser importante.

as actividades de expressão plástica são de iniciativa da criança que exterioriza espontaneamente imagens que interiormente construiu. Tornam-se situações educativas quando implica um forte envolvimento da criança que se traduz pelo prazer e desejo de explorar e de realizar um trabalho que considero acabado. (p.61)

Na opinião da professora podia ter sido mais dinâmica.

terça-feira, dia 10 de maio de 2011

Assisti à aula surpresa de uma colega, em que lhe foi pedido que desse a divisão com uma, duas ou três casas decimais no divisor. A aula foi solicitada pelas professoras da equipa de supervisão pedagógica. Como já vinha sendo habito, posteriormente era realizada uma reunião para discutir os aspetos positivos e menos positivos da aula da colega.

Inferências

No geral a aula decorreu bem pois a colega manteve sempre uma boa postura. As crianças podiam ter feitos mais exercícios para trabalhar mais o conceito de divisão sendo este o mais difícil das quatro operações.

Pode parecer que é muito fácil de se explicar mas não é! Aprendi com a colega por isso foi muito positivo.

sexta-feira, dia 13 de maio de 2011

A professora começou por fazer um ditado de números com o material calculadores multibásico.

Após o intervalo, a professora trabalhou um texto, utilizando as regras da Cartilha para a leitura do mesmo, e por fim fez a interpretação do mesmo.

Inferências e fundamentação teórica

No primeiro ano a professora ainda recorre muito às regras da cartinha para ajudar a turma. Neste momento de estágio que passei no bibe castanho, tive uma maior contacto com a utilização da cartinha não só para dar as lições mas também para ajudar nas regras ou para ler ou para escrever.

Ruivo (2009) sublinha esta ideia “É importante não esquecer a necessidade de estimular e reforçar as pequenas conquistas que a criança vai fazendo, porque aprender a ler requer disponibilidade afectiva, atenção e também esforço.” (p. 133)

Pois só assim a criança ganha coragem e perde o medo que tem em cometer alguns erros na leitura

1.8- Bibe verde A - 5ª Secção:

Período de estágio de 16/5/2011 a 8/7/2011

Indica a faixa etária: 7 anos

1.8.1 - Caracterização da turma e horário:

O projeto curricular de Turma (PCT) foi-nos gentilmente cedido pela educadora do grupo, que por se tratar de dados oficiais das crianças não deve ser exposto. Visto que, o projeto curricular de turma, é feito no início do ano letivo é importante referir que desde então, o mesmo já sofreu alterações e vai sofrendo até ao final do ano letivo.

A turma do 2º ano A é composta por 24 alunos, sendo que 10 elementos são do sexo masculino e 14 elementos são do sexo feminino.

Na área da matemática, revelam grandes dificuldades na resolução de situações problemáticas e nos algoritmos da divisão e da multiplicação.

Quatro alunos apresentam algumas dificuldades de aprendizagem significativas, frequentando assim o apoio individualizado.



Figura 6 – Bibe Verde A

Horário do Bibe Verde A

O horário semanal faz parte integrante do PCT. Este, inclui as várias atividades que deverão ser realizadas ao longo da semana com as crianças. Sendo este alterado sempre que necessário. Posteriormente apresentarei o quadro 8 onde podemos visualizar as principais áreas que observei nos dias em que estive presente.

Quadro 8: Áreas disciplinares observadas no bibe verde

Horas	segunda-feira	terça-feira	sexta-feira
9h - 9:50h 10h - 10:50h	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
11h - 11:30h	Recreio		
11:30 - 12:00h 12h - 13:00h	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática

1.8.2 - Caracterização do espaço:

É uma ótima sala, visto a turma também não ter muitos alunos. A sala tem bastante luz, o que faz com que ainda pareça maior. É também bastante acolhedora.

Visto ter algum espaço amplo entre as mesas e com facilidade que se troca a disposição da sala, até mesmo quando temos de realizar trabalhos de grupo. Tem um grande armário no fundo com os dossiers da turma e com alguns livros da professora. Por questões de organização a secretária da professora está no fundo da sala.

1.8.3 - Relatos Diários:

segunda-feira, dia 16 de maio de 2011

Leitura e interpretação do texto “O espanta-pardais”. Exercício de caligrafia

Na área do domínio da matemática a professora utilizou o material Calculadores Multibásicos, e trabalhou leitura de números por ordem e por classe.

Inferências e fundamentação teórica

É importante que quando a professora pede para os alunos lerem em voz alta que antes os tenha deixado ler o texto, pois assim já tiveram contacto direto com o texto e não terão tanta dificuldade em o ler.

De acordo com Gomes *et al.* (1991), referindo-se à leitura silenciosa, menciona que:

esta modalidade de leitura é afectuada mentalmente, sem inferência dos órgãos vocais. A modalidade de leitura silenciosa (...) possibilita: a) maior rapidez de leitura, embora sempre de acordo com o ritmo pessoal de cada criança; b) recuos e avanços no texto, conforme o grau de apreensão; c) o posterior esclarecimento de dúvidas; e) a preparação para a leitura oral expressiva; f) a visualização da forma escrita, o que contribui para o aperfeiçoamento ortográfico. (p.133-134)

Estava com algum receio neste primeiro dia mas percebi logo que ia gostar desta turma e da professora.

terça-feira, dia 17 de maio de 2011

Aulas surpresa das colegas. A uma colega foi-lhe pedido que desse uma aula de subtração com empréstimo com o material Calculadores Multibásicos. À outra foi pedida uma aula com o material 5.º Dom de Froebel e que trabalha-se situações problemáticas.

Inferências e fundamentação teórica

No geral as duas aulas decorreram bem. Na primeira aula que vi a colega estava mais à vontade e conseguiu assim passar boa disposição, muito ritmo e motivação na sua aula. Na segunda o mesmo já não aconteceu por estar muito nervosa a sua aula acabou por ter sempre a mesma estratégia e não variar muito nos exercícios pedidos.

É importante trabalhar com o 5.º Dom de Froebel, pois as crianças já não sentem a mesma motivação com o 3.º e 4.º Dom de Froebel.

Segundo as Normas (citado por Caldeira, 2009) “é importante que usem materiais manipuláveis, diagramas e situações do mundo real em conjunção com esforços progressivos para descreverem as suas experiências de aprendizagem, por meio da linguagem oral e de símbolos”. (p.303)

Foi bom ter visto as crianças a trabalharem com este material pois o mesmo oferece inúmeras possibilidades para trabalhar vários conteúdos.

sexta-feira, dia 20.de maio de 2011

A professora teve de sair e eu fiquei na sala com mais três estagiárias até chegar a professora que vinha fazer a substituição.

Ajudámos os alunos a realizar a ficha de matemática que tinham para acabar e depois tinham mais um trabalho para fazer. A seguir ao recreio a professora chegou e fez a correção das mesmas no quadro.

Posteriormente a professora perguntou-me se queria fazer um ditado aos meninos, “ o espanta pardais” de seguida fizeram a correção das palavras mal escritas.

Inferências

Esta aula acabou por ser boa para mim para compreender como tinha de interagir com a turma e que estratégias devia adotar para a minha aula programada que iria ser no dia 27 de maio.

terça-feira, dia 24 de maio de 2011

Na manhã de terça-feira a professora fez a leitura de um texto e a interpretação do mesmo.

Estive a ajudar as crianças que têm mais dificuldades a terminarem os trabalhos que tinham em atraso.

Inferências e fundamentação teórica

É muito importante que os professores leiam histórias, pois estão a contribuir para o futuro destas crianças.

Segundo o Plano Nacional de Leitura (2008),

ouvir contar histórias na infância leva à interiorização de um mundo de enredos, personagens, situações, problemas e soluções, que proporciona às crianças um enorme enriquecimento pessoal e contribui para a formação de estruturas mentais que lhes permitirão compreender melhor e mais rapidamente não só as histórias escritas como os acontecimentos do seu quotidiano. (p.5)

Constatai que a professora gosta muito de começar com a leitura de história/textos e desta forma predispõe muito mais as crianças a estarem interessadas e a gostarem de aprender a ler.

sexta-feira, dia 27 de maio de 2011

Para a minha aula programada decidi falar sobre o ornitorrinco. Comecei por ler um texto sobre o mesmo e trabalhar assim a gramática e interpretação. Na parte da interpretação podia ter deixados a turma participar mais, pois falei mais do que eles.

Na área do conhecimento do mundo, não saí do tema. Aproveitámos para explorar mais sobre os ornitorrinco, como por exemplo, como nasce, onde vive, qual a sua alimentação, entre outras curiosidades.

Para finalizar a minha aula realizei com a turma um itinerário para conseguirmos levar o ornitorrinco a comer pois ele já estava cheio de fome.

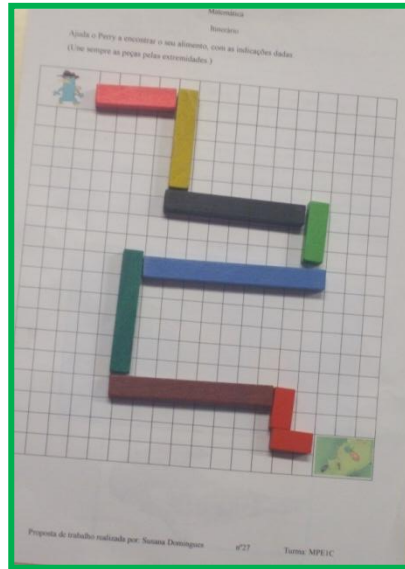


Figura 7 – Proposta de trabalho do Itinerário

Inferências e fundamentação teórica

Sei que esta foi a aula em que falhei mais pois deveria ter mudado de estratégia, para ditar as peças o que fiz foi pouco

As crianças têm muita curiosidade em conhecer o que as rodeia, e é nesta unidade curricular de Estudo do Meio que isso acontece.

De acordo com Roldão (1995) “O meio em que se vive faz parte integrante da experiência afectiva de cada um (...)” (p. 26), sendo por isso de extrema importância abordá-lo em sala de aula.

Sendo este uma animal pouco conhecido foi bom proporcionar-lhes esta experiência.

Apesar de ser a segunda vez que estava com a turma, eles foram fantásticos ajudaram-me imenso, fizeram sempre o que eu lhes pedi e acima de tudo estiveram sempre calados e muito atentos, sempre curiosos para saberem mais. Confesso que gostei imenso de estar com a turma pois foram muito meigos e carinhosos.

segunda-feira, dia 30 de maio de 2011

Na área da matemática realizei com eles situações problemáticas, em que trabalhei o raciocínio e o cálculo mental.

Na área da língua portuguesa trabalhei os verbos. Comecei por distribuir uma proposta de trabalho com um quadro em que a turma teria de conjugar os verbos.

Devido ao trânsito que havia nesse dia não foi possível dar a aula de estudo do meio, passando assim para o dia seguinte.

Inferências

Gostei muito de dar a aula de matemática pois na minha opinião decorreram bem as situações problemáticas que trabalhei pois exigiam muita atenção e muito raciocínio mas eram divertidas ao mesmo tempo, como por exemplo uma delas em que tinham de fazer combinações

Na área de português também não correu mal mas devia ter trazido os verbos conjugados de casa para ser mais simples na correção, visto que era um tema novo e que requeria mais explicações da minha parte.

terça-feira, dia 31 de maio de 2011

Na área do estudo do meio falámos sobre os estados de agregação da matéria, aula que gostei em particular, e por isso irei falar dela mais à frente no capítulo das planificações.

Inferências e fundamentação teórica

Gostei imenso desta aula, por ser um tema em que podemos explicar tudo com situações reais, ou seja, podemos levar o gelo, a chaleira e exemplificar assim as várias passagens da água.

Roldão (1995), refere ainda que “(...) o estudo do meio prende-se (...) com a necessidade de consciencializar a criança acerca da realidade em que vive, preparando-a para compreender e intervir nessa realidade.” (p. 27)

Constatei também que as crianças são muito curiosas e revelam ter muitos conhecimentos sobre muitos temas.

sexta-feira, dia 3 de junho de 2011

Hoje realizou-se mais um teste intermédio de Português.

segunda-feira, dia 6 de junho de 2011

Nesta manhã, a minha colega de estágio tinha a sua aula programada. Na parte de língua portuguesa falou sobre as palavras onomatopaicas, na qual mostrou alguns exemplos de sons destas palavras e por fim realizaram uma proposta de trabalho.

Na área de estudo do meio os alunos trabalharam o ciclo da água. A colega leu uma história em *powerpoint*, fez um esquema no quadro e por fim realizou um esquema com as crianças.

Na área da matemática realizaram um gráfico de barras. A colega começou por distribuir as tesouras e as colas, posteriormente leu a proposta de trabalho e explicou o que iam fazer, sendo que cada um fazia o seu no lugar e só no fim é que fizeram a correção no quadro.

Inferências e fundamentação teórica

Na aula de português a colega devia ter experimentado o material com alguma antecedência para que este não desse problemas no decorrer da mesma.

A aula de estudo do meio decorreu bem, a turma esteve bastante atenta e participativa nas experiências e na aquisição de novos conhecimentos.

De acordo com o Currículo Nacional do Ensino Básico (M.E., 2007),

estudar o meio pressupõe, então, a emergência de componentes emocionais, afectivas e práticas de relação com ele, proporcionadas pela vivência de experiências de aprendizagem que promovam o desenvolvimento de competências específicas no âmbito da área disciplinar de Estudo do Meio que a escola, enquanto espaço para formalização do conhecimento, deve promover. (p.75)

Mais uma vez foram promovidas várias experiências e descobertas.

terça-feira, dia 7 de junho de 2011

Assisti às aulas das estagiárias do 2.º ano de licenciatura. Realizaram uma experiência sobre o ar. A primeira começou por abordar se o ar existe ou não. Para ajudar a turma, pediu que fizessem um leque de papel para abanar em frente à cara e observarem assim o que é que aconteceu, para poderem registar os resultados no quadro.

A segunda estagiária, começou por perguntar se o ar pesa. Depois de diversas respostas da turma, encheram balões de diferentes formas, para observarem se o ar tinha forma.

Inferências e fundamentação teórica

Mais uma vez pude constatar que as crianças adoram o contacto com a realidade e para elas poderem realizar experiências é um passo muito importante.

Segundo as OCEPE (M.E., 1997)

a área de 'Conhecimento do Mundo' abarca o início das aprendizagens das diferentes ciências naturais e humanas, no sentido do desenvolvimento de competências essenciais para a estruturação de um pensamento científico cada vez mais elaborado, que permita à criança compreender, interpretar, orientar-se e integrar-se no mundo que a rodeia..(p.83)

As colegas conseguiram dinamizar bem o tema e cumprir o tempo estipulado, em suma a aula decorreu bem, apesar de haver algumas coisas para melhorarem.

Foi bom vê-las e pensar que também já fui aluna do 2.ºano. Não posso deixar de referir que é muito bom podermos ter estas experiências educativas.

terça-feira, dia 14 de junho de 2011

A colega deu uma aula sobre o grau superlativo relativo. Realizou algumas frases no quadro com os diferentes graus.

Com o 3.º e 4.º Dons de Froebel fez a construção da camioneta. Começou por explorar o material, e só depois é que deu início à história na qual realizou algumas situações problemáticas.

Na aula de estudo do meio realizou uma experiência sobre solubilidade e não solubilidade.

Inferências e fundamentação teórica

Qualquer um dos Dons de Froebel (3.º, 4.º e 5.º) são ótimos materiais didáticos e que despertam a curiosidade para a aprendizagem de novas construções que podem ser aliadas a histórias, a situações de cálculo integradas em situações problemáticas.

Caldeira (2009) sublinha que “o 3.º e o 4.º Dons juntos são um acumulado dos objetivos dos Dons em separado, com alguma complexidade acrescida”, permitindo assim acompanhar a evolução da criança e possibilitar o desenvolvimento de novas situações desafiantes.

Estas crianças são mesmo fantásticas pois colaboram sempre com muito interesse e gosto.

sexta-feira, dia 17. de junho de 2011

Assisti às Provas Práticas de Avaliação da Capacidade Profissional das colegas do Mestrado Pré- Escolar.

Inferências e fundamentação teórica

Foi curioso poder assistir às aulas das minhas colegas que estavam agora a terminar o curso para começar uma nova etapa da vida. Mas acima de tudo aquelas aulas serviram também para perceber e tomar consciência de como se ia passar comigo.

Estas aulas com a equipa da prática pedagógica servem também para nos preparar para o mundo do trabalho, ou seja, para a prática docente.

Segundo Formosinho (2001) “A Prática Pedagógica é a componente curricular da formação profissional de professores cuja finalidade explícita é iniciar os alunos no mundo da prática docente e desenvolver as competências práticas inerentes a um desempenho docente adequado e responsável.” (p. 50)

No final das provas a maioria das colegas estava satisfeita com a avaliação que lhes foi transmitida.

segunda-feira, dia 20 de junho de 2011

Assisti às Provas Práticas de Avaliação da Capacidade Profissional das colegas que estão a frequentar o Mestrado no 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Inferências e fundamentação teórica

Assisti também às Provas Práticas de Avaliação da Capacidade Profissional das colegas do 1.º ciclo. Visto estar a tirar os dois mestrados as minhas provas serão no próximo semestre. Pois o meu futuro poderá passar a ser professora de 1.º ciclo e temos de estar sempre a aprender.

Segundo Alarcão e Tavares (2003), “no diálogo construtivo que se estabelece entre pares e entre os professores e supervisores, todos são parceiros da mesma comunidade profissional, interessados em inovar e provocar mudanças nos contextos educativos” (p.41).

Sempre que observamos e refletimos sobre a nossa prática e a dos colegas fazemos uma evolução no nosso desempenho profissional.

terça-feira, dia 21 de junho de 2011

Quando a turma chegou à sala eu estava a preparar o resto do material.

Na área de Língua Portuguesa trabalhei, os adjetivos no grau superlativo absoluto. Comecei por explicar o tema, e de seguida realizei uma proposta de trabalho.

Iniciei a aula de Matemática com o material Tangram. Depois de distribuído explorei o mesmo por fim realizei uma construção com eles que era uma vela.

Terminei a aula com a área de Estudo do Meio onde realizei uma experiência, sobre a combustão, e finalizámos a mesma com um diálogo sobre o resultado da experiência.

Inferências e fundamentação teórica

Gostei imenso de dar esta manhã de aulas. Mas em particular a aula de estudo de meio em que realizei uma experiência sobre a combustão na qual originou novas perguntas e algumas dúvidas.

Martins *et al.* (2007), dizem “que o desenvolvimento de cada actividade não se encerre em si própria, dado que a exploração de uma temática suscita, muitas vezes novas questões” (p.23).

A opinião da professora foi muito positiva e os aspetos a melhorar foram assinalados de forma construtiva.

sexta-feira, dia 24 de junho de 2011

Estivemos a manhã a visionar o filme “ A ilha do tesouro de Tom e Jerry e Alvim e os esquilos”.

Inferências e fundamentação teórica

O visionamento do filme torna-se importante se a seguir ao mesmo questionarmos os alunos.

Segundo Spodek e Saracho (1998) os filmes, slides, audiovisuais de diversos fenómenos. Este tipo de exposição permite aos professores fazerem perguntas e discutir conceitos de interesse. (p.57).

As crianças gostaram imenso e entre elas iam comentando o que viam.

segunda-feira, dia 27 de junho de 2011

Assisti às Provas Práticas de Avaliação da Capacidade Profissional das colegas que estão a frequentar o Mestrado em Educação Pré-Escolar.

Do dia 28 de junho a 8 de julho de 2011

Visto a maioria das crianças já estarem de férias. Estes dias foram passados de maneira diferente e quebrando algumas das rotinas diárias do jardim-escola. Como por exemplo realizámos alguns jogos ao ar livre, a professora fez leitura de algumas histórias e explorou as mesmas.

Inferências e fundamentação teórica

Mesmo nestes períodos é importante estimular as crianças para o gosto pela leitura, assim sendo

De acordo com Mata (2006)

o desenvolvimento da literacia começa antes de a criança iniciar uma instrução mental. A criança começa desde cedo a desenvolver comportamentos associados à leitura, em contextos informais, tais como a sua casa e comunidade. As crianças desenvolvem um trabalho crítico e cognitivo sobre a literacia desde muito cedo e não somente aos 6 anos. (p.18)

Considero que para efeitos de estágio estes dias podiam ser mais pertinentes para os estagiários. Por exemplo poderiam ver como as professoras elaboram as avaliações como preparam o próximo ano letivo, entre outros.

Voltarei em setembro para dar início ao meu último semestre de Estágio Profissional.

1.8 – Bibe Verde A - 6ª Secção:

Período de estágio de 26/09/2011 a 18/11/2011

Faixa etária: 7 anos

1.8.1 - Caracterização da turma e horário:

O projeto curricular de Turma (PCT) foi-nos gentilmente cedido pela professora do grupo, pois é com ela que se encontra a caracterização da turma

A turma do 2º ano A é constituída por 29 alunos, sendo 16 do sexo feminino e os restantes do sexo masculino.

Culturalmente, a turma caracteriza-se por demonstrar interesse no ambiente que a rodeia, sendo empenhada, bem-disposta e responsável.

Na área da Língua Portuguesa apresentam algumas dificuldades na produção de textos e ainda existem alguns alunos que cometem muitos erros ortográficos.



Figura 8 - Bibe Verde A

Horário do Bibe Verde A

O horário semanal faz parte integrante do PCT. Este, inclui as várias atividades que deverão ser realizadas ao longo da semana com as crianças. Sendo este alterado sempre que necessário. No quadro 9 apresento o mesmo de forma simplificada.

Quadro 9 - Práticas observadas no bibe Verde

Horas	segunda-feira	terça-feira	sexta-feira
9h - 9:50h	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
10h - 10:50h			
11h - 11:30h	Recreio		
11:30 - 12:00h	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática
12h - 13:00h			

1.8.2 - Caracterização do espaço:

A sala tem grandes dimensões, visto ser boa para aquela turma porque tem 29 alunos. Tem um quadro em ardósia e um alguns móveis para guardar os materiais manipulativos e os dossier da turma. Os alunos estão dispostos dois a dois, em quatro filas.

A sala tem bastante luz, é muito acolhedora. Tem também uma pequena zona onde existe um tapete com almofadas, onde os alunos por vezes se sentam depois de realizar todos os trabalhos para ler os livros trazem de casa ou por vezes com a professora quando quer falar com eles.

1.8.3 - Relatos Diários:

terça-feira, dia 27 de setembro de 2011

Apresentação à turma. Utilização do material Calculadores Multibásicos para trabalhar exercícios de leitura de números. Depois de alguns exercícios da proposta de trabalho, os alunos fizeram de professores, dizendo alguns números para os colegas fazerem a leitura por classes e ordens. O objetivo era treinar a leitura dos números.

Após o recreio os alunos assistiram a uma conferência sobre a higiene oral (Super Sorriso)

Inferências e fundamentação teórica

De volta ao estágio foi como muita alegria que entrei na sala. Foi também interessante constatar que as crianças estavam mais crescidas e que ainda se lembravam de mim.

Segundo Cordeiro (2007)

Para que a criança se interesse pelo cuidado com a higiene oral – e qualquer criação de hábitos será tanto mais eficiente quanto o interessado se envolver com gosto -, o momento de escovar os dentes deve tornar-se divertido e não visto como mais uma obrigação ou castigo. (p. 148)

Esta formação foi do agrado das crianças e muito útil.

sexta-feira, dia 30 de setembro de 2011

A professora começou por distribuir uma proposta de trabalho com uma reta numérica. Seguidamente fez um jogo com contas de subtrair. A turma estava dividida por grupos e cada elemento do grupo tinha de realizar uma conta sempre que esta estava certa a equipa ganhava um ponto. Quando existiam dúvidas a professora recorria ao material Calculadores Multibásicos para as explicar.

Após o recreio pediu que fizessem a cópia de 4 destrava-línguas e, de seguida, um ditado só com oito palavras e as que tinham acabado de escrever.

Inferências e fundamentação teórica

Pelo facto da professora utilizar os jogos para realizar as contas, vê-se da parte dos alunos um maior interesse. Para consolidar utilizou os Calculadores Multibásicos. Estes serviam para ajudar o mecanismo das contas de subtração, visto eles ainda não estarem muito à vontade com os cálculos no papel e estarem esquecidos das férias grandes.

Recorrer a um jogo para estimular a criança é sem dúvida bastante benéfico para a mesma. De acordo com Caldeira (2009) “o jogo (...) nunca pode estar dissociado do conjunto de elementos presentes no acto de ensinar e pode ser uma estratégia, para propiciar a aprendizagem” (p. 46).

Ainda bem que pude observar mais uma forma de trabalhar.

segunda-feira, dia 3 de outubro de 2011

Leitura e interpretação do texto *O parágrafo* de Marta Abrantes Pereira, do livro Maria Aluada. A professora aproveitou para explicar o que era um parágrafo.

Mais tarde a professora teve de se ausentar um pouco da sala de aula e pediu-me para identificar com os 5 oceanos, através de um mapa, para isso era necessário ajudá-los com os nomes dos continentes e dos países que são banhados por esses oceanos.

Inferências e fundamentação teórica

Mais uma vez não podia deixar de referir que é importante que as crianças leiam e posteriormente que trabalhem o que leram, porque ler não é só identificar palavras, temos de compreender o que lemos.

Segundo Gray (citado por Ministério da Educação, 1998):

Ler bem não significa somente identificar palavras e aprender ideias, mas também meditar sobre elas, discernir as relações e o sentido implícito. Para ser capaz de servir-se das ideias, o leitor deve reflectir sobre aquilo que lê, pesar o seu real valor, apreciar a validade das opiniões ou conclusões expressas.(p.177).

Foi muito desafiante ficar sozinho com as crianças e trabalhar o que a professora solicitou..

terça-feira, dia 4 de outubro de 2011

A manhã teve início com a aula de Matemática, onde a professora trabalhou a subtração com e sem empréstimo, com o auxílio dos Calculadores Multibásicos.

Inferências e fundamentação teórica

Hoje trabalhámos a subtração com e sem empréstimo o que para as crianças é sempre um conteúdo difícil pois é necessário compreender os números e o seu valor na posição

Segundo as Normas (citadas por Caldeira, 2009) este material ajuda a “(...) perceberem as diferentes formas de utilização dos números no mundo real, as crianças precisam compreender os números... Além disso, a compreensão do valor de posição é crucial para o trabalho posterior com os números e cálculo” (p. 203).

Na segunda parte da manhã trabalharam na área de Língua Portuguesa, recorrendo ao texto do dia anterior, para fazer a sua interpretação.

A professora referiu que vai realizar muito mais vezes este tipo de aulas por forma a garantir a interiorização destes conceitos.

sexta-feira, dia 7 de outubro de 2011

Correção da proposta de trabalho de matemática. Ajudei um menino a ler e resolvi com ele a ficha.

Realizei um ditado de palavras com “ão” e “am” de seguida a professora explicou a classificação das palavras quanto à sílaba tónica, explicando assim o que é uma sílaba tónica.

Inferências

É importantes estes pequenos trabalhos que vamos realizando com a turma, pois só assim conseguimos estabelecer uma boa relação com os alunos e compreender quais as dificuldades de cada um.

segunda-feira, dia 10 de outubro de 2011

Contas de subtração com prova dos nove.

Leitura do texto *Crescer* de Sophia de Mello Brayner do livro Terramar. Leitura individual e explicação do que é um verso e uma quadra. Finalização com a avaliação morfológica de algumas frases escritas no quadro pela professora.

Inferências e fundamentação teórica

Quando se trabalha um conteúdo é importante que se estabeleça um diálogo com a turma para explorar o mesmo e estimula a curiosidade de aprender.

Na leitura da Organização Curricular e Programas – 1º. Ciclo (M.E, 2006) reforça que na aprendizagem da escrita e da leitura é essencial criar “situações de diálogo, de cooperação, de confronto de opiniões, se fomente a curiosidade de aprender, se descubra e desenvolva, nas dimensões cultural, lúdica e estética da Língua portuguesa, o gosto de falar, de ler e de escrever” (p.136).

Quer as estratégias quer as metodologias a que esta professora recorre são muito pertinentes e vão me ajudar

terça-feira, dia 11 de outubro de 2011

Iniciámos a manhã com contas de subtração e a prova dos nove. Posteriormente a minha colega de estágio deu a sua aula de português, com um questionário do texto do dia anterior e revisão dos antónimos e sinónimos.

Inferências e fundamentação teórica

Este dia foi reservado para a aula da minha colega, a professora solicitou que ela fizesse uma breve leitura do dia anterior e de seguida questionasse a turma sobre o mesmo. Por fim trabalharam os antónimos e os sinónimos de forma dinâmica e divertido.

sexta-feira, dia 14 de outubro de 2011

Leitura e interpretação do texto *Isabel* de Sophia de Mello Breyner, *A floresta*. A professora colocou perguntas de interpretação, como por exemplo quem escreveu o texto, qual o título. De seguida a professora pediu-me que fizesse com eles uma ficha de leitura de números.

Inferências e fundamentação teórica

Durante o estágio neste bibe pude observar várias leituras deste livro. A professora começa sempre a ler e só depois é que pedia a turma para ler.

Borrás (2001, p. 366) sugere que “o exemplo de uma boa leitura por parte do professor oferecerá estratégias claras a seguir pelo aluno (entoação, ritmo, ênfase e outras).” O mesmo autor acrescenta ainda que “é aconselhável que (...) o docente leia primeiro o texto que o aluno deverá ler em seguida.” (p. 366)

Concordo com esta citação pois se apenas ouviremos colegas a ler dificilmente terão a noção do que é ler com entoação e fluência.

segunda-feira, dia 17 de outubro de 2011

Revisão para o teste de matemática. Correção da ficha de trabalho de casa.

Na língua portuguesa concluíram as fichas em atraso e corrigimos alguns exercícios, para ver se os mesmos estavam bem.

Inferências

Este dia foi dedicado à revisão para o teste, visto este ser no dia a seguir e podem sempre surgir algumas dúvidas de última hora.

terça-feira, dia 18 de outubro de 2011

Teste de matemática.

Cópia do texto “Que bom!” de Maria Alberta Menéres.

Inferências e fundamentação teórica

A avaliação deve ser vista como um método que vai preparar e acompanhar o processo de ensino aprendizagem, do aluno. Cortesão (1993) A avaliação compreende a “recolha e feedback de informação apropriada para uma sistemática e contínua revisão do decurso do processo, tendo em vista a melhoria”. (p.44)

Os registos de avaliação realizados pelo professor vão ajudá-la a preparar as suas aulas por forma a melhorar o desempenho e aproveitamento dos seus alunos.

sexta-feira, dia 21 de outubro de 2011

Os alunos realizaram o teste de português. Durante o teste fiquei sentada ao pé de um menino que tinha algumas dificuldades, para que ele não se distraísse e pudesse acabar o teste no tempo previsto.

Seguidamente acabaram a proposta de trabalho de matemática e realizaram as tabuadas do 3 ao 9.

Inferências e fundamentação teórica

Os testes servem para perceber quais os conhecimentos adquiridos até ao momento.

Para Cortesão (1993) “ a avaliação sumativa envolve conclusões sobre o mérito e o valor de um processo já completo ou estabilizado, sendo utilizada para selecionar e responsabilizar”. (p.44)

Mais uma vez refiro que estes testes são importante, no entanto podiam não ser nos dias em que estamos no estágio

segunda-feira, dia 24 de outubro de 2011

Hoje tivemos o prazer de ver uma aula da Dra. Filomena Caldeira, que foi sala do 2.º ano dar uma aula de Calculadores Multibásicos

Após trabalharem a subtração, com e sem empréstimo, com ajuda deste material manipulativo, os alunos foram chamados um a um para trabalharem com a Dra. Filomena Caldeira individualmente a subtração com empréstimo, no papel, havendo assim um ensino individual.

Enquanto uns estavam com a Dra. Filomena, comigo e com a minha colega, a restante turma realizava uma expressão escrita a partir de uma imagem.

Inferências e fundamentação teórica

É importante que as crianças se habituem a trabalhar também individualmente até pelo facto que desta forma conseguem concentrarem-se melhor.

Segundo Dottrens (1975) o trabalho individual consiste em “Após a lição coletiva, os exercícios de aplicação são executados por cada criança que apenas conta com ela mesma e até com a proibição (...) de permitir que a auxiliem (...)” (p. 27)

Segundo o mesmo autor, o trabalho individual corresponde a um “(...) trabalho adaptado a cada indivíduo, preparado para ele próprio porque será ele a executá-lo e em condições bem precisas.” (p. 28)

A visita da professora doutora Filomena Caldeira foi mesmo muito marcante pois é uma especialista na área da matemática e lecionou a aula com uma enorme mestria.

terça-feira, dia 25 outubro de 2011

A turma realizou o teste de matemática.

E como já vinha sendo hábito, as professoras da equipa de supervisão apareceram mais uma vez no jardim-escola para nos proporem as aulas supressas. A minha colega deu uma aula com o material Calculadores Multibásicos, e realizar subtrações com empréstimo a partir de, uma situação problemática.

A mim foi-me pedido que lesse um texto e trabalhasse com a turma o mesmo, fazendo a respetiva interpretação e alguns exercícios de gramática e, como desafio, introduzisse o grupo nominal e o grupo verbal.

Inferências e fundamentação teórica

Assim sendo, e como é habitual, estas aulas ajudaram-me mais uma vez a adquirir conhecimento, e a melhorar a minha prestação enquanto futura educadora/professora pois estamos em constante aprendizagem e formação.

Segundo Cunha (2008) entende-se por “formação de professores”:

o processo pelo qual os futuros professores (...) se preparam para desenvolver a função de docência. É considerado ainda como um conjunto de medidas que visam facilitar aos futuros professores o «aprender» a «ensinar» (...) a articulação de conhecimentos, habilidades, tarefas e métodos, como objectivo de promover o desenvolvimento de atitudes e de competências.(p.100)

A professora da sala e a professora da Equipa afirmaram que o meu desempenho tinha sido bom, pois consegui que a turma identificasse o que tinha sido pedido, o grupo nominal e o grupo verbal.

sexta-feira, dia 28 de outubro de 2011

Este dia foi dedicado ao teste de estudo do meio.

Inferências

Hoje o teste foi dedicado ao estudo do meio que é igualmente importante sendo necessário avaliar os alunos pelos seus conhecimentos.

A professora deu-nos uma cópia do mesmo. Pelo que pude observar a maioria das crianças realizou-o sem grandes dificuldades no geral.

segunda-feira dia 31 de outubro de 2011

Neste dia as duas turmas ficaram juntas, pois era dia de Halloween. Para comemorar o mesmo começaram por pintar uma abóbora e por fim leram a lenda do dia das bruxas, e exploraram a mesma.

Inferências

Ficámos todos juntos com a professora da outra sala. A professora começou por distribuir uma abóbora para pintarem e só mais tarde é que explorou com eles a lenda do dia das bruxas.

Apesar deste evento não ser de origem portuguesa, o mesmo recolhe muitos adeptos e praticantes.

sexta-feira, dia 4 de novembro de 2011

Esta foi a minha primeira manhã de aulas. Como temas tinha sequências e decomposição de números na área da matemática, na área de estudo do meio os Distritos de Portugal, e por fim, no domínio da língua portuguesa, os sinónimos e antónimos, onde elaborei um jogo.

Iniciei com a aula de matemática, realizando exercícios numa ficha de trabalho, segui para a aula de estudo do meio onde, com apoio de um mapa de Portugal grande, realizado por mim, completei com as crianças os vários distritos.

Para a aula na área de língua portuguesa, optei por realizar diversos jogos, em cartolinas, para não ser uma aula muito cansativa mas sim uma aula divertida onde abordava os sinónimos e antónimos.

Inferências e fundamentação teórica

Sendo que ia dar a manhã toda de aulas optei por fazer algo diferente, explorando assim todos os conteúdos ao mesmo tempo que fazíamos um jogo e nos divertíamos.

Barbeiro (1998) refere ainda que “Os jogos surgem assim como um instrumento para criar e recriar (...) situações de comunicação através das quais se torna possível a utilização da linguagem.” (p. 42), para jogar tem de haver comunicação.

Após conversar com a professora fiquei a saber que os aspetos positivos foram a boa relação que tinha com a turma, o tom de voz adequado as situações e por fim que era muito meiga para eles e os aspetos a melhorar foram a professora sugeriu que para a próxima mudasse a cor das letras da cartolina, pois eram um pouco claras.

segunda-feira, dia 7 de novembro de 2011

Este dia foi a primeira manhã de aulas da minha colega de estágio. Na língua portuguesa lecionou o tipo e formas de frase. Utilizando imagens de quatro desenhos que representavam os quatro tipos de frases, organizando frases trazidas de casa de forma a perceberem as principais diferenças entre as frases. Foi dinamizando a aula, pedindo sempre a colaboração dos alunos.

Na área do estudo do meio tinha como tema as Capitais de Distrito. Pegando na minha aula a colega pediu a alguns alunos para lhe dizerem alguns dos distritos, procurando estimular-lhes a memória.

Na área da matemática utilizou material manipulativo e realizou com eles situações problemáticas, com o 3.º e 4.º Dons de Froebel

Inferências e fundamentação teórica

A professora trabalhou várias vezes com materiais manipulativos, tentando sempre promover situações problemáticas com cada um deles e explorar conceitos diferentes, foi o que a minha colega de estágio tentou fazer.

De acordo com Caldeira (2009) a resolução de problemas “(...) possibilita o desenvolvimento de capacidades como: observação, estabelecimento de relações, comunicação,

argumentação e validação de processos, além de estimular formas de raciocínio como intuição, indução, dedução e estimativa.” (p. 103)

A colega de estágio teve o cuidado de escolher situações que tivessem a ver com os interesses e gostos das crianças.

terça-feira, dia 8 de novembro de 2011

Elaboração de um texto livre a partir de imagens.

Na área da matemática realização de algumas operações e alguns exercícios de cálculo mental e raciocínio lógico, por exemplo combinações.

Inferências

No âmbito da área de língua portuguesa a professora começou por mostrar várias imagens e foi a partir delas que se realizou o texto livre.

sexta-feira, dia 11 de novembro de 2011

Ditado com palavras que apareciam na lenda de São Martinho. Posteriormente a professora contou essa lenda e seguidamente, os alunos, com seis imagens, tiveram de rescrever a mesma.

Na área da matemática a professora trabalhou a leitura de números por ordem e por classes.

Inferências e fundamentação teórica

Penso ter sido pertinente a realização do ditado onde apareciam palavras com sons semelhantes.

A realização entre o dia e o texto trabalhado também permitiu que se trabalhasse uma data festiva. As crianças comeram castanhas neste dia. As mesmas tinham sido trazidas por elas.

segunda-feira, dia 14 de novembro de 2011

Neste dia a professora trabalhou com a turma a família de palavras através de uma proposta de trabalho.

Após o recreio realizaram duas situações problemáticas para trabalhar o cálculo mental.

Inferências e fundamentação teórica

Achei a proposta de trabalho muito motivadora, pois a professora escolheu palavras que são familiares para a turma e com as quais têm contacto diariamente.

Em virtude de as manhãs serem muito parecidas não vejo necessidade de as fundamentar mais.

terça-feira, dia 15 de novembro de 2011

A minha colega de estágio e eu realizámos, um jogo para a área da matemática e outro para a área de língua portuguesa. Começámos com o jogo de matemática, onde cada aluno tinha um tabuleiro que continha números, à medida que os números iam saindo pedimos individualmente aos alunos para indicarem uma operação em que obtinham o número que estava no tabuleiro.

Este jogo foi inspirado no Bingo, mas com operações aritméticas, ganhava quem conseguisse terminar o tabuleiro, sendo que de cada vez que acertavam recebiam um cartão para taparem os números que iam saindo, se errassem era-lhes retirado um desses cartões.

O jogo de Língua Portuguesa consistia em formar a família de palavra; cada aluno tinha uma palavra que tinha de ler e procurar os colegas que tinham as palavras da mesma família, formando assim vários grupos.

Já no fim da manhã a professora aproveitou as palavras do jogo e realizou um exercício caligráfico.

Inferências e fundamentação teórica

Foi bom poder observar como a turma estava motivada e andava de um lado para o outro para descobrir o seu grupo.

Vygotsky (1984, citado por Kishimoto, 2000) referencia que:

o brincar tem sua origem na situação imaginada que foi criada pela criança, que ao realizar seus desejos, reduz as tensões e constitui uma maneira de acomodação de conflitos e frustrações. O mais importante não é a similaridade do objecto com a coisa imaginada, mas o gesto, tornando seu significado mais importante que o próprio objecto. Assim, a grande importância do jogo no desenvolvimento deve-se ao fato de criar novas relações entre situações dos pensamentos e situações reais (p. 64).

Gostei muito de trabalhar a pares com a minha colega. As duas entendemo-nos muito bem e tínhamos tudo muito bem estruturado e organizado.

sexta-feira, dia 18 de novembro de 2011

Já estávamos no último dia de estágio, mas a minha colega deu aulas durante a manhã.

Na área do português deu novamente, o tipo e formas de frase Na área da matemática trabalhou a numeração romana e na área de estudo do meio realizou uma experiência sobre a combustão.

Começou com a aula de Língua Portuguesa onde recorreu à memória para se lembrarem da aula que eu já tinha lecionado, dias antes, tendo entregue uma proposta de trabalho.

Na aula de matemática, utilizou números de grandes dimensões para explicar a numeração romana, trouxe também para a aula exemplos onde podíamos encontrar vestígios da civilização romana.

Para finalizar a manhã, realizou um a experiência da combustão, após a leitura do protocolo, cada aluno representou, através de um desenho, o que pensava que ia acontecer. Depois de elaborada a experiência, cada um fez a conclusão da mesma, fazendo a comparação, em voz alta.

Inferências e fundamentação teórica

Com referi anteriormente, é importante a criança ter contacto com a realidade. Realidade esta que por vezes pensamos não ser do seu conhecimento e depois ficamos surpreendidas com as conclusões da turma.

Segundo Martins *et al* (2009) “As tarefas de carácter prático sempre foram consideradas importantes para as crianças (...), como forma de potenciar o seu envolvimento físico com o mundo exterior (...)” (p. 38)

A colega soube planificar os conteúdos e escolher estratégias muito corretas e diversificadas para as áreas que lecionou.

Hoje foi o último dia de aulas com estes alunos. Vou ter saudades destas crianças.

1.9 – Bibe azul claro - 7ª Secção:

Período de estágio de 21/11/2011 a 27/1/2012

Faixa etária: 8 anos

1.9.1 - Caracterização da turma e horário:

O projeto curricular de Turma (PCT) foi-nos gentilmente cedido pela professora do grupo,

A turma do 3ºano A é formada por 25 elementos, sendo que 15 elementos pertencem ao género feminino e os restantes elementos pertencem ao género masculino.

Culturalmente, a turma caracteriza-se por ser motivada, responsável, carinhosa e muito simpática. Existindo alguns alunos que, pelo facto de se distraírem, acabam por deixar trabalhos em atraso.

Na área da matemática, revelam dificuldades na resolução de situações problemáticas não rotineiras e nos algoritmos da divisão, estando no entanto muito melhores.

Quatro alunos apresentam algumas dificuldades de aprendizagem, continuando a frequentar o apoio individualizado já ministrado no ano anterior.

Horário do Bibe Azul Claro A

O horário semanal faz parte integrante do PCT. Este, inclui as várias atividades que deverão ser realizadas ao longo da semana com as crianças. Sendo este alterado sempre que necessário. No quadro 10 apresento o mesmo de forma simplificada em virtude do meu estágio apenas contemplar estes dias e períodos.

Quadro 10 – Áreas curriculares observadas no bibe Azul Claro

Horas	segunda-feira	terça-feira	sexta-feira
9h - 9:50h 10h - 10:50h	Matemática	Língua Portuguesa	Língua Portuguesa
11h - 11:30h	Recreio		
11:30 - 12:00h 12h - 13:00h	Língua Portuguesa	Matemática Estudo do Meio (Clube de Ciências)	Matemática

1.9.2 - Caracterização do espaço:

É uma boa sala mas pequena, mas está muito organizada, tem muita luz natural devido às grandes janelas que tem (figura 5).

Esta sala já tem quadro interativo, tendo ainda também um quadro de ardósia, que serve de apoio para algumas imagens.

Nesta sala as mesas dos alunos estão dispostas em grupos, por opção da professora cada grupo tem todas as semanas um chefe que fica responsável pelo comportamento dos outros elementos do grupo e recolhe todos os trabalhos realizados pelos mesmos.



Figura 9 – sala do bibe azul claro

1.9.3 - Relatos Diários:

segunda-feira, dia 21 de novembro de 2011

Aulas surpresas das colegas de estágio. Na aula que vi foi pedido à colega que lesse um texto e fizesse a interpretação do mesmo, por fim teria de fazer análise sintática onde iria trabalhar o sujeito e o predicado.

Inferências e fundamentação teórica

Como referi anteriormente estas aulas servem sempre para nós crescermos enquanto futuras docentes, e aprender assim novas experiências e vivências.

De acordo com o Currículo Nacional do ensino Básico (M.E., 2007) é referido que esta área “ abarca todos os níveis do conhecimento humano: desde a experiência sensorial directa até aos conceitos mais abstratos; desde a comprovação pessoal até ao conhecido através do testemunho, da informação e do ensino de outros”. (p.75)

Fomos muito bem acolhidos quer pela professora quer pelas crianças

terça-feira, dia 22 de novembro de 2011

Leitura do capítulo a *floresta abandonada* de Fada Oriana. Interpretação do mesmo e análise sintática.

Na área da matemática fez-se leitura de números, divisão e multiplicação.

Inferências e fundamentação teórica

Hoje grande parte da manhã foi dedicada à leitura de mais um capítulo da Fada Oriana. Posteriormente, a professora explorou o mesmo colocando perguntas dirigidas à turma. O interesse e a participação da turma foi muito significativa no decorrer das atividades.

sexta-feira, dia 25 de novembro de 2011

Nesta manhã a turma realizou o teste de português. Posteriormente resolveram alguns exercícios de matemática.

Inferências

Mais uma vez os alunos tiveram de testar os conhecimentos adquiridos até hoje.

De acordo com Ribeiro e Ribeiro (1990), “ A função de avaliar corresponde a uma análise cuidada das aprendizagens conseguidas face às aprendizagens planeadas, o que se vai traduzir numa descrição que informa professores e alunos sobre os objetivos atingidos e aqueles onde se levantam maiores dificuldades”. (p. 337)

Enquanto realizam o teste fui circulando pela sala com a professora e pude constatar que uma grande maioria estava a realizá-lo sem dificuldades e com bom ritmo.

segunda-feira, dia 28 de novembro de 2011

Revisão para o teste de estudo do meio. Leitura e interpretação do capítulo a cidade de Fada Oriana.

Inferências e fundamentação teórica

Sendo necessário avaliar os conhecimentos nas três áreas obrigatórias, hoje foi o dia para preparar a avaliação da área de estudo do meio. A professora deu-nos um original para vermos e informou-nos também sobre quais os parâmetros e critérios que iria utilizar.

terça-feira, dia 29 de novembro de 2011

Mais um teste. Desta vez na área de estudo do meio.

Após o intervalo a turma esteve a fazer a maratona da ortografia, que consiste na realização de um ditado de palavras com sonoridade diferente “v” e “f” em que a professora vai perceber se a turma tem dificuldade em escrever palavras com estas letras.

Por fim realizaram um ditado lacunar com a música *Isto ou aquilo* dos Clã.

Inferências e fundamentação teórica

É necessário combater os erros ortográficos dos estudantes, e é no 1º Ciclo que este trabalho começa a ser realizado com maior atenção e com mais rigor.

De acordo com Valadares (citado por Pires, 2002) “O progresso do saber faz-se por rectificações, ou mesmo confrontações (...)” (p. 52). É importante os estudantes serem capazes de identificar onde erram e corrigir o mesmo

Com a realização destes exercícios a professora consegue identificar as dificuldades dos seus alunos e assim pode encontrar novas estratégias e atividades para os combater.

sexta-feira, dia 2 de dezembro de 2011

Quando chegámos ao jardim-escola ficamos a saber que iríamos a uma visita de estudo. Posteriormente, soubemos que nos iríamos deslocar até aos correios de Campo de Ourique, para ouvirmos histórias contadas pela escritora Alice Vieira

Quando regressámos à escola e à sala de aula, a professora propôs que ensaiassem para a festa de Natal, e assim passaram a restante manhã.

Inferências e fundamentação teórica

Foi muito engraçado e pertinente a ida aos Correios. As crianças estavam satisfeitas por andar na rua e mostraram que sabiam deslocar-se com ordem e calma. Várias delas nunca tinham entrado numa estação de correios.

Lamento que só nos tivessem informado na hora pois até podia acontecer não estarmos devidamente calçadas para andar a pé.

As histórias levam a criança a imaginar novas histórias. Por vezes faz-nos pensar, e leva-nos para o mundo da fantasia onde tudo é cor-de-rosa.

Dottrens (1975), afirma que “O conto de fadas procede de uma forma que se conforma com a maneira de pensar da criança e com aquilo por que ela vive, e é por isso que o conto de fadas é para ela tão convincente.” (p. 61)

De segunda-feira, dia 5 de dezembro a segunda-feira, dia 12 de dezembro de 2011

Estes dias de estágio foram dedicados exclusivamente aos ensaios de natal, visto o dia da festa estar cada vez mais próximo e era importante que a turma ensaiasse bastante até ao dia da festa para que tudo corresse bem.

terça-feira, dia 13 de dezembro de 2011

Mais uma vez tínhamos uma visita de estudo, da qual só tivemos conhecimento quando chegámos à escola. Desta vez íamos ao parque da Serafina, onde iríamos assistir à ação de formação sobre a prevenção rodoviária orientada por alunos do Liceu Pedro Nunes.

Quando chegamos foi dado o início da ação de formação. De seguida os alunos foram encaminhados até ao parque de baloiços, onde puderam brincar livremente e comer o lanche da manhã.

Posteriormente foram encaminhados até à pista, na qual puderam por em prática todos os conhecimentos adquiridos.

Inferências e fundamentação teórica

É importante poder prevenir os alunos, desde cedo, para certos comportamentos ou atitudes que não devem ter, deixando-os também partilhar ideias e experiências, para proporcionar a quem está a dirigir a ação de formação a capacidade de, citando Andrade (1995), “(...) enriquecer e aperfeiçoar as suas técnicas de intervenção.”(p. 21)

Não posso deixar de referir novamente que lamento só ter sabido nesta manhã que íamos sair novamente da escola.

Por vezes considero que a comunicação podia ser melhor e mais direta. Por exemplo, poderia haver um placard na sala onde se colocaria este tipo de informações. Assim todos teríamos acesso a estas informações.

sexta-feira, dia 16 de dezembro de 2011

E chegamos finalmente ao grande dia da festa de natal, a turma estava numa enorme excitação. Não conseguiam estar atentos só esperavam pela hora em que poderiam mostrar tudo aquilo que andaram a ensaiar.

Inferências

A festa de natal é muito importante não só para os alunos mostrarem aquilo de que são capazes mas também para estabelecer uma boa relação com a família, visto este dia ser dedicado à mesma.

O feedback dos pais foi bastante positivo e estimulante. As crianças foram valorizadas e as professoras conseguiram fazer milagres com todos principalmente com as crianças que não têm vocação para serem atrizes/atores.

segunda-feira, dia 2 de janeiro de 2012

Este foi o primeiro dia depois da interrupção das férias de natal, ainda foi passado de forma livre, as turmas tiveram juntas a realizar um jogo sobre a alimentação.

Inferências e fundamentação teórica

É importante que as crianças façam jogos mas de certa forma que os mesmos sejam educativos, o que era o caso deste. O jogo consistia em todos os jogadores fazerem uma

alimentação equilibrada, a partir de uma pirâmide alimentar e o objetivo era ter alimentos dos vários setores alimentares.

Assim sendo os alunos vão tendo noção da importância de fazer refeições equilibradas e que devemos sempre comer alimentos dos diferentes setores.

Dutra e Marchini (2008) referem que:

a educação nutricional é a parte da nutrição aplicada que orienta os seus recursos para a aprendizagem, adequação e incorporação de hábitos nutricionalmente adequados, de acordo com as crenças, valores atitudes e representações que se estabelecem em torno do ato de se alimentar. (p.66)

Cada vez mais nos dias de hoje encontramos crianças que passam a maior parte do tempo sentadas e que fazem uma alimentação pouco cuidada.

terça-feira dia 3 de janeiro de 2012

Este dia ficou marcado pelo regresso às aulas. Começaram por fazer uma revisão sobre as medidas de comprimento, para verificar se estas tinha sido adquiridas pelos alunos.

Na área da língua portuguesa, a professora falou da diferença entre determinantes e pronomes possessivos e distribuiu pelos alunos uma proposta de trabalho para consolidar o tema.

Inferências

A forma como fizeram a revisão das medidas de comprimento foi muito acertada pois foi a partir de situações práticas do quotidiano.

sexta-feira dia 6 de janeiro de 2012

O dia teve início com uma proposta de trabalho na área de língua portuguesa sobre determinantes possessivos e funções sintáticas.

Mais tarde realizaram mais uma maratona da ortografia, onde voltaram a trabalhar a diferença entre “v” e “f” sendo que na primeira existiram alguns erros.

Após o intervalo, regressaram à sala para resolver uma ficha de trabalho, cujo objetivo era a elaboração de reduções das medidas de comprimento e situações problemáticas com as mesmas.

segunda-feira dia 9 de janeiro de 2012

Mais uma manhã de aulas de uma colega de estágio. Na área de estudo do meio falou sobre o sol e qual a sua importância.

Na área de matemática realizou alguns exercícios onde trabalhou o círculo, a circunferência o raio e o diâmetro.

Por fim acabou a sua manhã com a aula de língua portuguesa sobre os pronomes possessivos

Inferências e fundamentação teórica

Durante a aula de estudo do meio da colega, foi notória a motivação da turma. Após várias leituras posso chegar à conclusão que a motivação é um acelerador para a aprendizagem, pois sem motivação não se aprende.

Estanqueiro (1999) salienta ainda que “quando a motivação enfraquece, o aluno precisa de um reforço. Os estímulos ou reforços podem surgir por iniciativa dos educadores ou por iniciativa dos próprios estudantes.” (p. 23)

A colega mais uma vez soube motivar as crianças e estabelecer uma boa relação pedagógica com as mesmas.

terça-feira, dia 10 de janeiro de 2012

Neste momento de estágio éramos quatro colegas por isso hoje tivemos mais uma aula dada por uma colega.

Hoje a colega falou na área da língua portuguesa sobre o complemento oblíquo, onde realizou alguns exercícios sobre o mesmo. Mais tarde realizou um desafio com a turma sobre os eclipses lunar e solar através de um filme em *powerpoint*. Pelo facto de nesta sala haver um quadro interativo todos estes trabalhos recorriam a esta tecnologia.

Terminou a manhã, com a aula de matemática fazendo uma circunferência para explicar o que é o raio, posteriormente a turma como compasso realizou uma circunferência e por fim o raio.

Inferências e fundamentação teórica

As tecnologias fazem parte da vida do homem, e como tal devemos usa-las, a escola acaba por ser um bom meio para as fazer.

Ramos (2007)

Uma sociedade baseada na informação e no conhecimento, onde a tecnologia desempenha um papel cada vez mais relevante e decisivo, exige aos cidadãos uma constante actualização e adaptação aos novos artefactos e tecnologias que inundam a vida quotidiana nos diferentes e complexos sectores da actividade humana. (p. 143)

A utilização das novas tecnologias é sem dúvida uma mais-valia para os docentes e para os alunos.

Silveira – Botelho (2009) refere que o uso de tecnologia ajuda a promover o interesse das crianças principalmente nas áreas onde é pertinente utilizar o som a imagem e o movimento.

sexta-feira, dia 13 de janeiro de 2012

Este dia foi dedicado às aulas surpresas propostas pela professora cooperante.

A mim foi-me pedido que lesse um texto e fizesse a interpretação do mesmo. A outra colega continuou com o meu texto para colocar questões gramaticais.

Por fim a outra colega deu uma aula com o material Cuisenaire trabalhando a leitura de números.

Inferências e fundamentação teórica

Não foi fácil organizarmos as três para darmos aulas. No entanto considero que foi interessante sabermos gerir o tempo e cumprir com o que nos foi solicitado.

Não podia deixar de referir que a leitura de números realiza-se sempre da esquerda para a direita, sendo então necessário que os alunos tenham o conceito de lateralização bem definido.

De acordo com Caldeira (2009)

a criança depois de experimentar e perceber a repetição da peça laranja várias vezes, para representar um número, facilmente percebe que através do cálculo consegue reproduzir um determinado produto, desenvolvendo simultaneamente o conceito da multiplicação, trabalhando diferentes factores e fazendo leitura de números. (p. 159-160)

As crianças desta turma tiveram um ótimo comportamento e ajudaram-nos imenso a superarmos os nossos receios e medos.

segunda-feira dia, 16 de janeiro de 2012

Este dia estava reservado para a minha primeira manhã de aulas. Na área da língua portuguesa, falei sobre as preposições, sendo esta a primeira unidade curricular abordada. Apresentei o tema para a turma, onde repeti por diversas vezes as preposições, até que os alunos decorassem as mesmas, no fim recorri a uma canção onde as preposições estavam presentes.

Na área de matemática, o conteúdo tratado foi a divisão e multiplicação por 0,1; 0,01; 0,001. Começou por abordar a multiplicação seguindo depois para a divisão. Associe com a multiplicação e divisão por 10, 100 e 1000, de forma a facilitar a aquisição de conhecimento.

Por fim abordei as Estrelas e Constelações, na área de estudo do meio. Começamos por ver um filme, em que um astronauta indicava a viagem que estava a realizar e terminei a aula com um trabalho de grupo em que cada um tinha uma Constelação para representar numa placa de esferovite, que representava o céu (figura 10).



Figura 10 - Trabalho das Constelações

Inferências

Esta manhã ficou marcada pelas minhas aulas programadas. Gostei imenso de lecionar esta manhã de aulas pois já conhecia a turma do ano passado e foi maravilhoso ver como eles estavam mais crescidos e mais responsáveis.

Mas hoje apenas quero fazer referência ao trabalho de grupo. Optei por esta metodologia porque acho que a turma fica sempre mais motivada e o meu objetivo era dar-lhes uma aula em que eles pudessem participar, e mostrar a sua curiosidade pela mesma.

terça-feira, dia 17 de janeiro de 2012

Este dia ficou marcado por mais uma manhã de aulas da minha colega de estágio. Este começou por abordar o tema de história de Portugal sobre os Muçulmanos na Península Ibérica. Depois de o explorar dialogou com a turma sobre curiosidades relacionadas com o mesmo.

Na área da língua portuguesa trabalhou os constituintes da frase, aplicando mais tarde os conhecimentos adquiridos numa proposta de trabalho.

Por fim a matemática trabalhou a frequência absoluta, área da qual eu achei que tinha sido a mais fraca pois faltou uma boa explicação.

Inferências e fundamentação teórica

Compete ao docente dirigir e controlar a troca de informação entre os alunos e o professor, é ele que tem de impor as regras para que cada um fale na sua vez e não todos ao mesmo tempo.

Segundo as OCEPE (M.E., 1997) vem referido que

é capacidade do educador escutar cada criança, de valorizar a sua contribuição para o grupo, de comunicar com cada criança e com o grupo, de modo a dar espaço a que cada um fale, fomentando o diálogo entre crianças, facilita a expressão das crianças e o seu desejo de comunicar. (p. 67)

Apesar de estar com crianças do 1.ºCiclo penso que se deve aplicar à todas as faixas etárias

sexta- feira, dia 20 de janeiro de 2012

Neste dia tivemos mais uma visita de estudo, desta vez ao Castelo de São Jorge em Lisboa, na qual tivemos o privilégio de assistir a um teatro entre D. Afonso Henriques e D, Teresa e mais tarde a uma visita guiada pelo castelo.

Inferências e fundamentação teórica

Não podia deixar de referir a importância das visitas de estudo. A realização das visitas de estudo é uma estratégia para cativar e motivar os alunos para uma aula diferente.

Proença (1990) reforça que “A visita de estudo é uma das estratégias que mais estimula os alunos devido ao carácter motivador da saída do espaço tradicional no desenrolar do processo ensino/aprendizagem” (p. 137).

Foi notório verificar que algumas crianças na subida até ao Castelo não estavam habituadas a andar tanto a pé. Só lhes fez bem a caminhada. Outro facto pertinente foi constatar que muitas delas nunca tinham ido ao Castelo da sua cidade.

segunda-feira, dia 23 de janeiro de 2012

Passado pouco tempo de estarmos na sala de aula as professoras da equipa da Prática Pedagógica chegaram para nos pedir mais uma aula surpresa.

À minha colega pediram uma aula com base num texto do livro da unidade curricular de língua portuguesa, primeiro teria de efetuar a leitura e interpretação do mesmo, fazendo de seguida uma exploração do mesmo para rever o complemento direto, indireto e oblíquo.

Após terminar esta aula, outra professora da equipa entrou na sala. E desta vez escolheu-me a mim para dar uma aula, a área curricular foi a matemática e o material o Geoplano. Teria de abordar a noção de área e as áreas equivalentes.

Inferências e fundamentação teórica

Sendo esta aula tão simples, acabei por complicar mais pois deveria ter calculado a área através do quadrado do geoplano e acabei por dar as formulas para calcular a área do quadrado e do retângulo, perdendo assim mais tempo e trabalhando um conteúdo que os alunos ainda não sabiam.

Caldeira (2009) “O Geoplano é um recurso manipulativo, para observação e análise de figuras geométricas.” (p.409)

Devo estar mais confiante numa próxima aula e estudar mais os conteúdos e a forma de os abordar.

terça-feira, dia 24 de janeiro de 2012

A colega de estágio deu a sua primeira manhã de aulas, começando por trabalhar os conteúdos de língua portuguesa que eram as palavras homófonas. Na área de matemática foi lhe pedido que trabalhasse a moda.

Por fim trabalhou os pontos cardiais a estudo do meio, mas poderia ter levado pelo menos uma bússola para mostrar à turma.

Inferências e fundamentação teórica

Na verdade a colega tinha um grande problema com a disciplina, pois a turma desafiava-a muito e ela não tinha controlo nela, e isso também não ajudou a que a aula decorresse bem, a falta de preparação em casa também não ajudou pois os conhecimentos não estavam adquiridos.

Santomé (2006) “(...)os professores têm que ter em consideração que devem planificar estratégias diversas de ensino e aprendizagem, de modo que esses estudantes possam sentir-se reconhecidos e tratados com respeito e justiça.”(p. 102)

A colega revelou ter algumas dificuldades para explicar de forma clara.

sexta-feira, dia 27 de janeiro de 2012

Este era o último dia de estágio neste bibe e no mestrado, mas tinha a minha segunda manhã de aulas programada.

Trabalhei as palavras derivadas por sufixação e prefixação, realizando um jogo. Distribui a cada aluno um cartão com uma palavra, ou um sufixo, ou um prefixo. Depois os alunos tinham que circular pela sala até encontrarem um colega que pudesse formar palavras compostas por sufixação e/ou prefixação, sendo que este foi um momento muito divertido para eles.

Na área da matemática o tema explorado foi os números complexos, distribui por alguns alunos cartões com números complexos e outros com os números incomplexos, cujo objetivo do jogo era que os alunos andassem pela sala a descobrir o seu par.

Por último, na área de história de Portugal, falei sobre a Reconquista Cristã, onde visionaram um *powerpoint* com imagens históricas e falou dos avanços e recuos dos Cristãos para Reconquistar a Península Ibérica.

Inferências e fundamentação teórica

A aula mais difícil de preparar foi a de história mas confesso que no final até gostei de lecionar. A turma também ajudou bastante pois é uma turma muito meiga e carinhosa que se os motivarmos ajudam-nos em tudo.

É com alguma tristeza que termino o estágio profissional pois gostei muito de todos os dias que ao longo do Mestrado o realizei.

Foram muitas as experiências que vivi e senti ao longo do mesmo. Para efeitos de relatos é com gosto que escrevo esta última referência.

Sei também que neste último semestre inferi e fundamentei menos, em virtude, de ter menos tempo para o fazer.

Capítulo 2 – Planificações

2.1 – Descrição do capítulo:

O presente capítulo contém alguns dos planos de aula realizados no decorrer do meu Estágio Profissional. Este estará dividido em quatro seções, duas delas referentes à educação Pré-Escolar e as restantes ao 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Depois de cada planificação, todas elas realizadas por mim, serão apresentadas as fundamentações teóricas e respetivas inferências que considere pertinentes e a planificações da PPACP. Todas as planificações são baseadas no modelo T de Aprendizagem, modelo este que é utilizado em todos os Jardins-Escolas João de Deus.

2.2 – Fundamentação teórica

Parece-me relevante referir quais os passos que devemos seguir até planificar uma atividade. Para Zabalda (2001) “sem programação não se pode fazer “boa escola”. Porém, para que a programação responda ao seu sentido curricular, tem que possuir certas características importantes que afetam tanto o processo da planificação como a sua posterior aplicação prática na aula”(p. 96).

De acordo com o autor atrás referido “ao fazer a programação adoptam-se decisões relativas a conteúdos, métodos, recursos, prioridades, etc. elegem-se uns como mais adequados e deixam-se de lado outros” (p.97).

As OCEPE (M.E., 1997) abordam o ato de planear como uma das etapas que o educador deve ter em conta durante todo processo educativo.

E ainda referem que “planear o processo educativo é condição para que a educação pré-escolar proporcione um ambiente estimulante de desenvolvimento e promova aprendizagens significativas e diversificadas que contribuem para uma maior igualdade de oportunidades” (p.26).

Podemos ainda entender que:

“Planear o processo educativo de acordo com que o educador sabe do grupo e de cada criança, do seu contexto familiar e social é condição para que a educação pré-escolar proporcione aprendizagens significativas e diversificadas que contribuam para uma maior igualdade de oportunidades” (p.26).

Segundo Zabalza (2000) a planificação é uma forma de organizar as ideias com um determinado intuito. Sendo então uma previsão a respeito do processo a seguir que se deverá concretizar numa estratégia de procedimentos que inclui os conteúdos ou tarefas a realizar, a sequência das atividades e, de alguma forma, a avaliação ou encerramento do processo. (p.48)

O modelo de planificação apresentado de seguida é da autoria de Martiniano Pérez e é utilizado na metodologia João de Deus. A este modelo de planificação, dá-se o nome de Modelo T, uma vez que apresenta a forma de um T duplo. O modelo T “fundamenta-se em três teorias científicas: Teoria de Gestalt, Teoria do Processamento da Informação e a Teoria da Interação Social” (Pérez, s.d., p.7).

Segundo o mesmo autor (2000):

o Modelo T como forma de planificação pode ser suficiente para muitos professores e é o ponto de partida na elaboração do Desenho Curricular de Aula, que se pode completar com o resto dos elementos antes indicados se, se considerar oportuno. O Modelo T enquadra-se e fundamenta-se no paradigma sócio cognitivo e novos modelos de aprender a aprender como desenvolvimento de capacidades e valores, tal como aparecem recolhidos na nossa obra mais ampla que é Aprendizagem e Currículo: Desenhos Curriculares Aplicados.” (p.1)

Este modelo “agrupa os objetivos fundamentais (capacidades e valores) e complementares (destrezas e atitudes) com conteúdos (formas e saber) e métodos/ atividades gerais (formas de fazer) numa visão global e panorâmica.” (Pérez, s. d., p.7)

Todos estes são elementos fundamentais do “desenho curricular de aula” como modelo de aprendizagem-ensino, um marco de um novo desenho de aprender a aprender, facilitando a aprendizagem.

Segundo o Modelo T, o plano apresenta a área a desenvolver no topo da folha. No lado esquerdo podemos encontrar a informação que identifica a turma, ou seja, a faixa etária, nome da professora, a duração da aula e por último a data. No lado oposto podemos observar o nosso nomes e dados. Na parte do Modelo T propriamente dito encontramos os conteúdos, os procedimentos as capacidades e os valores que pretendemos desenvolver conforme se pode ver na figura 11.

Jardim-Escola	
Faixa etária	Nome
Professora	Nº
Duração	Turma
Data	

Área:	
Conteúdos	Procedimentos – Métodos
Competências	
Capacidades – Destrezas	Valores – Atitudes

Figura 11 - Exemplo de uma planificação do Modelo T

Segundo Pérez (s/d) este tipo de planificação, dá-nos uma visão global daquilo que o educador vai desenvolver com as crianças e quais os seus objetivos. De forma integrada podemos encontrar os seguintes elementos para uma planificação anual, trimestral ou mensal.

Conteúdos (conhecimento): Apresentam-se em três ou seis blocos de conteúdos que se pretende aprender ao longo do ano escolar.

Métodos – Procedimentos: Aparecem entre nove e doze métodos ou procedimentos gerais, como formas de fazer.

Capacidades – Destrezas: Indicam os objetivos fundamentais cognitivos, que esperamos desenvolver.

Valores – Atitudes: Mostram os objetivos fundamentais afetivos que pretendemos desenvolver (p.40).

O autor defende também que as planificações devem ser feitas para 6 semanas. De forma a adaptarmos à nova realidade, apresentamos de seguida a que mais se adapta.

Pérez (s.d.) designou determinados conceitos da seguinte forma:

“Conteúdo: Uma forma de saber. Existem dois tipos fundamentais de conteúdos: saber sobre conceitos (conteúdos conceptuais) e saber sobre feitos (conteúdos factuais).

Métodos e procedimentos: São uma forma de fazer.

Capacidade: Habilidade geral que utiliza ou pode utilizar um aprendiz para aprender, cujo componente fundamental seja cognitivo.

Destreza: Habilidade específica que utiliza ou pode utilizar um aprendiz para aprender, cujo componente fundamental seja cognitivo. Um conjunto de destrezas constitui uma capacidade.

Atitude: Um conjunto de atitudes constitui um valor.

Valor: Estrutura-se e desenvolve-se por meio de atitudes. Uma constelação de atitudes associadas entre si constitui um valor. A componente fundamental de um valor é afetiva” (p.7).

De acordo com o seu autor é possível de uma forma panorâmica e global, numa só folha, integrarmos “todos os elementos do currículo e da cultura social e organizacional para ser apreendida na escola ao longo do curso escolar” (p.40).

2.3- Planificações

2.3.1. Planificação do bibe encarnado no Domínio da Linguagem Oral e abordagem à Escrita

No quadro 11 podemos encontrar a planificação da aula dada no bibe encarnado no dia 31 de janeiro com a duração de 20 a 30 minutos. No estágio esta área e vulgarmente chamada de estimulação à leitura.

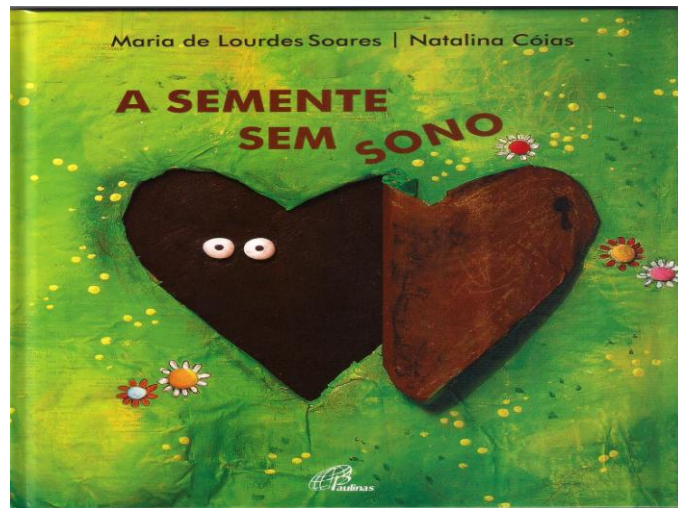


Figura 12. – Livro: A semente sem sono

Na figura 12 podemos ver a capa do livro que serviu de suporte a esta aula.

Quadro 11 – Planificação do bibe encarnado no Domínio da Linguagem Oral e abordagem à

Escrita

Jardim-Escola João de Deus de Albarraque

Plano de Aula

Bibe/Ano: Bibe Encarnado B/ 4 anos

Professora:

Data : 31 /1/2011

Duração 20/30 minutos

Nome: Susana Domingues

Nº 27

Turma:MPE1C

Área: Estimulação à Leitura

Conteúdos	Procedimentos
Leitura e interpretação da História:	<ul style="list-style-type: none"> • Contar a história “Semente sem sono” através do <i>Powerpoint</i>; • Dialogar e questionar as crianças sobre a mesma.
Competências	
Capacidades/Destrezas	Valores/Atitudes
-Classificação: <ul style="list-style-type: none"> • Observar • Analisar -Expressão Oral: <ul style="list-style-type: none"> • Expressar ideias • Compreensão -Orientação Espaço Temporal: <ul style="list-style-type: none"> • Saber situar • Identificar 	- Respeito: <ul style="list-style-type: none"> • Escutar • Compreender - Cooperação: <ul style="list-style-type: none"> • Colaborar • Trabalhar em equipa
Material: História: “ a semente sem sono” de Maria de Lurdes Soares e Natalina Cóias	

Plano baseada no Modelo T de Aprendizagem.

(Este plano está sujeito a alterações)

Inferências e fundamentação teórica

Depois de sentar as crianças em filas e de criar um ambiente calmo e tranquilo. Comecei por explorar a capa do livro levando-os a perceberem o tema. Iniciei a leitura da história com o *powerpoint* elaborado por mim (imagens digitalizadas). Durante a história as crianças foram realizando alguns gestos e sons que faziam parte da mesma. A aula tinha como conteúdo estimular o gosto pela leitura.

Segundo Marques (1991) o educador deve saber como vai contar a história, um dos elementos fundamentais recai sobre tentar proporcionar a esse momento um ambiente calmo e familiar. Ao contar a história, o adulto deve deixar que a criança exponha as suas dúvidas, deixando outro colega responder, se este souber. Quando o educador coloca uma questão em relação à história e a resposta que obtêm não é a correta, não devemos corrigir de imediato mas sim questionar o restante grupo e tentar obter a resposta correta em conjunto.

O mesmo autor refere que:

os pais e educadores de infância podem selecionar vários tipos de livros de histórias: Livros só com gravuras; Livros com gravuras e palavras, conjunto de cartões com a história sequenciada. Qualquer deste género de livros é aconselhável, se a sua escolha corresponder ao gosto da criança (p.33).

Após várias leituras constatei que se deve evitar a imposição de livros de histórias de que a criança não goste, ainda que a publicidade ou os adultos o recomendem, no entanto tal não aconteceu pois as crianças participaram ao longo da história.

Tal como refere (Formosinho, 1996) “ a história permite que se estabeleçam posteriormente estratégias de clarificação e valores” (p.95)

Gostei muito de contar a história pois estas são bons instrumentos de estimulação à leitura o que nos permite desenvolver imensos temas. O ter recorrido ao *Powerpoint* permitiu que todas as crianças visualizassem, o que tornou a história mais apelativa.

Para Hohman, Banet e Weikart (1979) não “nos devemos esquecer de escolher livros com ilustrações grandes e nítidas ou com fotografias de pessoas, lugares, animais, objetos e ações com que as crianças tenham qualquer tipo de pertinência, para que tenham uma base de interpretação” (p.227).

Posso concluir que as crianças estiveram atentas, motivadas e manifestaram prazer enquanto a escutavam. Penso ter contribuído para a vontade de quererem aprender a ler.

De acordo com a opinião manifestada pela educadora no final da aula consegui também fazer uma boa gestão do tempo, fui expressiva e dinâmica e fiz inflexões de voz.

2.3.2. Planificação da aula no bibe azul no Domínio do Conhecimento do Mundo.

Conforme se pode ver no quadro 12 esta aula foi realizada no dia 9 de novembro de 2010 com a duração de 32 minutos. Antes dos alunos entrarem na sala preparei o espaço colocando as mesas em U por forma a garantir que todos estabelecessem contacto visual comigo (e vice versa).

Estavam presentes todas 23 crianças. Antes dos alunos entrarem na sala tive o cuidado de preparar e colocar todo o material que iria utilizar perto de mim e da zona onde iríamos trabalhar.

Quadro 12 – Plano da aula dada no bibe azul, no Domínio do Conhecimento do Mundo

<p>Jardim-Escola João de Deus de Albarraque</p> <p>Plano de Aula</p>	
<p>Bibe/Ano: Bibe Azul B/ 5 anos Data : 09 /11/2010 Duração 20/30 minutos</p>	<p>Nome: Susana Domingues N° 27 Turma:MPE1C</p>
<p>Área: Conhecimento do Mundo</p>	
ConSoareteúdos	Procedimentos
Estados da agregação da matéria: <ul style="list-style-type: none"> • Sólido • Líquido • Gasoso 	<ul style="list-style-type: none"> • Dialogar e questionar os alunos sobre o tema; • Observar os diferentes tipos de matéria com exemplos reais (água, gelo); • Identificar os nomes através do contacto direto (exemplo: fusão, solidificação); • Realizar uma atividade com o gelo.
Competências	
Capacidades/Destrezas	Valores/Atitudes
-Classificação: <ul style="list-style-type: none"> • Identificar • Analisar -Expressão Oral: <ul style="list-style-type: none"> • Vocabulário • Compreensão -Orientação Espaço Temporal: <ul style="list-style-type: none"> • Explorar • Reconhecer 	- Respeito: <ul style="list-style-type: none"> • Escutar • Aceitar - Cooperação: <ul style="list-style-type: none"> • Colaborar • Partilhar
Material: gelo, chaleira, água, recipientes	
<p>Plano baseada no Modelo T de Aprendizagem. (Este plano está sujeito a alterações)</p>	

Inferências e fundamentação teórica

Iniciei a minha aula, explorando os conhecimentos já adquiridos pelas crianças. Seguidamente e através dos materiais o gelo (estado sólido); a água (estado líquida); e por fim, a água (estado gasoso) demonstrei-lhes os diferentes Estados de Agregação da Matéria.

Segundo Hohmann *et al.* (1979) “o princípio básico é começar por uma experiência ativa com coisas reais e depois representar a experiência de modos diversos. Isto permite a apresentação de novos objetos ou coisas vivas (...)”(p.219).

Vasconcelos (2004) refere que o educador deve promover o desenvolvimento científico das crianças e criar um clima positivo para a aprendizagem, assim como organizar experiências científicas que desenvolvam competências sobre a natureza das ciências.

Foi através dos vários exemplos reais que as crianças foram identificando os conceitos de solidificação, vaporização, fusão, sublimação e condensação.

De acordo com Aranão (1996, citado por Melo 1998), “« só se aprende a fazer, fazendo» e a criança só conseguirá aprender fazendo e não apenas armazenando informação ou preenchendo folhas de exercícios como modo de prestar contas aos pais e à direção de um colégio” (p.16).

Em suma, pude constatar que aquelas crianças tinham aprendido, pois para finalizar pedi que fizessem um desenho sobre o que tinham visto, e todas elas conseguiram realizá-lo com o que era pretendido.

Comecei por lhes dar para a mão um cubo de gelo para poderem observar que em contacto com o calor o gelo derretia, ou seja, observaram um processo de fusão, posteriormente coloquei a água na chaleira para poderem observar que a água quando começava a ferver passava a vapor dando-se assim a condensação.

Pude concluir que este tema foi do agrado das crianças quando no decorrer da aula fui conversar e registar o que me queriam dizer com cada um deles. Fiquei muito satisfeita por ter contribuído para um maior conhecimento delas. No entanto gostaria de referir que vou tentar aplicar esta aula no 1.º ciclo e perceber de que forma poderia melhorar uma próxima planificação.

2.3.3. Planificação do bibe encarnado no Domínio da Matemática

No quadro 13 podemos observar a planificação da aula dada ao bibe amarelo no domínio da matemática, com a duração de 25 minutos. Estavam presentes 26 crianças.

Quadro 13 – Plano da aula no bibe amarelo, no Domínio da Matemática

Jardim-Escola João de Deus de Albarraque	
Plano de Aula	
Bibe/Ano: Bibe amarelo/ 3 anos Data: 7/12/2010 Duração 20/30 minutos	Nome: Susana Domingues N° 27 Turma:MPE1C
Área: Iniciação à Matemática	
Conteúdos: Exploração e classificação dos atributos: <ul style="list-style-type: none"> • Cor • Forma • Tamanho • Espessura 	Procedimentos: <ul style="list-style-type: none"> • Sentar os alunos no chão em semi-círculo; • Conversar com os alunos sobre o material; • Identificar quais as suas diferenças; • Exemplo: Qual a cor da peça; se é maior que a outra; têm as duas a mesma cor; qual a forma geométrica da figura. • Realizar um jogo em que as peças estão dentro do saco e as crianças sem as verem, apenas utilizando o tato têm de dizer pelo menos uma das suas características.
Competências	
Capacidades/Destrezas	Valores/Atitudes
-Classificação: <ul style="list-style-type: none"> • Distinguir • Analisar -Raciocínio Lógico: <ul style="list-style-type: none"> • Fluidez mental • Comparar -Orientação Espaço Temporal: <ul style="list-style-type: none"> • Reconhecer • Identificar 	- Respeito: <ul style="list-style-type: none"> • Tolerar • Compreender - Cooperação: <ul style="list-style-type: none"> • Entre-ajuda • Partilhar
Material: peças em musgami (parecidas com os blocos lógicos).	
Plano baseada no Modelo T de Aprendizagem. (Este plano está sujeito a alterações)	

Inferências e fundamentação teórica

Depois de os sentar em semi-círculo para que todos pudessem ver-me bem e terem acesso ao material que se encontrava espalhado no chão dei início à minha aula.

Comecei por mostrar o material (blocos lógicos feitos em musgami) e explorar o mesmo quanto à cor, tamanho, forma e espessura.

No decorrer da aula realizámos um jogo em que as peças estavam dentro do saco e as crianças sem as verem tinham de adivinhar os seus atributos.

Nabais (s.d.) defende que as crianças devem aprender Matemática a construir. “Construir Matemática concretamente, com materiais concretos e reais” (p.3).

Com base nas ideias de Cunha e Nascimento (2005) os blocos lógicos favorecem o desenvolvimento da aquisição de conceitos, de manipulação dos materiais, associação de atributos bem como a formação de conjuntos.

Ao realizar o jogo pretendia que a criança identificasse mais do que um atributo, pois nesta idade é fundamental que a criança consiga memorizar mais do que um só de uma vez. Para Hohmann *et al.* (1979) “memorizar duas coisas ao mesmo tempo é descrever uma coisa de maneiras diferentes requer processos mentais” (p.264).

Moreira e Oliveira (2003) referem que com o auxílio dos blocos lógicos, a criança organiza o pensamento, assimilando conceitos básicos, como a cor, a forma, o tamanho e a espessura, além de realizar atividades mentais da seleção, comparação, classificação e ordenação.

Nesta aula as crianças puderam desenvolver as suas capacidades não só através da audição e visão, mas também através do tato, o que é muito importante.

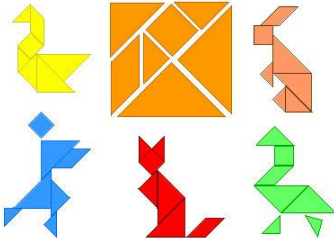
O material que elaborei estava apelativo e adequado, o que considero ter sido positivo.

Em suma, adorei dar esta aula pois senti que as crianças que estavam ali a minha frente estiveram sempre comigo e muito motivadas para participar em todas as atividades que lhes propus.

2.3.4 Planificação do bibe verde no Domínio da Matemática

No quadro 14 apresento a aula dada no bibe castanho durante 50 minutos 29 crianças

Quadro 14 – Plano de aula no bibe Castanho, no Domínio da Matemática

<p>Jardim-escola João de Deus da Estrela</p> <p>Plano de Aula</p>	
<p>Bibe/Ano: Bibe castanho/6 anos Data: 6/5/2011 Duração 50 minutos</p>	<p>Nome: Susana Domingues Nº 27 Turma:MPE1C</p>
<p>Área: Matemática</p>	
<p>Conteúdos:</p> <p>Tangram:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Chinês • Foguetão 	<p>Procedimentos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Questionar os alunos sobre o material que vão trabalhar. • Criar uma história onde envolva as seguintes construções: chinês e o foguetão; • Explicar as construções; • Realizar situações problemáticas onde trabalhe o cálculo e o raciocínio;
<p>Competências</p>	
<p>Capacidades/Destrezas</p> <p>-Classificação:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Observar • Analisar <p>-Expressão Oral:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Expressar ideias • Compreensão <p>-Orientação Espaço Temporal:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Saber situar • Identificar 	<p>Valores/Atitudes</p> <p>- Respeito:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Escutar • Compreender <p>- Cooperação:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Colaborar • Trabalhar em equipa
<p>Material: Tangram e imagens</p>	
<p>Plano baseada no Modelo T de Aprendizagem. (Este plano está sujeito a alterações)</p>	

Inferências e fundamentação teórica

Iniciei a minha aula distribuindo o material e explorando o mesmo, visto não ser um material utilizado diariamente.

Posteriormente contei uma história que se ia desenrolando com o decorrer da aula, era nela que estavam inseridos todos os conteúdos que iriam ser abordados durante a mesma pois o facto de não ser uma história lida acaba por nos dar mais motivação, pois podemos sempre acrescentar mais algumas partes à história, o que não faz com que os alunos possam estar menos atentos.

Pois as nossas construções e os cálculos que tínhamos de realizar estavam inseridos na história também.

Segundo Caldeira (2009),

...é mais apelativo para a criança estar a ouvir uma história, em que as construções vão surgindo como elementos vivos da mesma e em que os pedidos de cálculo surjam pela necessidade de resolver a situação posta naquele momento e naquela história. (p.255)

As situações problemáticas iriam acima de tudo trabalhar o cálculo mental e o raciocínio

Gostei muito de lecionar esta aula e consegui ser mais expressiva e fazer uma melhor gestão do tempo.

É com a prática que podemos melhorar o nosso desempenho e assim conseguirmos contribuir para o desenvolvimento das crianças.

2.3.5 Planificação do bibe verde na Área do Estudo do Meio

No quadro 15 apresento a planificação realizada no dia 30 de maio na turma do bibe verde. Estavam presentes 24 crianças.

Quadro 15 – Plano de aula no bibe verde, na área de Estudo do Meio

Jardim-escola João de Deus da Estrela

Plano de Aula

Bibe/ Ano: Bibe verde/ 7 anos
 Data: 30/5/2011
 Duração 50 minutos

Nome: Susana Domingues
 Nº 27 Turma:MPE1C

Área: Estudo do Meio

Conteúdos:	Procedimentos:
Estados de agregação da matéria: <ul style="list-style-type: none"> • Líquido • Sólido • Gasoso 	<ul style="list-style-type: none"> • Diálogo e questionário com os alunos sobre o tema; • Observar os diferentes tipos de matéria com exemplos reais (água, gelo); • Identificar os nomes através do contacto direto, exemplo fusão, solidificação; • Observar e criar um esquema; Actividade: <ul style="list-style-type: none"> • Realização do gelo
Competências	
Capacidades/Destrezas	Valores/Atitudes
- Classificação: <ul style="list-style-type: none"> • Observar • Analisar -Expressão Oral: <ul style="list-style-type: none"> • Expressar ideias • Compreensão -Orientação Espaço Temporal: <ul style="list-style-type: none"> • Saber situar • Identifica 	- Respeito: <ul style="list-style-type: none"> • Escutar • Compreender - Cooperação: <ul style="list-style-type: none"> • Colaborar • Trabalhar em equipa
Material: Ficha, esquema, gelo, chaleira, água.	

Plano baseada no Modelo T de Aprendizagem.

(Este plano está sujeito a alterações)

Inferências e fundamentação teórica

Como referi anteriormente gostaria de dar esta aula no 1.º ciclo, por isso fiquei muito contente quando me foi dado o tema para trabalhar com os meninos, pois tinha gostado imenso de dar esta aula e acho que com crianças mais velhas deve ser ainda mais motivador.

Modifiquei algumas coisas na aula como por exemplo adaptei a linguagem à faixa etária, explorei mais alguns conceitos e por fim realizei uma proposta de trabalho com eles. A proposta era simples mas estava implícito a aquisição de algum vocabulário que deveria ter sido adquirido durante a aula, como por exemplo condensação, sublimação entre outros.

Pois os alunos teriam um esquema semelhante (figura 13) a este para completar com as etiquetas previamente distribuídas.



Figura 13 – esquema com estados de agregação da matéria

Gostei muito de lecionar esta aula. No geral fui clara e soube explicar os conceitos

Para concluir este capítulo posso referir que elaboração do mesmo permitiu-me ser mais reflexiva e perceber o quanto é importante para o professor planificar o que vai fazer.

Capítulo 3 – Dispositivos de avaliação

3.1. - Descrição do capítulo

No presente capítulo, intitulado Dispositivos de Avaliação, elaborei uma breve fundamentação teórica, com o objetivo de responder às seguintes questões: o que é avaliar; para quem, e o que avaliar; quais os tipos de avaliação, e, só depois apresentarei os respectivos dispositivos.

Achei pertinente fundamentar cientificamente o conceito de avaliação para uma melhor compreensão do mesmo. A Avaliação das aprendizagens é uma das principais funções exigidas à escola, segundo Pacheco e Zabalza (1995) afirmam que “ a primeira coisa a salientar é que a escola é o mundo da avaliação” (p.14).

No nosso dia estamos sempre a avaliar. Sabemos ser mais rigorosos só nos ajuda a melhorar a prática educativa.

3.2. – Fundamentação Teórica

No Pré- Escolar, “avaliar o processo e os efeitos, implica tomar consciência da ação para adequar o processo educativo às necessidades das crianças e do grupo e a sua evolução. A sua reflexão, a partir dos efeitos que vai observando, possibilita-lhe estabelecer a progressão das aprendizagens a desenvolver com cada criança. Neste sentido, a avaliação é suporte do planeamento” (M. E. 1997, p. 27).

Formosinho (2002) afirma que contrariando a velha ideia de que avaliar é medir, “surgiu uma nova concepção de avaliação: a chamada avaliação alternativa” (p.169).

Gullo citado por Formosinho (2002) explicita este conceito quando refere: “mais do que simplesmente centrar-se nos produtos de aprendizagem, ela enfatiza e procura representar como as crianças processam na informação, constroem novos conhecimentos e resolvem problemas” (p.169).

De acordo com as OCEPE (M. E. 1997)

“Avaliar o processo e os efeitos, implica tomar consciência da ação para adequar o processo educativo às necessidades das crianças e do grupo e a sua evolução. A avaliação realizada com as crianças é uma atividade educativa, constituindo também uma base de avaliação para o educador. A sua reflexão, a partir dos efeitos que vai observando, possibilita-lhe estabelecer a progressão das aprendizagens a desenvolver com cada criança. Neste sentido, a avaliação é suporte do planeamento” (p. 27).

De acordo com as sugestões sugeridas pelo Ministério da Educação (1997), a avaliação “é um elemento integrante e regulador das práticas pedagógicas, mas assume também uma certificação das aprendizagens realizadas e das competências desenvolvidas” (p. 9).

Mais tarde, considerou-se limitador avaliar apenas com base em resultados finais obtidos. Segundo Fernandes (2005), esta “não se limita a medir mas vai um pouco mais além ao descrever até que ponto os alunos atingem os objetivos definidos” (p. 57).

Zabalza (2000) afirma que uma das principais funções de avaliação é “facilitar informação sobre o modo como está funcionando cada um dos componentes desse sistema e o conjunto de todos eles como totalidade sistémica” (p. 223).

Uma pergunta importa colocar: O que é avaliar?

De acordo com vários autores avaliar é recolher informação, para criar um juízo de valor sobre o perfil de cada criança, fazendo uma análise do funcionamento das capacidades de aprendizagem motoras, sensoriais e cognitivas, e desenvolvendo assim umas estratégias de compensação. Em suma, é verificar o nível de saberes prévios de uma criança e onde se encontra para que cada indivíduo possa atribuir significado pessoal.

Para Figueiredo (2005), “o papel do educador e da avaliação só pode ser um: contribuir na medida do possível para criar as condições necessárias ao desenvolvimento de todos e de cada um dos alunos”. Posteriormente, refere que “ trata-se, de fazer com que cada aluno desenvolva as suas potencialidades” (p. 3).

A avaliação é necessária, porque é através dela que nós, educadores e os pais, temos conhecimento do nível de desenvolvimento que cada criança conseguiu alcançar, para que seja possível continuar a estimular o seu desenvolvimento.

As avaliações que vou apresentar seguidamente são exemplos de avaliações do tipo formativo, que segundo Ribeiro (1989), pretendem “determinar a posição do aluno ao longo de uma unidade de ensino, no sentido de identificar dificuldades e de lhes dar soluções” (p. 84).

A avaliação não pode ser um fim, mas sim um meio para chegar a um fim. Pois ela existe para que se conheça o que os alunos já sabem e o que estes ainda têm de saber. Contudo, os alunos necessitam de alguém que os ajude a ultrapassar as suas dificuldades durante essa fase de ensino aprendizagem, deve-se valorizar os seus conhecimentos e encaminhá-los para o sucesso. Segundo Perrenoud (1999), “é formativa toda a avaliação que ajuda o aluno a aprender e a se desenvolver, ou melhor, que participa da regulação das aprendizagens e do desenvolvimento no sentido de um projeto educativo” (p.103).

A avaliação formativa deve-se tornar numa aprendizagem significativa do saber para os alunos, para isso devemos fazer uma avaliação diferenciada e enquadrando nas diferenças existentes entre estes. Desta forma, o mesmo autor afirma que:

uma avaliação formativa, no sentido mais amplo do termo, não funciona sem regulação individualizada das aprendizagens. A mudança das práticas de avaliação é então acompanhada por transformação do ensino, da gestão da aula, do cuidado com os alunos em dificuldade (p.149).

Segundo Cortesão (1996), a avaliação formativa funciona como uma “bússola orientadora do processo de ensino-aprendizagem” (p.13).

A avaliação formativa tem como objetivo encontrar as deficiências ou eventuais dificuldades da aprendizagem. No fundo, esta é um sistema de avaliação, que consiste em recolher, informações necessárias para verificar, periodicamente, a qualidade da aprendizagem, esta informação pode ser recolhida em circunstâncias diferentes.

Deve-se salientar a importância de uma autoavaliação por parte dos alunos, sendo que estes devem ser os maiores críticos do seu próprio desempenho, conseguindo reconhecer os seus erros. A autoavaliação possibilita ainda ao professor observar onde se encontram as maiores dificuldades de aprendizagem e minimizá-las. Para Monteiro e Pais (1996):

(...) a autoavaliação consiste na regulação do processo de aprendizagem pelo próprio aluno; permite antecipar as operações a realizar para que determinada aprendizagem se verifique; permite ainda a identificação dos erros de percurso e a procura de soluções adequadas e/o alternativas (p. 28).

Sem menos importância está também a avaliação de diagnóstico e a avaliação sumativa. Segundo o Despacho Normativo n.º1/2005, afirma:

a avaliação diagnóstica conduz à adopção de estratégias de diferenciação pedagógica e contribui para elaborar, adequar e reformular o projecto curricular de turma, facilitando a integração escolar do aluno, apoiando a orientação escolar e vocacional. Pode ocorrer em qualquer momento do ano letivo quando articulada com a avaliação formativa. (p.56)

Assim, Leite (2002) mencionava:

para que os projectos curriculares cumpram o requisito de terem em conta as situações reais, é necessário realizar um diagnóstico que sirva de base às opções que se fazem (...). Uma avaliação diagnóstica justifica-se sempre que se pretende identificar o ponto de partida, quer ele seja em relação às características do contexto e da comunidade em que se insere a escola, quer

às características da turma e dos seus alunos, quer aos conhecimentos que possuem sobre os assuntos relacionados com os conteúdos curriculares e às competências que desenvolveram (p. 46).

Segundo o Ministério da Educação (2011), declara a avaliação diagnóstica, uma avaliação utilizada pelo educador que pretende conhecer o que a criança e o grupo já sabem e são capazes de fazer. Esta avaliação pode ocorrer em qualquer momento do ano letivo, quando articulada com a avaliação formativa (p. 4).

Por último, a avaliação sumativa, segundo o Despacho já referido, “consiste na formulação de um juízo globalizante sobre o desenvolvimento das aprendizagens do aluno e das competências definidas para cada disciplina e área curricular” (p. 73).

Cortesão (2002), salienta:

esta avaliação tem lugar em momentos específicos, por exemplo, no fim de um curso, de um ano, de um período letivo ou de uma unidade de ensino. Pretende geralmente traduzir, de forma breve, codificada, a distância a que se ficou de uma meta que, explícita ou implicitamente, se arbitrou ser importante de atingir (p. 38).

Para Vilar (1996), “a avaliação sumativa consiste sempre numa apreciação globalizante que, em dado momento e em função de determinados critérios, se faz de determinado objecto de avaliação” (p. 17).

A escala de avaliação que utilizo irá de 0 a 10 valores, sendo que o zero representa o Fraco e o 10 o Muito Bom. Apresento no quadro a mesma

Quadro 16 – Escala de avaliação

0-2,9	Fraco
3-4.9	Insuficiente
5-6,9	Suficiente
7-8.9	Bom
9-10	Muito bom

3.3 Dispositivos de avaliação para a Educação pré-escolar:

Na educação pré-escolar decidi avaliar duas tarefas que realizei em bibe diferentes, sendo uma delas no bibe encarnado e a outra no bibe azul. A tarefa que realizei no bibe encarnado foi na Área de Expressão e Comunicação Domínio da Matemática, e a tarefa que realizei no bibe azul, foi na Área de Expressão e Comunicação Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

3.4 Dispositivos de avaliação da Área de Expressão e Comunicação: Domínio da Matemática

3.4.1. Contextualização

Esta aula decorreu no dia 7 de fevereiro, no bibe encarnado. Neste dia o tema que iria abordar era o ciclo do azeite e como ia falar da oliveira optei por colocar como imagem o agricultor e uma oliveira.

A turma estava completa, (26 alunos), e tinham idades compreendidas entre os 3 e os 4 anos.

Iniciei a aula distribuindo o material Cuisenaire, de forma a explorar o mesmo. O objetivo da aula era através das minhas indicações os alunos teriam de fazer a correspondência correta com as peças.

3.4.2. Descrição de parâmetros, critérios e cotação

No quadro 17, apresento os critérios que utilizei na avaliação da proposta de trabalho e as respetivas cotações.

Se os alunos fizerem a correspondência correta com todas as peças, têm 10 valores, caso a correspondência não seja correta têm 0 valores.

Quadro 17 - Cotação do dispositivo de avaliação na Área da Expressão e Comunicação: Domínio da Matemática

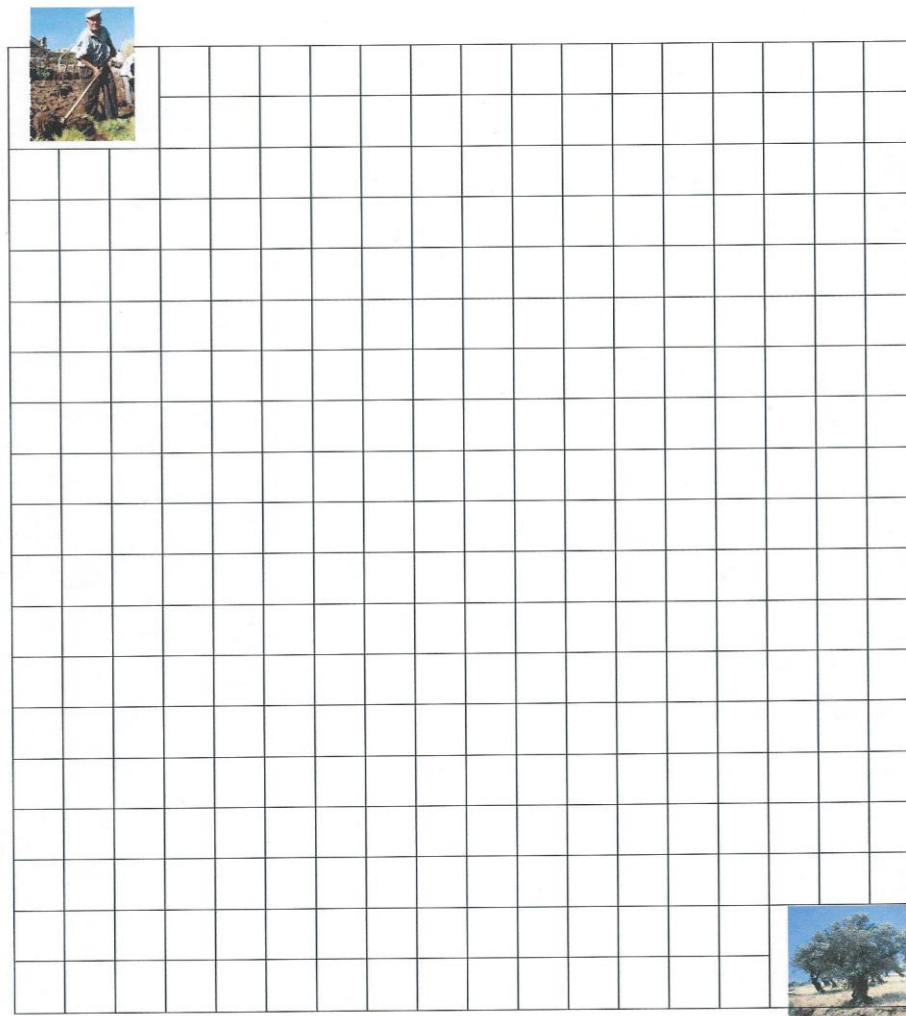
Parâmetros	Critérios		Cotação
1. Faz a correspondência correta	a	Não faz nenhuma correspondência	0
	b	Faz 1 correspondência	1
	c	Faz 2 correspondências	2.25
	d	Faz 3 correspondências	3.5
	e	Faz 4 correspondências	4.75
	f	Faz 5 correspondências	6
	g	Faz 6 correspondências	7
	h	Faz todas as correspondências	9
2. Apresentação do trabalho	a	Apresentação não cuidada	0
	b	Apresentação cuidada	1

De seguida apresento a proposta de trabalho na figura 13.

Cuisenaire – Itinerário

Ajuda o Agricultor a encontrar a oliveira, com as indicações dadas.

Une sempre as peças pelas extremidades.



Nome: _____ Data: _____

Figura 13 – Dispositivo de avaliação da Área de Expressão e Comunicação: Domínio da Matemática – Pré-Escolar

3.4.3. Grelha de Avaliação da Área de Expressão e Comunicação: Domínio da Matemática

No quadro 18 podemos encontrar a Grelha de avaliação do Domínio da Matemática.

Quadro 18 – Grelha de avaliação da Área das Expressões e Comunicação: Domínio da Matemática

Parâmetros	1. Faz a correspondência correta								2. Apresentação do trabalho		Cotação
Critérios	a	B	c	d	e	f	g	h	a	b	
Alunos											
1								9		1	10
2							7			1	8
3						6				1	7
4							7			1	8
5								9		1	10
6						6				1	7
7							7			1	8
8						6				1	7
9								9		1	10
10					4,75				0		4,75
11							7			1	8
12					4,75				0		4,75
13							7			1	8
14							7			1	8
15						6				1	7
16							7			1	8
17								9		1	10
18						6				1	7
19						6				1	7
20							7			1	8
21							7			1	8
22							7			1	8
23						6				1	7
24							7			1	8
25							7			1	8
26							7			1	8

Como podemos verificar 4 alunos conseguiram estabelecer todas as correspondências, 13 alunos fizeram 6 correspondências, 7 alunos apenas fizeram 6 e, por último, dois alunos fizeram 4. No parâmetro 2 os alunos 10 e 12 não apresentaram um trabalho cuidado.

3.4.4. Apresentação dos dados obtidos na avaliação na Área de Expressão e Comunicação: Domínio da Matemática

Conforme se pode ver no quadro x a maioria dos resultados foi positiva.

Quadro 19 – Quadro de frequências da proposta de Domínio da Matemática

Classificação	N.º de alunos
Fraco	0
Insuficiente	2
Suficiente	0
Bom	20
Muito Bom	4
Total	26

Para uma leitura mais rápida apresento a figura 14 com o gráfico.

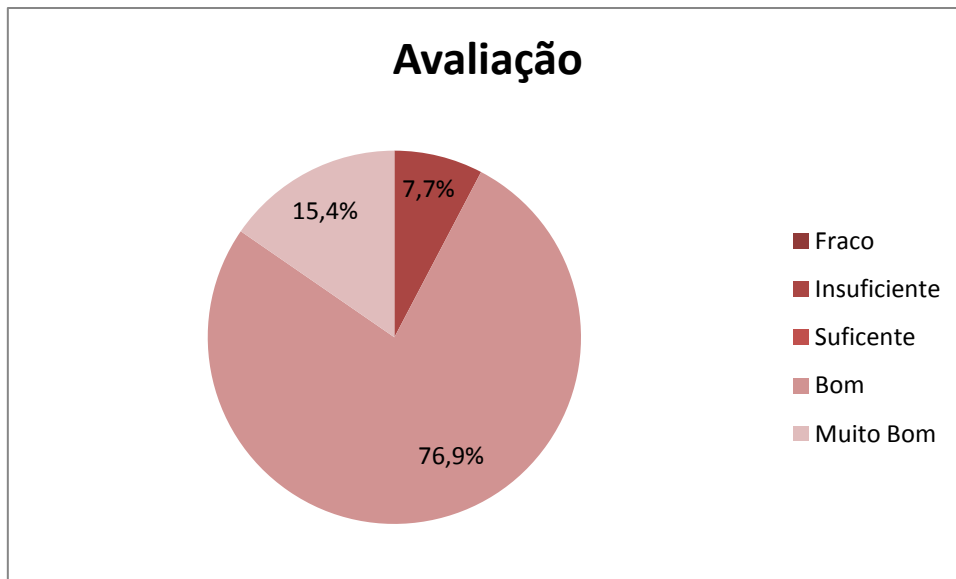


Figura 14 – Gráfico 1 referente às classificações obtidas na avaliação da Área das Expressões e Comunicação: Domínio da Matemática

3.4.5. Análise dos Resultados

Esta proposta de trabalho tinha como principal parâmetro a capacidade de identificar e fazer a correspondência correta das peças do material Cuisenaire.

O outro parâmetro com menor cotação, servia para valorizar os alunos que apresentaram o trabalho com um aspeto cuidado.

Observando o gráfico acima, posso concluir que esta atividade foi realizada com êxito por parte dos alunos, já que só houve dois resultados negativos. Em relação aos resultados positivos existe um grande equilíbrio entre as duas classificações qualitativas (Bom e Muito Bom), no entanto a classificação de Bom apresenta o valor mais elevado de cerca de 20 alunos numa turma de 26.

Numa próxima oportunidade devo realizar uma proposta com um maior grau de dificuldade. Com os dois alunos mais fracos devo diversificar mas exercícios com este material.

3.5. Dispositivos de avaliação da Área de Expressão e Comunicação: Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

3.5.1. Contextualização

O presente dispositivo de avaliação é referente a uma proposta de trabalho realizada no bibe azul, no dia 9 de março, quando dei a minha primeira aula programada. Toda a turma estava presente, (23 alunos), sendo que estes estavam sentados nos respectivos lugares.

A aula tinha como principal objetivo ler a palavra “fava” e identificar as letras necessárias para escrever a mesma. Depois os alunos teriam de copiar duas palavras sendo que uma era a mesma e a outra era “afia”.

3.5.2. Descrição de parâmetros, critérios e cotação

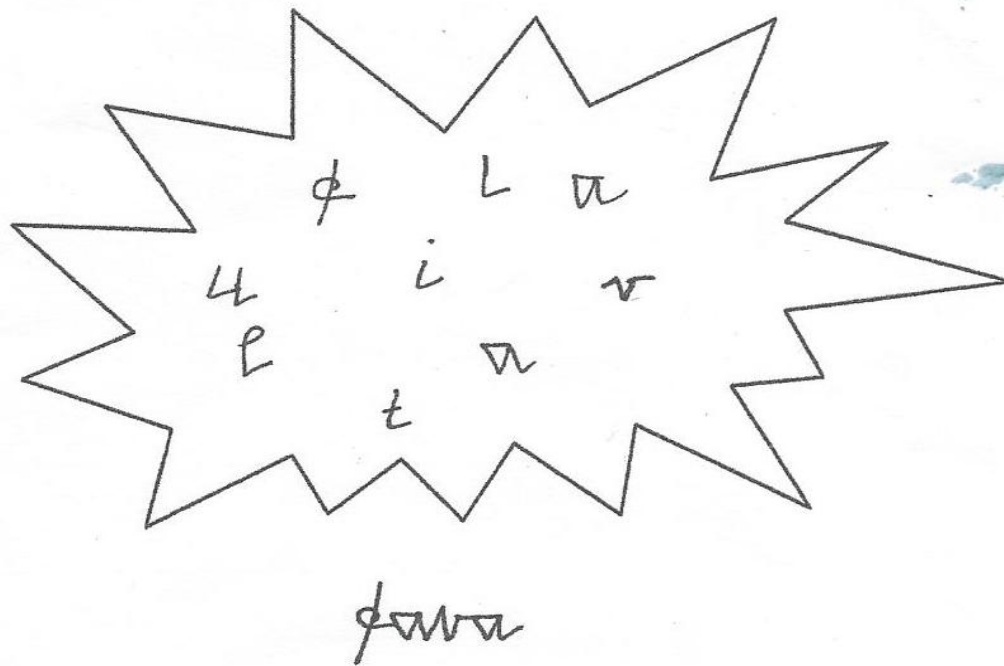
No quadro 20 são apresentados quais os critérios utilizados na avaliação desta atividade, assim como as suas cotações. Assim sendo sempre que as crianças fazem a identificação correta das letras, da palavra fava têm 5 valores e quando copiam bem as letras das outras duas palavras têm 4 valores, por fim podem ter também mais 1 valor consoante a apresentação do trabalho e o valores quando nenhuma das respostas está correta.

Quadro 20 - Cotação do dispositivo de avaliação na Área de Expressão e Comunicação: Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

Parâmetros	Critérios		Cotação
1. Faz a identificação correta das letras	A	Não faz a identificação	0
	B	Faz 1 identificação	1
	C	Faz 2 identificações	2.
	D	Faz 3 identificações	4
	E	Faz todas as identificações	5
2. Copia bem as letras “fava”	A	Não copia bem as letras	0
	B	Copia bem 1 letra	0,5
	c	Copia bem 2 letras	1
	d	Copia bem 3 letras	1,5
	e	Copia bem todas as letras	2
3. Copia bem as letras “afia”	a	Não copia bem as letras	0
	b	Copia bem 1 letra	0,5
	c	Copia bem 2 letras	1
	d	Copia bem 3 letras	1,5
	e	Copia bem todas as letras	2
4. Apresentação do trabalho	a	não cuidada	0
	b	cuidada	1

Na figura 15 apresento a proposta de trabalho que serviu de apoio a esta avaliação.

1 – Faz um círculo à volta das letras necessárias para a palavra.



2 – Copia as palavras.

fava

afia

Figura 15 – Dispositivo de avaliação da Área de Expressão e Comunicação:
Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita – Pré-Escolar

3.5.3. Grelha de avaliação da Área de Expressão e Comunicação: Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

No quadro 21 apresento a grelha de avaliação da área da Expressões e Comunicação: Domínio da Linguagem Oral e abordagem à Escrita.

Quadro 21 – Grelha de avaliação da Área das Expressões e Comunicação: Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

Parâmetros	1. Faz a identificação correta das letras					2. Copia bem as letras “fava”					3. Copia bem as letras “afia”					4. Apresentação do trabalho		Cotação
	a	b	c	d	e	a	b	c	D	E	a	b	c	d	E	A	b	
Critérios																		
Alunos																		
1					5					2				2			1	10
2					5					2				2			1	10
3					5					2				2			1	10
4					5					2				2			1	10
5					5					2				2			1	10
6				4						2				2			1	9
7					5					2				2			1	10
8					5					2				2			1	10
9					5					2				2			1	10
10					5					2				2			1	10
11					5					2				2			1	10
12					5					2				2			1	10
13					5					2				2			1	10
14					5					2				2			1	10
15				4						2				2			1	9
16				4						2				2			1	9
17					5					2				2			1	10
18					5					2				2			1	10
19					5					2				2			1	10
20					5					2				2			1	10
21					5				1,5					2			1	9,5
22					5					2			1,5				1	9,5
23					5					2				2			1	10
24					5					2				2			1	10
25					5					2				2			1	10
26					5					2				2			1	10

Como se pode verificar apenas 3 alunos (6,15 e 16) fizeram 3 identificações sendo que os restantes 23 conseguiram identificar todas.

No 2.º parâmetro apenas o aluno 21 não conseguiu copiar todas as letras.

No 3.º parâmetro o aluno 22 só conseguiu copiar bem 3 letras.

No último parâmetro todos os alunos conseguiram apresentar um trabalho cuidado.

3.5.4. Apresentação dos dados obtidos na avaliação da Área de Expressão e Comunicação: Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

No quadro 22 são apresentados os resultados de uma forma mais direta.

Quadro 22 – Quadro de frequências da proposta de Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

Classificação	N.º de alunos
Fraco	0
Insuficiente	0
Suficiente	0
Bom	0
Muito Bom	26
Total	26

3.5.5. Análise dos Resultados

Esta proposta de trabalho tinha como principal parâmetro a capacidade de identificar corretamente as letras da palavra fava. Os outros dois parâmetros com menor cotação, mas não menos importantes que o anterior, serviram para valorizar os alunos que copiavam corretamente as palavras fava e afia e, por último, com 1 valor apenas de cotação para quem apresentava um trabalho cuidado.

Pelo que pude observar no quadro de frequência os resultados para esta proposta de trabalho são sem dúvida bons. Posso assim concluir que a turma apresenta bons resultados. Saliento que 100% dos alunos atingiram resultados positivos, sendo que todos alcançaram a classificação mais elevada, Muito Bom.

De forma global, consegui transmitir à turma o que era pretendido, e os alunos conseguiram aplicar-se na proposta de trabalho que lhes proporcionei. Também posso acrescentar que estes alunos estão muito habituados a realizar este tipo de propostas de trabalho.

3.6 Dispositivos de avaliação para o Ensino do 1.º Ciclo

No Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico decidi avaliar duas áreas, a do estudo do meio e a da matemática. As duas foram realizadas na turma do bibe verde, sendo realizadas no mesmo dia.

3.7. Dispositivo de avaliação na Área de Estudo do Meio

3.7.1. Contextualização

A atividade Estudo do Meio foi realizada no dia 31 de outubro, a 26 crianças, sendo pois 3 estavam a faltar.

Esta atividade surgiu no seguimento de uma aula do estudo do meio, onde os alunos realizaram um mapa de Portugal, colocando todos os distritos corretamente e devidamente identificados (Figura 16).

Jardim-Escola João de Deus - Estrela

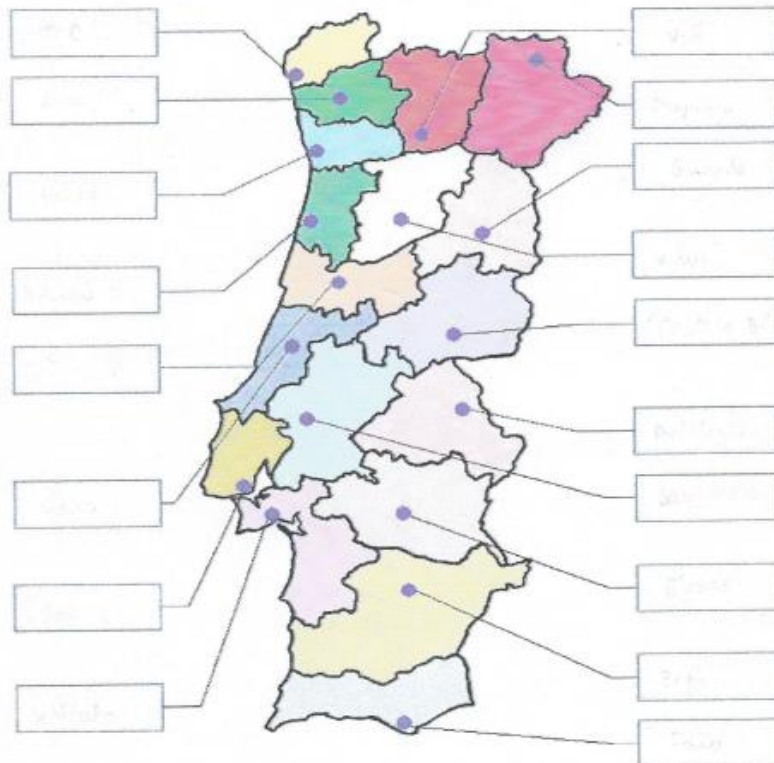
Nome: _____

Data: _____



Distritos de Portugal Continental

1- Completa o mapa com o nome dos respetivos Distritos de Portugal continental.



Lisboa	Braga	Leiria	Guarda	Viana do Castelo	Viseu
Faro	Bragança	Aveiro	Vila Real	Porto	Évora
Portalegre	Santarém	Setúbal	Coimbra	Castelo Branco	

Figura 16 – Dispositivo de avaliação da Área de Estudo do Meio – 1.º Ciclo

Posteriormente os alunos teriam de identificar também na proposta de trabalhos os distritos tendo o nome destes em baixo para auxílio.

3.7.2. Descrição de parâmetros, critérios e cotação

Nesta atividade, inserida na área curricular de estudo do meio, elaborada para o bibe verde o objetivo da aula era identificar corretamente todos os distritos de Portugal, depois de os mesmos terem sido trabalhados anteriormente.

No quadro 23 apresento os parâmetros, critérios e cotações

Quadro 23 – Parâmetros, critérios e cotação da avaliação na Área de Estudo do Meio

Parâmetros	Critérios		Cotação
1. Identifica corretamente o nome do distrito	a	Nomeia corretamente até 4 nomes dos distritos	2
	b	Nomeia corretamente de 5 até 9 nomes dos distritos	4
	c	Nomeia corretamente de 10 até 14 nomes dos distritos	6
	d	Nomeia corretamente de 15 até 18 nomes dos distritos	9
3. Apresentação do trabalho	a	não cuidada	0
	b	Cuidada	1

3.7.3. Grelha de avaliação da Área do Estudo do Meio

Apresento no quadro 24 a grelha de avaliação da área de Estudo do Meio

Quadro 24 – Grelha de avaliação da Área de Estudo do Meio

Parâmetros	1. Identifica corretamente o nome do distrito				2. Apresentação do trabalho		Cotação
	A	b	c	d	a	B	
Alunos							
1				9		1	10
2				9	0		9
3						1	1
4				9		1	10
5		4				1	5
6				9	0		9
7				9		1	10
8				9		1	10
9				9		1	10
10	Faltou						
11				9		1	10
12			6		0		6
13				9		1	10
14			6			1	7
15				9		1	10
16			6			1	7
17			6			1	7
18				9	0		9
19			6			1	7
20			6			1	7
21	Faltou						
22				9		1	10
23				9		1	10
24			6			1	7
25				9		1	10
26	Faltou						
27				9		1	10
28			6			1	7
29				9		1	10

No primeiro parâmetro 16 alunos conseguiram identificar todos os distritos, 8 alunos identificaram entre 10 e 14 distritos e um aluno (5) apenas conseguiu identificar entre 5 a 9 distritos.

No 2.º parâmetro verifiquei que os alunos 2, 6, 12 e 18 não foram cuidados com a apresentação do seu trabalho.

3.7.4. Apresentação dos dados obtidos na avaliação da Área do Estudo do Meio

No quadro 25 apresento o quadro das frequências da proposta da área de Estudo do Meio.

Quadro 25 – Quadro de frequências da proposta da Área de Estudo do Meio

Classificação	N.º de alunos
Fraco	0
Insuficiente	0
Suficiente	3
Bom	6
Muito Bom	17
Total	29

Na figura 16 apresento o gráfico 2 com as respetivas percentagens.



Figura 17 – Gráfico 2 referente às classificações obtidas na avaliação da Área de Estudo do Meio

3.7.5. Análise dos Resultados

No quadro 25 pode-se visualizar as cotações da proposta de trabalho na área de estudo do meio que tinha como principal parâmetro identificar corretamente a capacidade de reconhecer corretamente os distritos de Portugal. Por último e o parâmetro de menor cotação, mas também muito importante na minha opinião era o facto, do trabalho ter um bom aspeto e se estar limpo e cuidado.

Pelo que se pode observar no gráfico 2 (figura x) apresentado anteriormente os resultados nesta proposta de trabalho são bons. Pode-se concluir que a turma apresenta bastantes conhecimentos. Saliento que 59% dos alunos tiveram Muito Bom, 21% Bom e a restante turma Suficiente. Não se tendo vindo a observar negativas.

Desta forma, no global conseguiu-se obter um bom resultado, o que der dizer que a turma domina bem este conteúdo.

3.8. Dispositivo de avaliação na Área da Matemática

3.8.1. Contextualização

Esta proposta de trabalho foi aplicada para consolidar os conteúdos trabalhados anteriormente. Foi realizada no dia 31 de outubro, a 26 alunos visto 3 estarem a faltar.

3.8.2. Descrição de parâmetros, critérios e cotação

Nesta atividade, inserida na área curricular da matemática pretendo avaliar se os alunos são ou não capazes de decompor números e completar sequências.

No quadro 26 apresento ao parâmetros e respectivos critérios que considere pertinentes avaliar.

Quadro 26 - Cotação do dispositivo de avaliação na Área da Matemática

Parâmetros	Critérios		Cotação
1. Decompõe os números corretamente	a	Não decompõe os números corretamente	0
	b	Decompõe os números corretamente mas comete alguns erros	3
	c	Decompõe os números corretamente	4
2. Raciocínio lógico	a	Não completa as sequências corretamente	0
	b	Completa as sequências corretamente mas comete alguns erros	4
	c	Completa as sequências corretamente	5
3. Apresentação do trabalho	a	não cuidada	0
	b	cuidada	1


Para que melhor se entenda o que era pretendido apresento na figura 17 a respetiva proposta de trabalho.

Jardim-Escola João de Deus da Estrela

Nome: _____

Data: _____

Decomposição e sequências de números



1- Decompõe os números.

361 = 300 + 60 + 1

555 =

354 =

98 =

14 =

79 =

2- Completa as sequências.

• 2 4 6 12 20

• 2 4 8 32 74

• 28 26 24 18 12 8

• 0 2 1 3 5 7

1 2 3 4
5 6 7 8
9 0

Figura 18 – Dispositivo de avaliação da Área de Expressão e Comunicação:
Domínio da Matemática – 1.º Ciclo

3.8.3. Grelha de avaliação da Área da Matemática

No quadro 27 encontra-se a grelha de avaliação da área da matemática.

Quadro 27 – Grelha de avaliação da Área das Expressões e Comunicação: Domínio da Matemática

Parametros	1. Faz a correspondência correta			2. Completa as seqüências corretamente			3. Apresentação do trabalho		Cotação
	a	b	c	a	b	c	a	b	
Alunos									
1			4			5		1	10
2			4		4		0		8
3			4		4			1	9
4			4		4			1	9
5			4		4			1	9
6			4		4		0		8
7		3			4			1	8
8			4		4			1	9
9			4			5		1	10
10	Faltou								
11		3			4			1	8
12			4		4		0		8
13			4		4			1	9
14			4		4			1	9
15			4			5		1	10
16			4			5		1	10
17			4		4			1	9
18			4		4		0		8
19			4		4			1	9
20			4			5		1	10
21	Faltou								
22			4			5		1	10
23			4			5		1	10
24		3			4			1	8
25			4			5		1	10
26	Faltou								
27		3			4			1	8
28			4		4				8
29			4		4			1	9

No 1.º parâmetro apenas 4 alunos – 7, 11, 24 e 27 revelaram ter algumas dificuldades cometendo alguns erros.

No 2.º parâmetro a maioria dos alunos completou as sequências apesar de ainda mostrarem alguma insegurança no domínio deste conceito.

3.8.4. Apresentação dos resultados obtidos na avaliação n Área das Expressões Domínio da Matemática

No quadro 28 apresento as frequências da proposta em análise.

Quadro 28 – Frequências da proposta na Área das Expressões Domínio da Matemática

Classificação	N.º de alunos
Fraco	0
Insuficiente	0
Suficiente	0
Bom	9 (34,62%)
Muito Bom	17 (65,38%)
Total	26

3.8.5. Análise dos Resultados

A maioria dos alunos (17) obteve 65,38% e os restantes a 34,62%. Mais uma vez os alunos atingiram os objetivos propostos. Revelaram também terem um aproveitamento muito

semelhante nas duas áreas. Poso também referir que esta turma do bibe verde aprecia realizar este tipo de propostas.

Gostei muito de elaborar estes dispositivos de avaliação pois permitiram-me aprender a pensar o quanto é importante avaliarmos quando lecionamos as aulas e elaboramos as fichas.

Ao refletir sobre esta temática também vamos aprender a planificar melhor. Também não podemos esquecer que cada criança tem o seu ritmo de aprendizagem e que devemos diversificar os tipos de propostas que apresentamos.

Reflexão Final

Neste capítulo vou dar a conhecer a minha opinião sobre este relatório de estágio profissional e sobre o ano e meio que tive de Prática Pedagógica. Vou também referir quais foram as minhas limitações e o que irei aprofundar futuramente.

Considerações finais

Ao longo deste vasto período de estágio profissional, passei pelo Jardim-Escola João de Deus – Albarraque e pelo Jardim-Escola João de Deus – Estrela, de 11 de outubro de 2010 até 27 de janeiro de 2012, vivi experiências que me permitiram crescer, enquanto pessoa e futura docente.

O mestrado permitiu-me alargar os meus horizontes e começar a ver as coisas de outra maneira. Pois pude constatar que o facto de poder por em prática tudo aquilo que aprendia na teoria as coisas já começavam a fazer outro sentido. Vendo as coisas desta forma, Fávero (2002, citado por Guimarães e Lopes 2007) “propõe que a teoria e a prática sejam consideradas como um núcleo articulador no processo de formação a partir do trabalho desenvolvido com esses dois elementos de forma integrada, indissociável e complementar” (p.3661).

Desta forma, os autores atrás referidos afirmam que “a prática, sendo reflexiva, remete-nos a uma busca teórica para melhor análise e compreensão desta própria prática.” (p.3661).

Contudo, este estágio permitiu-me um contacto direto entre crianças, educadores, professores, diretoras do jardim-escola e colegas, com as quais tive o prazer de partilhar e adquirir conhecimentos que farão parte da minha vida futura e dos quais nunca me irei esquecer. Quintas, Arco, Mestre, Gonçalves. (1997) afirmam que

a Prática Pedagógica, enquanto primeiro grande momento de contacto com a realidade educativa dos alunos em formação, deverá proporcionar-lhes experiências que lhes permitam reflectir sobre as suas práticas, tornando-se capazes de analisar as suas acções, decisões e sucessos/insucessos e deste modo, constituir-se num instrumento de desenvolvimento profissional. (p.124)

Sem dúvida que é a prática que nos prepara para o mundo do trabalho, sem ela acho que não seria possível sermos tão bons educadores/professores. Em suma, o estágio serve para que o aluno se ambiente ao meio envolvente e consiga assim reconhecer a realidade escolar como futura realidade profissional que vai fazer parte da sua vida.

Mas na verdade o que nós fazemos por vezes não é a pensar em nós próprios mas sim a pensar nas crianças e o que às vezes custa mais é só conseguirmos pensar com o coração, pois as crianças são a nossa alegria e sem elas o nosso mundo não seria assim tão maravilhoso.

Limitações

Apesar de ter achado que existiram algumas limitações, a que considerei mais relevante foi o facto de ter muitos relatos para fundamentar, e acima de tudo, de por vezes serem muito iguais, visto estarmos constantemente a observar as mesmas áreas curriculares. E isto deve-se ao facto de termos tido um ano e meio de estágio sempre nos mesmos dias da semana.

Onde também senti algumas dificuldades foi na fundamentação teórica na parte das ciências, se calhar não pelo facto de não existir, mas por não ter tido tanto contacto com a mesma nos dias de estágio. No entanto considero esta área muito importante e das que permite desenvolver a interdisciplinaridade.

Estar a trabalhar e a frequentar o Mestrado ao mesmo tempo não me deixou muito tempo para ir a outras bibliotecas e ler mais livros.

Novas pesquisas

Não podia deixar de referir que tenho total consciência de que muitas pesquisas ficaram ainda por fazer, pois só temos noção das coisas quando elas já acabaram. Ao longo da concretização deste Relatório de Estágio Profissional, foram muitos os temas, como por exemplo a formação de professores, a importância da prática pedagógica, dos materiais, da Cartilha, das ciências, o desenvolvimento da criança entre outros que fui descobrindo e que gostaria de ter explorado mais, mas que, por falta de tempo, não me foi possível fazer para já. A seu tempo terei todo o gosto de o fazer, pois pretendo enriquecer os meus conhecimentos pessoais e profissionais.

Em suma, só quando começamos mesmo a trabalhar é que damos verdadeira importância às coisas que já passaram e pensamos que se fosse hoje não faríamos nada assim. Ser professor nos dias de hoje implica sermos humildes, atualizados, empenhados, esforçados, reflexivos e inovadores.

Referências Bibliográficas

- Aharoni, R. (2008). *Aritmética para pais*. Temas de Matemática. Lisboa: SPM. Gradiva.
- Alarcão, I. & Tavares, J. (2003). *Supervisão da prática pedagógica – uma perspectiva de desenvolvimento e aprendizagem*. (2.ªed.). Coimbra: Edições Almedina.
- Alegria, M. F., Loureiro, M., Marques, M. A. F. & Martinho, A. (2001). *A prática pedagógica na formação inicial dos professores*. Lisboa: Areal Editores;
- Almeida, A (1998). *Visitas de estudo: concepções e eficácia na aprendizagem*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Alsina, A. (2004). *Desenvolvimento de competências matemáticas com recursos lúdico-manipulativos. Para crianças dos 6 aos 12 anos*. Porto: Porto Editora.
- Andrade, M. I. (1995). *Educação para a saúde: Guia para professores e educadores*. Lisboa: Texto Editora;
- Aranão, I. V. D. (1996). *A matemática através de brincadeira e jogos*. Campinas: Papyrus.
- Barbeiro, L. (1998). *O jogo no ensino – aprendizagem da língua*. Leiria: Legenda;
- Bettelheim, B. (1975). *Psicanálise dos contos de fadas*. Lisboa: Bertrand Editora;
- Bezerra, M. J. (1992). *O material didático no ensino da matemática*. Diretoria do Ensino Secundário/ campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário/MEC. Rio de Janeiro.
- Borràs, L. (2002). *Manual da educação infantil: recursos e técnicas para a formação no século XXI*. Setúbal: Marina Editores.
- Brougère, G. (1995). *Jeu et education*. Paris: L’Harmatta;
- Caldeira, M. F. (2009) *Aprender a matemática de uma forma lúdica*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus; Cardoso, V. C. (2002). *Materiais didáticos para as quatro operações*. 5ª. Ed. São Paulo: CAEM/IME-USP.
- Canelas, M. C.; Grilo, M. J. (1991). *Guia do Professor de Língua Portuguesa*. I Vol. 1.º Nível. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Cordeiro, M. (2007). *O livro da Criança – do 1 aos 5 anos*. Lisboa: A Esfera dos Livros.

- Cordeiro, M. (2008). *O livro da criança: do 1 aos 5 anos* (3.^a ed.). Lisboa: A Esfera dos Livros.
- Cortesão, L. (1993). *Avaliação Formativa – Que Desafios?* Lisboa: Edições Asa.
- Cortesão, L. (1996). *A avaliação formativa. Que desafios?* (2.^a ed.) Lisboa: ASA.
- Cunha, A.C. (2008). *Ser professor – bases de uma sistematização teórica*. Braga: Casa do Professor.
- Departamento da Educação Básica. (1998). *Processos de reconhecimento e validação de competências*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Departamento da Educação Básica. (2004). *Organização Curricular e Programas do 1.º Ciclo do Ensino Básico*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Deshaies, B. (1997). *Metodologias da Investigação em Ciências Humanas*. Lisboa: Instituto Piaget (trabalho original em francês publicado em 1992).
- Despacho Normativo nº 1/2005 de 5 de janeiro. *Diário da República nº 3/2005 – I Série-B*. Ministério da Educação;
- Dottrens, R. (1975). *O ensino individualizado*. Porto: Livraria Civilização
- Dutra, J.E. e Marchini, J. S. (2008). *Ciências Nutricionais*. São Paulo: Editora Sarvier.
- Educação, M. d. (2006). *Organização Curricular e Programas Ensino Básico - 1º Ciclo*. Mem Martins: Departamento da Educação Básica.
- Elkonin, D. B. (1998). *Psicologia do Jogo*. São Paulo: Livraria Martins Fontes.
- Estanqueiro, A. (1990). *Aprender a estudar – um guia para o sucesso na escola*. Lisboa: Texto Editora;
- Figueiredo, M.A.R. (2004). *Um novo olhar sobre as rotinas*. Lisboa: Edições “Bola de Neve”. Coleção Inovação nº 5;
- Formosinho, J., Katz, L., Lino, D. e McClellan, D. (1996). *A educação pré-escolar – a construção social da moralidade* (1.^a ed.). Lisboa: Texto Editora

Formosinho, J. (2001). *A formação prática de professores: da prática docente na instituição de formação à prática pedagógica nas escolas*. In B. Campos (2001). *Formação profissional de professores no ensino superior*. Porto: Porto Editora;

Formosinho, J. O. (2002) *A supervisão na formação de professores – Da Sala à Escola*. Porto Editora.

Gomes, A.; Fernandes, A.; Cavacas, F.; Gonçalves, J.; Gonçalves, M.; Ribeiro, M. A.;

Guimarães, C. M. & Lopes, C. C. G. (2007). *As Práticas Educativas-Formativas na Formação Inicial do Profissional da Educação Infantil*. Recuperado em 2012, 11 de junho de <http://nonio.eses.pt/interaccoes/artigos/H1%281%29.pdf>

Hohmann, M., Banet, B., & Weikart, D. P. (1992). *A criança em ação*. (3.ªed.). Lisboa: Calouste Gulbenkian. (trabalho original em inglês publicado em1995).

Hohman, M. e Weikart, D. P. (2004). *Educar a criança*. (3.ªed) Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Leite, C.; & Fernandes, P. (2002). *A avaliação das aprendizagens dos alunos: novos contextos, novas práticas*. Porto: Edições ASA.

Lima, A.F. (2001). *Pré-escola e alfabetização*. Petrópolis: Editora Vozes;

Magalhães, V. (2008). *A Promoção da Leitura Literária na Infância: 'Um Mundo de Verdura' a não perder*. In Sousa, O. & Cardoso, A. (eds). *Desenvolver Competências em Língua Portuguesa*. Lisboa: Centro Interdisciplinar de Estudos Educacionais da Escola Superior de Lisboa; pp. 55-73.

Martins, I. P. et al. (2007): *Educação em ciências e ensino experimental: formação de professores*. Lisboa: Ministério da Educação;

Martins, I. P., Veiga, M. L., Teixeira, F., Tenreiro-Vieira, C. Vieira, R. M. e Rodrigues, A. V. (2009). *Despertar para a ciência – actividades dos 3 aos 6* (1.ª edição). Ministério da Educação, Direcção Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular. Coleção Ensino Experimental das Ciências.

Marques, R. (2001). *Saber educar – guia do professor*. Lisboa: Editorial Presença.

Mata, L. (2006). *Literacia Familiar – Ambiente familiar e descoberta da linguagem escrita*. Porto: Porto Editora.

Ministério da Educação (1997). Departamento da Educação Básica, Núcleo de Educação Pré-Escolar. Orientações curriculares para a educação pré-escolar. Lisboa: Ministério da Educação.

Ministério da Educação (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Editorial do Ministério da Educação

Ministério da Educação (2007). *Currículo Nacional do Ensino Básico. Competências Essenciais*(2.^a ed.). Lisboa: Ministério da Educação.

Ministério da Educação. (2011). *Avaliação na educação Pré-Escolar (circular n.º 4/DGIDC/DSDC/2011)*. Lisboa: Ministério da Educação;

Moreira, D. e Oliveira, I. (2003). *Iniciação à Matemática no Jardim de Infância*. Lisboa: Universidade Aberta.

Nabais, J. A. (s.d.). *À descoberta da matemática com o calculador multibásico*. Rio de Mouro: Educa

Oliveira, M. A. (2008). Dinâmicas de leitura infantil. Título original (2006). Prior Velho: Editora Paulinas.

Palhares, P., Gomes, A. E. Mamede, E. (2002). A formação para o ensino da Matemática no pré-escolar e no 1.º Ciclo. Em L. Serrazina (Org.), *A Formação para o ensino da Matemática na Educação Pré-Escolar e no 1.º Ciclo do Ensino Básico* (pp. 1-36). Porto: Porto Editora.

Palhares, P. (2004). *Elementos de Matemática para professores de ensino básico*. Lisboa: LIDEL.

Pérez, M. R. (s.d). *Desenho curricular de aula como modelo de aprendizagem ensino*. Comunicação apresentada no Seminário Internacional I. Madrid;

Pérez, M. R. (2003). O currículo como marco da sociedade do conhecimento. Lisboa: ESE João de Deus. (sem data)

Pérez, M. R. (2012).

Perrenoud, P. (1999). *Avaliação da excelência à regulação das aprendizagens: entre duas lógicas*. Porto Alegre: Artemed

Peterson, P. D. (2003). *O professor do ensino básico: perfil e formação*. Lisboa: Instituto Piaget.

Pires, A. (2002). *Escrever, um acto de aprendizagem*. Lisboa: Ministério da Educação;

Plano Nacional de Leitura. (2008a). *Orientações para Actividades de Leitura. Programa – Está na Hora da Leitura: 1.º Ciclo*. Lisboa: Editorial do Ministério da Educação.

Plano Nacional de Leitura. (2008b). *Orientações para Actividades de Leitura. Programa – Está na Hora dos Livros: educação Pré-Escolar*. Lisboa: Editorial do Ministério da Educação.

Ponte, J. P. e Serrazina, M. L. (2000). *Didáctica da Matemática do 1.º Ciclo*. Lisboa: Universidade Aberta.

Proença, M. C. (1990). *Ensinar/aprender História: questões de didáctica aplicada*. Lisboa: Livros Horizonte;

Quina, I. P. (1991). *Crescer com a criança* (3.ª ed.). Lisboa: Codex.

Quintas, H.; Arco, J.; Mestre, M.; Gonçalves, M. R. (1997). *Identificação de níveis de reflexão em alunos em formação inicial*. Actas do I Congresso Nacional de Supervisão. Aveiro: Universidade de Aveiro.

Quivy, R e Campenhoudt, L. (2008). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. 3º ed. Lisboa: Gradiva.

Ramos, J. L. (2007). *Reflexões sobre a utilização educativa dos computadores e da internet na escola*. In Costa, F. A., Peralta, H. & Viseu, S. (orgs). *As TIC na educação em Portugal: concepções e práticas*. Porto: Porto Editora; pp. 143-169;

Reis, R. (2003). *Educação pela arte*. Lisboa: Universidade Aberta;

Reis, M. P. I. F.C. P. (2008). *A relação entre pais e professores: uma construção de proximidade para uma escola de sucesso*. Dissertação de Doutoramento. Málaga. Universidade de Málaga. Facultad de Ciências de la Educación. Departamento de didáctica de la lengua y la literatura.

Ribeiro, L. C. (1989). *Avaliação da aprendizagem*. Lisboa: Texto Editora;

Ribeiro, A. C. & Ribeiro, L. C. (1990). *Planificação e avaliação do ensino-aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.

Roldão, M. C. (1995). *O Estudo do Meio no 1º ciclo: fundamentos e estratégias*. Lisboa: Texto Editora

Ruivo, I. M. S. (2009). *Um novo olhar sobre o método da leitura João de Deus*. Tese de Doutoramento inédito. Universidade de Málaga. Departamento Didático da Língua e da Literatura da Faculdade de Ciências da Educação.

Santomé, J. T. (2006). *A desmotivação dos professores*. Mangualde: Edições Pedagogo;

Serrano, J. M. (2002) *Educação do Movimento*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus;

Santos, B.A. (1991). *Motricidade e jogo na infância*. Rio de Janeiro: Edições Sprint;

Serrazina, M. L. (1991). *Aprendizagem da Matemática: A importância da utilização de Materiais*, *Noesis*, 21, 37-39.

Silva, V. M. A. (1981). Nótula sobre o conceito de Literatura Infantil. In Domingos Guimarães de Sá. *A literatura infantil em Portugal – Achegas para a sua História*. Braga: Editorial Franciscana; pp. 11-15.

Silveira-Botelho, A. T. I. F. C. P. (2009). *As tecnologias de informação e comum na formação inicial de professores em Portugal*. Dissertação de Doutoramento. Universidade de Málaga. Facultad de Ciencias de la Educación. Departamento de didáctica de la lengua y la literatura.

Sim-Sim, I.; Duarte, I.; Ferraz, M. (1997). *A língua materna na educação básica. Competências nucleares e níveis de desempenho*. Lisboa: Ministério da Educação, Departamento de Educação Básica.

Sim-Sim, I. (2006). *Ler e ensinar a ler*. Porto: Edições ASA;

Sim-Sim, I. (2007). *O ensino da leitura: a compreensão de textos*. Lisboa: Ministério da Educação

Simons, U. M. (2007) *Blocos Lógico:150 exercícios para flexibilizar o raciocínio*. Petrópolis, RJ: Vozes.

Sousa, A. (2003). *Educação pela arte e artes na educação*. Lisboa: Horizontes Pedagógicos;

Spodek, B. & Saracho, O. N. (1998). *Ensinando crianças de três a oitos anos*. Porto Alegre: Editora Artmed

Vilar, A. M. (1998). *O professor planificador*. Porto: Asa.

Zabalza, M. A. (1998). *Qualidade em educação infantil*. Porto alegre: Artmed.

Zabalza, M. A. (2001) *Didática da educação infantil*, (3.ªed.). Rio Tinto: Edições ASA.

Eletrónicas

Alegria, M. F. Loureiro, M. Marques, M. A. F. Martinho, A. (2001). *A Prática Pedagógica na formação inicial de Professores*. Recuperado em 2009, agosto 29.

<http://www.metasdeaprendizagem.min-edu.pt/educacao-pre-escolar/metas-de-aprendizagem/metas/?area=42elevel=1>. Recrupado em 15 de janeiro de 2012.